



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CULTURAIS, MEMÓRIA
E PATRIMÔNIO**

MESTRADO PROFISSIONAL

CAROLINA PIMENTA CARDOSO

**PRAÇA DAMIANA DA CUNHA: PRESERVAÇÃO E MEMÓRIA DO
PATRIMÔNIO DE MOSSÂMEDES, GOIÁS**

GOIÁS - GO

2025

CAROLINA PIMENTA CARDOSO

**PRAÇA DAMIANA DA CUNHA: PRESERVAÇÃO E MEMÓRIA DO
PATRIMÔNIO DE MOSSÂMEDES, GOIÁS**

Relatório Técnico apresentado à banca do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio, Mestrado Profissional da Universidade Estadual de Goiás - Campus Cora Coralina (PROMEP/UEG), como requisito para a obtenção do Título de Mestre.

Orientador: Professor Dr. Ricardo Oliveira Rotondano

GOIÁS - GO

2025

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL (BDTD)

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, CsA nº 1.087/2019 sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/1998, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data. Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do(a) autor(a).

Dados do autor (a)

Nome completo: Carolina Pimenta Cardoso

Email: carolinapimeenta@outlook.com

Dados do trabalho

Título: Praça Damiana da Cunha: Preservação e Memória do Patrimônio de Mossâmedes - Goiás

Tipo:

☐ Tese ☐ Dissertação ☒ Relatório Técnico

Curso/Programa: PROMEP – Mestrado Profissional em Estudos Culturais
Memória e Patrimônio.

Concorda com a liberação

documento ☒ SIM ☐ NÃO

¹Período de embargo é de até um ano a partir da data de defesa.

Goiás-GO, 23 de junho de 2025

Documento assinado digitalmente
 CAROLINA PIMENTA CARDOSO
Data: 23/06/2025 14:01:01-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura autor(a)

Documento assinado digitalmente
 RICARDO OLIVEIRA ROTONDANO
Data: 23/06/2025 14:02:14-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do orientador(a)

CATALOGAÇÃO NA FONTE

Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina

C268p	Cardoso, Carolina Pimenta. Praça Damiana da Cunha : preservação e memória do patrimônio de Mossâmedes, Goiás [manuscrito] / Carolina Pimenta Cardoso. – Goiás, GO, 2025. 115 f. ; il. Orientador: Prof. Dr. Ricardo Oliveira Rotondano. Relatório Técnico (Mestrado em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2025. 1. Patrimônio cultural - Mossâmedes, GO. 1.1. Espaços públicos. 1.1.1. Memória. 1.1.2. Preservação. I. Título. II. Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina. CDU: 719(817.3)
-------	---

Bibliotecária responsável: Marília Linhares Dias – CRB 1/2971

CAROLINA PIMENTA CARDOSO
PRAÇA DAMIANA DA CUNHA: PRESERVAÇÃO E MEMÓRIA DO
PATRIMÔNIO DE MOSSÂMEDES, GOIÁS

Relatório técnico para apresentação à banca do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio, Mestrado Profissional da Universidade Estadual de Goiás – Campus Cora Coralina (PROMEP/UEG), como requisito para a obtenção do título de Mestre em História. Aprovado aos ____ de ____ de ____, pela Banca Examinadora composta pelos seguintes docentes:

Prof. Dr. Ricardo Oliveira Rotondano – Universidade Estadual de Goiás (UEG)
Orientador

Profa. Ms. Verónica Stáffora – Universidad de Buenos Aires (UBA)
Membro externo

Profa. Dra. Janete Rego Silva – Universidade Estadual de Goiás (UEG)
Membro interno

Prof. Dr. Rodrigo Eduardo Rocha Cardoso – Universidade Estadual do
Sudoeste da Bahia (UESB)
Membro externo (suplente)

Goiás, 14 de maio de 2025.

Cidade do século do ouro Mossâmedes tem histórias pra contar

Testemunhos de fé e de missão

Que nem o tempo pode apagar

Tudo começou com Jesuítas

Que aqui vieram implantar

A fé católica em nosso meio

E a Matriz de São José edificar

250 anos¹ de muita história pra contar

De fé, missão e participação

Venha, vamos juntos celebrar

Por amor muitos doaram suas vidas

Quando aqui vieram morar

Padres religiosos e leigos

Testemunharam aqui neste lugar

Eudorico Maria Marques, Padre Chico

Que deu sua vida por este lugar

Tantos outros também contribuíram

Pra chama da fé não se apagar

Venha, vamos juntos celebrar

Folias de reis, Espírito Santo e São José

Todos os anos nos fazem recordar

Que as sementes precisam ser lançadas

E cuidadas para germinar

Homens e mulheres de Deus se encarregam das sementes

cuidar

Para que produzam bons frutos

E o reino de Deus anunciar

¹ Letra da Música “Nossa História” escrita por Aparecida Maria Modesto, pesquisa histórica por Célia Maria da Silva em homenagem aos 250 anos da Igreja Matriz de São José de Botas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fauLTxikCA>

250 anos de muita história para contar
De fé missão e participação
Venha vamos juntos celebrar
Novenas nas comunidades
Batismo e Sacramento a reforçar
Terço dos homens de fé
A Maria a mãe de Deus entregar
Momentos de fé e devoção conduzem os fiéis a caminhar
Cada um doando o seu talento
Para o reino de Deus edificar
Santas Missões momento inesquecível
Veio a fé do povo avivar
Carreata da Mãe Aparecida
Em outubro todos saem a festejar
Maio e agosto meses esperados
Tempo da Fé revigorar
Com novenas quermesse e alegria
Espírito Santo e o Padroeiro Celebrar
250 anos de muita história para contar
De fé missão e participação
Venha vamos juntos celebrar
Mais de dois séculos se passaram
De lutas de fé e de labor
Mas nada vence aquele que confia
E acredita em Deus o criador
Nos enviou Jesus seu próprio filho
Com a grande missão de ensinar
Que cada filho seu é convidado
O seu evangelho propagar
250 anos de muita história para contar
De fé, missão e participação
Venha vamos juntos celebrar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me permitir viver esse sonho. Ele sabia do anseio do meu coração, o qual eu havia esquecido, que era ser mestre por uma faculdade pública. Mais uma vez me surpreendeu como sempre me surpreende, em todas as áreas da minha vida. Toda honra e glória somente a Ele.

Agradeço ao meu Orientador Dr. Ricardo Oliveira Rotondano, fora da curva e da média, um ser humano excepcional, que desde a primeira reunião me acolheu e segurou a minha mão e de fato me orientou. Ricardo, admiro muito sua sabedoria e capacidade. Muito obrigada.

A minha mãe Rosana, a qual é meu folego de vida, meu amor incondicional. Uma mulher única, guerreira, que me ensina e inspira a ser melhor todos os dias. Não teve a oportunidade de concluir o ensino fundamental, mas sempre imprimiu em mim a necessidade da educação e nunca mediu esforços para que eu tivesse o melhor. Amo-te, mamãe.

A Maria Angélica, minha patroa, amiga, confidente e conselheira. Obrigada por todo cuidado e incentivo, você faz a diferença na minha vida.

A minha eterna professora Magda Régia, que me mostrou que existe uma vida depois da “Ponte do Macacão”. Que vida incrível, minha querida! Obrigada por me ensinar e ensinar tantos outros com seu jeito singular. Sou grata por cada professor que passou pela minha caminhada acadêmica, mas você me permitiu sonhar e acreditar que eu era capaz, sim. Se não fosse sua primeira aula, no ano de 2012, quando nos contou a quantidade de formações que possuía, eu, inocente, nem imaginava que alguém conseguiria tantos títulos acadêmicos. Talvez eu nem estivesse aqui. Naquele dia, algo mudou. A certeza que concretizei dentro de mim foi que, um dia, eu queria conseguir ser igual a você. Quanta audácia, não é verdade?! Impossível duas “Magdas”... Você é única. Obrigada por ter aceitado lecionar no primeiro ano “C”. Logo você, que não gostava da turma do primeiro ano! Mas, olhando hoje, posso ver que tudo tinha um propósito.

A minha eterna professora de história Lívia, dedico esse mestrado em história a você, pois sei do seu amor pelo ensino e na minha memória ainda está gravada as aulas onde você nos ensinava de uma forma tão singular. Ao João

Machado, meu eterno professor/amigo que sempre ensinou com leveza e com muita sabedoria.

A minha amiga, irmã de alma, Isadora, sua família me permitiu chamar Mossâmedes de lar, e foi com esse olhar de amor por essa cidade que surgiu o interesse pela pesquisa.

A Jordana, que foi um encontro nessa caminhada. Aos colegas do PROMEP, que juntos compartilhamos tantos momentos bons.

A Dailza e Keley, mulheres como vocês são raras, uma verdadeira força da natureza! Obrigada por cada troca, por cada momento e pelo interesse genuíno. Vocês inspiram!

Gratidão!

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Linha do Tempo da Cidade de Mossâmedes	27
Figura 2 - Planta da Aldeia de São José de Mossâmedes	28
Figura 3 - Planta Modificada da Aldeia de São José de Mossâmedes	29
Figura 4 - Planta inicial do Aldeamento de São José de Mossâmedes	30
Figura 5 - Planta Típica de Missão Jesuítica - 1	34
Figura 6 - Planta Típica de Missão Jesuítica - 2	35
Figura 7 - Igreja Matriz de São José de Botas	37
Figura 8 - Desfile de Carro de Boi na Porta da Igreja Matriz de São José	38
Figura 9 - Tradicional Encontro de Folia na Igreja Matriz de São José de Botas	40
Figura 10 - Decoração da Igreja em Homenagem aos seus 250 anos	41
Figura 11 - Damiana da Cunha	42
Figura 12 - Escultura em Homenagem a Indígena Damiana da Cunha	47
Figura 13 - Praça Damiana da Cunha	62
Figura 14 - Praça Damiana da Cunha – 2024	66
Figura 15 - Festividade da Igreja Matriz de São José de Botas – 2024	67
Figura 16 - Praça Damiana da Cunha	68
Figura 17 - Crianças Jogando Bola em Frente à Igreja	70
Figura 18 - Chegada da Folia na Praça Damiana da Cunha	71
Figura 19 - Joaquim Batista Leite, sua esposa e suas filhas	72
Figura 20 - Carros de Boi	74
Figura 21 - Praça Damiana da Cunha na época da televisão	76
Figura 22 - Igreja Matriz de São José de Botas	79
Figura 23 - Página Inicial do site	89
Figura 24 - Principais Abas do Site	90
Figura 25 – Aba do site em homenagem aos povos originários que construíram a Igreja Matriz de São José de Botas	91
Figura 26 - Homenagem aos povos originários	92
Figura 27 - Espaço para Colaboração do Público	93
Figura 28 - Seção “Damiana da Cunha”	94
Figura 29 - Seção “Praça Damiana da Cunha”	95
Figura 30 - Seção “Cidade - Mossâmedes”	96

RESUMO

O objetivo deste estudo, inserido na linha de pesquisa Cultura, Preservação e Identidades, é demonstrar a importância e a necessidade de preservar espaços públicos que possuem significados para as pessoas que os frequentam, utilizando o conceito de memória em diálogo com diversos autores a partir de questionamentos norteadores passíveis de problematização. A presente pesquisa promove um estudo sobre a Praça Damiana da Cunha, situada na cidade de Mossâmedes, Goiás, explorando a conexão entre memória, patrimônio cultural, experiência vivida e espaços públicos. A fim de alcançar os objetivos propostos, a metodologia utilizada desdobrou-se em quatro etapas: a primeira, ocorreu a realização do levantamento bibliográfico, de autores que discutem o patrimônio, memória e identidade; a segunda etapa foi realizada a investigação de dados e documentos escritos e fotográficos, junto a Paróquia de Mossâmedes, Paróquia da cidade de Goiás e na Prefeitura Municipal, que corroboraram para todas as informações utilizadas na pesquisa; a terceira etapa resumiu-se nas entrevistas semiestruturadas com moradores da cidade de Mossâmedes, que frequentam a praça; e, a quarta e última etapa, a partir de todos os dados, documentos e entrevistas coletadas, desenvolveu-se a partir da organização de todo o material possibilitando a escrita do relatório técnico e o desenvolvimento do produto. Como produto da pesquisa, foi pensado e projetado um site colaborativo e de natureza repositória, dedicado ao armazenamento de dados históricos, fotografias, memórias e outras mídias digitais relacionadas à história de Mossâmedes a partir da Praça Damiana da Cunha, associando as memórias transmitidas pelos participantes na pesquisa e fortalecendo o sentido de lugar.

Palavras-chave: Patrimônio; Espaços públicos; Memória; Praça Damiana da Cunha; Mossâmedes.

ABSTRACT

This study, situated within the research line *Culture, Preservation, and Identities*, seeks to underscore the critical importance of preserving public spaces that embody symbolic and cultural significance for the communities that engage with them. Anchored in the conceptual framework of memory and informed by a multidisciplinary dialogue with key theoretical contributions, the research problematizes the role of public space in the construction of collective identity. The investigation centers on Damiana da Cunha Square, located in the small city of Mossâmedes, Goiás, and explores the interrelations among memory, cultural heritage, spatial experience, and urban sociability. The methodological approach was structured into four sequential phases: (1) a comprehensive bibliographic review of literature addressing heritage, memory, and identity; (2) the collection and analysis of written and photographic documentation sourced from the Parish of Mossâmedes, the Parish of Goiás, and the Municipal Government; (3) the conduction of semi-structured interviews with local residents who habitually interact with the square; and (4) the systematization of data for the production of a technical report and the development of the research product. As a main outcome, a collaborative and archival digital platform was conceptualized and developed. This platform functions as a repository for historical records, photographs, personal narratives, and other digital media, aiming to preserve and disseminate the collective memory associated with Damiana da Cunha Square and, by extension, the broader historical identity of Mossâmedes. The initiative contributes to the reinforcement of place-based memory and the valorization of shared heritage.

Keywords: Cultural Heritage; Public Space; Collective Memory; Damiana da Cunha Square; Mossâmedes.

Sumário

INTRODUÇÃO	14
1. O BEM CULTURAL PESQUISADO: DISCUSSÃO TEÓRIO- METODOLÓGICA.....	20
1.1. Do Histórico Local da Pesquisa	21
1.2. Igreja Matriz de São José de Botas.....	32
1.3. Indígena Damiana da Cunha.....	42
2. A Pesquisa.....	49
2.1. Conceito	49
2.2. As Metodologias Utilizadas	52
3. INTERVENÇÕES E REPRESENTATIVIDADE PATRIMONIAL NA PRAÇA DAMIANA DA CUNHA.....	59
3.1. Modificações.....	63
3.2. Memória e Pertencimento	67
3.3. Praça.....	69
3.4. Igreja.....	78
3.5. Damiana da Cunha	81
4. ALDEIA: ONDE AS RAÍZES CONTAM HISTÓRIAS	88
4.1. Aplicando o Produto Proposto.....	88
4.2. Devolutiva Para a Comunidade	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
ARQUIVOS CONSULTADOS	101
ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS	102
REFERÊNCIAS.....	103
ANEXOS	108

INTRODUÇÃO

Não sou mossamedina. Nem nascida ou criada. Embora não eu não seja natural de Mossâmedes, hoje tenho o privilégio de chamar esta cidade de lar, com o coração aquecido pela honra de ser cidadã por titulação. Minha primeira visita ao município foi há muitos anos, ainda criança, a qual muito curiosa e atenta, e não foi diferente como uma turista, ao ver o monumento construído na praça. Naquela época, lembro-me bem, na reforma das tubulações de água, com as escavações para chegar até os canos, foi descoberto covas ao redor da igreja matriz. Fiquei impressionada com as histórias contadas sobre aqueles restos humanos, as covas abertas, muitas pessoas trabalhando, algumas observando; sentei no banco da praça, desgastado pelo tempo, com a minha amiga Mariângela, e juntas ficamos observando todo o movimento.

O tempo passou, e eu nem imaginava que estava predestinada a mudar e me apaixonar por essa cidade. Cresci, tive a oportunidade em me graduar em Direito², atuando na área notarial, me tornando uma grande entusiasta por história e patrimônios. No ano de 2020 no meio da pandemia mundial (Covid 19), recebi a proposta de emprego para gerenciar um cartório de notas na cidade de Mossâmedes, aceitei essa grande oportunidade. Chegando à cidade, percebi que a mesma curiosidade e encanto pela praça Damiana da Cunha e pelo monumento construído nela continuava; naquele momento, ansiei conhecer a história mais a fundo.

Há quatro anos tenho o privilégio de chamar Mossâmedes de lar, e a cada dia meu coração se enche de mais felicidade e gratidão por estar aqui. Este lugar, com sua beleza singular e história rica, é realmente fantástico. O desdobrar da pesquisa sobre a região tem sido uma jornada emocionante, revelando segredos, histórias e tradições que tornam cada experiência única e inesquecível. Mossâmedes não é apenas um local onde vivo, mas um pedaço de terra que me inspira e me transforma, dia após dia.

Sempre soube que o tema desta pesquisa seria sobre a praça. A cada questionamento crescente sobre a história local deixava claro que Mossâmedes

² Faculdade de Anicuns, de 2015 a 2019.

começa e termina na Praça Damiana da Cunha. Algumas alterações foram necessárias, conforme a pesquisa caminhava e os estudos se aprofundavam a partir do conceito patrimônio cultural e nas possibilidades que as entrevistas geravam, a partir das investigações em relação às memórias e percepções da população ligada à Praça se tornavam mais complexas.

Dessa forma, ficou evidente que a Praça Damiana da Cunha não é apenas um espaço físico, mas um verdadeiro repositório de histórias, afetos e identidades que conectam gerações. Cada relato coletado revelou camadas de significados, desde memórias de infância até a vivência cotidiana, compondo um mosaico rico e dinâmico. Concluir esta pesquisa é, portanto, mais do que encerrar um ciclo acadêmico; é celebrar a importância da praça como o coração pulsante de Mossâmedes, um lugar onde o passado e o presente se encontram para fortalecer a identidade coletiva de sua gente.

No início, a cidade de Mossâmedes era denominada como aldeamento São José de Mossâmedes, o qual teve sua ocupação ensejada com o intuito de ser um apoio aos homens da coroa, o que culminou na intensificação do povoamento dos povos indígenas Karajá, Javaés, Kayapó, Xavante e Tupis. No ano datado como o início do aldeamento 1774, foi construído pelos indígenas a Igreja Matriz de São José de Botas³, no centro da Praça Damiana da Cunha.

A praça reflete o início da referida cidade. O seu nome foi designado em homenagem à Damiana da Cunha, uma mulher indígena que durante o século XVIII, ainda criança, mudou-se para aldeamento São José de Mossâmedes juntamente com outros parentes da etnia Kayapó, seguindo o direcionamento do governo da província de Goiás. A referida personagem teve grande influência na igreja Matriz de São José de Botas como catequizadora dos indígenas da região, além de missionária, tendo auxiliado na missão de povoamento do aldeamento de São José de Mossâmedes.

Nesta perspectiva, a relevância social da pesquisa é para contribuir na compreensão da população mossamedina e da comunidade acadêmica sobre a importância da historicidade de Mossâmedes, demonstrando a partir da Praça Damiana da Cunha a construção da história da cidade, que está revestida de simbologia, memória e sentido para os habitantes do município.

³ Igreja Matriz de São José, protegida por tombamento estadual, Lei nº 9.843/85. Disponível em: https://legisla.casacivil.go.gov.br/pesquisa_legislacao/85701/lei-9843

Essa pesquisa se dispõe a analisar o contexto histórico social criado a partir da Praça Damiana da Cunha, visando o fortalecimento da identidade local. A praça, além dos seus diversos significados e memórias coletivas e individuais, está repleta de histórias sobre a construção da cidade de Mossâmedes, histórias essas que ao passar das décadas vêm sendo esquecidas.

Cada lugar tem suas particularidades, crenças e atividades que dão significados ao dia a dia de cada grupo. Olhar para eles de forma atenta e específica é essencial para novas descobertas e novos bens que merecem cuidados. Vai muito além da edificação: é a memória perpassada ao decorrer dos anos e o sentimento de pertencimento, conforme destaca Lima (2017):

O patrimônio, então, se apresenta como possibilidade de promover uma rede de convívio e sociabilidade que transmuta o sentido de cidade ou espaços modernos. Combinam-se a resistência do espaço e do tempo, não só pelos acúmulos históricos que rememoram o passado, mas por meio de relações sociais que persistem, pelo sentido de pertença e pela construção da identidade partilhada, ora como passado, ora como presente e ora como devir (Lima 2017, 24).

A pesquisa tem como objetivo o empenho de identificar e fortalecer o vínculo da população e seu Patrimônio Cultural. Não apenas ensinar a preservar um bem edificado, claro: a praça está inteiramente ligada ao único bem tombado na cidade, o que sem dúvida alguma trará um olhar mais atento para a edificação, mas também destacar a importância das memórias e das relações afetivas que a população mantém com esse espaço.

Ao compreender a praça como um elemento central da vida comunitária e como extensão simbólica do bem tombado, busca-se incentivar um senso de pertencimento e responsabilidade coletiva. Dessa forma, esta pesquisa visa não apenas à preservação física, mas à valorização do significado cultural e histórico que fortalece a identidade local. Além disso, a intenção aqui apresentada é associar um lugar de memória com a vida cotidiana, criando símbolos e possibilitando novos significados e ressignificados.

Não se trata, portanto, de pretender imobilizar, em um tempo presente, um bem, um legado, uma tradição de nossa cultura, cujo suposto valor seja justamente a sua condição de ser anacrônico com o que se cria e o que se pensa e vive agora, ali onde aquilo está ou existe. Trata-se de buscar, na qualidade de uma sempre presente e diversa releitura daquilo que é tradicional, o feixe de relações que ele estabelece com a vida social e simbólica das pessoas de agora. O feixe de significados que a sua presença significativa provoca e desafia (Brandão, 1996, 51).

Ao longo do tempo, a Praça Damiana da Cunha é utilizada para a realização das principais festividades do município, como missas da igreja Matriz de São José, celebração realizada ao ar livre, a tradicional festa de maio, festas juninas, festa de agosto em louvor ao padroeiro São José. Além disso, se destaca como cartão postal da cidade, demonstrando todo o charme do Município.

O espaço público está repleto de significados para diversos grupos sociais, que utilizam a praça de diferentes formas. “Esses significados costumam estar associados à forma como território é utilizado ou valorizado por certo grupo, são as experiências dessas pessoas que dão sentido especial ao lugar” (Manual de Aplicação, IPHAN, p. 31).

Importante destacar que os monumentos e os espaços públicos do nosso país são frequentes alvo de reformas e modificações pelo poder público. Seja pela necessidade de reformas, pelos conflitos gerados entre o ser social e a política, pelo dia a dia de cada lugar ou mesmo pelas transformações ocorridas por força da natureza, hodiernamente ocorre a alteração e a modificação da estrutura original destas localidades e construções.

Em determinadas ocasiões, a alteração do espaço público acaba por causar contrariedade na população, pois o contexto geral do ambiente público é repleto de representação e de significados para o grupo que ali frequenta. Modificar o espaço é, também, modificar a memória que as pessoas têm desses lugares. Dessa forma, pode-se indicar que “na percepção do seu ambiente cotidiano, alguns habitantes podem se mostrar sensíveis ao desaparecimento de uma rua, um prédio, uma casa. Lugares que façam algum sentido” (Coelho, 1996, p. 40).

As praças, por sua vez, são espaços públicos presentes nas cidades em geral, frequentados por pessoas de diferentes faixas etárias, grupos sociais e concepções de vida. Tais espaços públicos são utilizados para uma variedade de fins pela população urbana, como manifestações artísticas, lazer, descanso, recreação, além de outras atividades.

É interessante observar que a intenção do poder público nas modificações dos espaços urbanos é melhorar a utilização desses locais pelos grupos que os frequentam. Contudo, antes de implementar qualquer alteração, é fundamental

ouvir as queixas e as demandas dos frequentadores que possuem experiência no local. Isso permite buscar novas formas de aproveitar o espaço, conciliando as reformas propostas com os interesses e as emoções da população local.

Por ser considerada um cartão postal e um ponto turístico para a cidade de Mossâmedes, a praça Damiana da Cunha é mantida sempre em ótimo estado de conservação. O último restauro documentado da praça foi datado do ano de 2013, mais especificadamente 10 de dezembro de 2013, tendo sido concluído em 30 de outubro de 2016, conforme dados extraídos do relatório emitido pela empresa responsável Mastersolo em 31 de julho de 2014.

Os processos de revitalização e preservação, no entanto, podem resultar em intervenções que afetam a memória que as pessoas possuem acerca dos monumentos, imagens e locais historicamente estruturados. Recentemente, a Praça Damiana da Cunha passou por uma reforma superficial, que incluiu apenas a pintura da escultura de Damiana da Cunha e dos bancos da praça.

Para uma compreensão mais aprofundada da Praça Damiana da Cunha, foi necessária a realização de uma pesquisa de campo, a qual, por meio de procedimentos metodológicos específicos, se revelou fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa científica. Esses procedimentos permitiram a coleta de dados essenciais, viabilizando a construção deste trabalho.

A primeira etapa consistiu na realização de um levantamento bibliográfico, com a análise de autores que abordam os temas de patrimônio, memória e identidade. Essa revisão foi essencial para embasar teoricamente a pesquisa, proporcionando uma compreensão mais profunda dos conceitos e das abordagens existentes sobre a relação entre espaços urbanos e a construção de identidade coletiva. A partir dessa base teórica, foi possível direcionar o estudo de forma mais assertiva, integrando as reflexões de diversos autores com a realidade local e os objetivos da pesquisa.

A segunda etapa foi realizada uma investigação para desarquivar dados e documentos, que corroboraram para as principais informações utilizadas na pesquisa. Através de um levantamento de documentos históricos na Paróquia da Igreja de Mossâmedes, na Paróquia da cidade de Goiás e na Prefeitura de Mossâmedes. Na paróquia de Mossâmedes e Goiás, foi possível ter acesso a certidão de casamento da Índia Damiana da Cunha, informações sobre as festividades religiosas que se realizam na praça. Já na Prefeitura de

Mossâmedes, obtive os documentos comprobatórios da reforma da praça e fotos que possuem em seu acervo.

A terceira etapa resumiu-se nas entrevistas semiestruturadas com moradores da cidade de Mossâmedes, dentre eles o padre da Igreja, a Prefeita do Município, professores aposentados, jovens e idosos que frequentam a praça, sendo entrevistados cerca de 12 pessoas. Justificamos a escolha desse grupo, por se tratar de uma pesquisa que visa a reconexão e a reflexão do grupo para o seu próprio patrimônio. O resultado esperado só poderia ser alcançado ouvindo aqueles que estão presentes no espaço no seu dia a dia.

A quarta etapa, a partir de todos os dados, documentos e entrevistas coletadas, desenvolveu-se com a organização de todo o material e a escrita do relatório técnico.

Durante a realização das entrevistas, foram utilizados todos os termos necessários para que estivesse de acordo com as normas legais. Os termos utilizados são: o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e o Termo de Compromisso, os quais foram devidamente submetidos e aprovados pelo Comitê de Ética.

Conforme ocorreu o desenvolvimento do trabalho, foi pensada e projetada um *Site* com a história de Mossâmedes, a partir da Praça Damiana da Cunha, como o produto final da pesquisa. Será criado especialmente para disponibilizar o levantamento histórico, aqui apresentado, a partir de ilustrações de fotos que retratam a história da cidade.

O *Site* será intitulado "Aldeia" em homenagem à Aldeia São José de Mossâmedes. O nome reflete a essência do projeto, que busca preservar e promover a memória local. A escolha desse nome também faz referência à Aldeia Associação criada na cidade com o objetivo de cultivar a história e fortalecer a identidade cultural de Mossâmedes. Por meio do site, pretende-se resgatar, valorizar e compartilhar as histórias, tradições e o legado de uma comunidade que, ao longo dos anos, tem se dedicado à preservação de seu patrimônio e à transmissão de seus conhecimentos às futuras gerações.

A partir de uma metodologia de cunho qualitativo, utilizando-se o método hipotético-dedutivo, entrevistas semiestruturadas e recorrendo-se a fontes documentais e bibliográficas, será discutida como ideia central do trabalho a problemática em torno de lugares de memória. Isto porque discorrer sobre a

Praça Damiana da Cunha é, por conseguinte, “refletir sobre o conjunto de bens que é apresentado como nossa herança coletiva” (Scifoni, 2015, p. 199), numa incursão reflexiva sobre patrimônios construídos em uma sociedade.

A presente pesquisa almeja, assim, analisar a importância da preservação dos monumentos e dos espaços públicos, buscando refletir acerca dos seus limites e possibilidades, ressaltando a memória coletiva dos grupos sociais que ali vivem. Como objetivo adicional, busca-se problematizar o próprio conceito de memória, a partir do caso de Damiana da Cunha, questionando a homogeneidade e universalidade da narrativa histórica tradicional acerca da trajetória da referida personagem e população indígena, que teve/tem um papel crucial na construção do patrimônio mossamedino.

Considerando isso, este estudo desperta o interesse do leitor e da comunidade acadêmica para pesquisar e refletir sobre o tema do patrimônio cultural, da memória e da cultura. Afinal, quanto maior for o interesse de uma sociedade pelo seu patrimônio local, seu espaço de identidade e conexão com suas raízes, maior será o impacto social do conhecimento gerado para a construção de sua história.

Na prática, é questionar o lugar da verdade única e consolidada, e discutir, não só sobre uma praça, mas de qual perspectiva é vista pela população, quais memórias essas narrativas se apresentam, em qual contexto ela foi formulada e como se construiu o relato que nela se apresenta.

1. O BEM CULTURAL PESQUISADO: DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Esse item se desdobra sobre uma breve reflexão acerca da importância do patrimônio, não apenas como bens materiais ou monumentos, mas como elementos que carregam significado e sentido para os indivíduos e para a sociedade como um todo. Além disso, trazemos alguns dados sobre o surgimento do aldeamento de São José de Mossâmedes, problematizando como o passado histórico da cidade influencia ainda hoje nas principais práticas socioculturais do município.

Objetiva-se compreender a cidade como um território vivo, construído e reconstruído pelas pessoas que a habitam, destacando a importância da educação para uma compreensão mais profunda e significativa do patrimônio cultural.

Ademais, a reflexão aborda a ideia de patrimônio como herança cultural, que vai além do material, englobando saberes e memórias transmitidas ao longo do tempo. Essas heranças culturais são fundamentais para a formação da identidade e da memória coletiva de uma sociedade, contribuindo para a construção de laços de pertencimento e de continuidade histórica.

A noção de “lugar de memória”, conforme descrita por Maurice Halbwachs (1990) e Pierre Nora (1993), ressalta a importância dos espaços que carregam significados coletivos e individuais, que são marcados e moldados pela experiência vivida pelos grupos sociais. Esses lugares de memória são essenciais para a preservação e a transmissão da memória, mas também estão sujeitos ao desgaste e à necessidade de preservação.

Portanto, a reflexão nos leva a pensar não apenas na importância de preservar os patrimônios materiais, mas também na necessidade de valorizar e compreender os significados e os sentidos que esses patrimônios carregam para a construção da identidade e da memória coletiva de uma sociedade.

1.1. Do Histórico Local da Pesquisa

“Na Aldeia de São José a Cartilha e a Cruz se Cruzam.”

Cora Coralina⁴

Ao tratarmos sobre o bem cultural objeto de pesquisa, é imprescindível realizar uma breve análise do histórico local onde o bem se encontra. Compreender o contexto espacial, proporcionará uma base para entender aspectos essenciais sobre a Praça Damiana da Cunha. Os primeiros contatos sobre a historicidade local evidenciam a relação entre o passado histórico da

⁴ Cora Coralina foi uma poetisa e contista brasileira contemporânea. Escritora das coisas simples, ela é considerada uma das mais importantes do país. Fonte: <https://www.todamateria.com.br/cora-coralina/>

cidade e o presente, bem como as influências que sua formação inicial exerce até hoje sobre a identidade e a memória dos mossamedinos.

Considerando os estudos sobre cidades históricas, é impossível não destacar autores clássicos para compreender a idealização do aldeamento de Mossâmedes. Entre esses autores, temos como exemplo Barros (2007), Raminelli (1997), Pirenne (2009), Holanda (1995), entre outros. Fica evidente, ao estudar esses autores, que a construção dessas cidades são a materialização das necessidades de seus fundadores. A base da criação, sua arquitetura e formulação, são reflexos de um modelo estrutural fundamentados em um sistema econômico, político, social e cultural.

Nesses estudos, é possível destacar dois modelos de governo que eram aplicados durante o século XVIII, que são: o espanhol e o português que tinham diretrizes bases para a formação de vilas e aldeamentos, mas com algumas diferenças significativas entre os dois.

O autor Sérgio Buarque de Holanda, em sua obra *Raízes do Brasil* (1995), discute dois modelos de colonização que marcaram a história do Brasil e da América Latina: o português e o espanhol. No subtópico "O Semeador e o Ladrilhador", ele faz uma analogia entre essas duas abordagens coloniais, que, segundo ele, eram vistas como ideais para a expansão dos territórios.

O "Semeador" representa o modelo português, caracterizado pela exploração gradual e pelo cultivo das terras, com foco na construção de uma base social e econômica mais integrada ao território. Já o "Ladrilhador" simboliza o modelo espanhol, mais voltado para a organização imediata do território, com a construção de assentamentos e a divisão da terra de forma mais rígida. Ambos os modelos, apesar de terem objetivos semelhantes de expansão, refletiam diferentes formas de colonização e suas respectivas influências na formação das sociedades latino-americanas.

Segundo Holanda (1995) o "Semeador" simboliza a colonização portuguesa, que ficou caracterizada pela ocupação mais afastada do território, voltada para a exploração econômica comercial e pela atividade agrícola. Com pequenos núcleos de povoamento, os portugueses, buscavam estabelecer ao longo da costa brasileira, com sua produção principal do açúcar e posteriormente outros produtos agrícolas. O principal objetivo era expandir seus territórios para

explorar os recursos naturais e estabelecer relações comerciais que eram lucrativas.

No que tange o “Ladrilhador”, que representa a colonização espanhola, ficou caracterizado por ser um modelo autoritário e centralizado, que visava a conquista e a exploração intensa dos territórios. As colonizações espanholas estabeleceram grandes núcleos urbanos, como exemplo as cidades coloniais, buscando principalmente a extração de metais preciosos e a conversão ao catolicismo dos nativos. Seu principal objetivo era a expansão dos seus territórios com o intuito de obter riquezas e assim exercer total controle político nas regiões conquistadas.

Essas analogias foram utilizadas por Holanda (1995) para demonstrar as principais diferenças entre os modelos de colonização portuguesa e espanhola, e como foram influenciadas as colonizações latino-americanas. Sendo assim a colonização portuguesa resultou em uma sociedade mais adaptável e fluida, sendo que, a colonização espanhola resultou em uma sociedade mais rígida e hierárquica, levando a serias consequências que foram duradouras para as estruturas sociais e políticas das regiões colonizadas.

Para Santos (2010) em seus estudos sobre as formações dos aldeamentos durante o século XVIII, ele traz a discussão sobre o conceito de “mecanismos político do pombalismo”, a partir do método da aritmética política de William Petty, um economista e estatístico do século XVII. A aritmética consistia em métodos que eram aplicados de forma quantitativa para analisar questões econômicas e políticas. Dessa forma, Santos (2010), fez uso dessa abordagem para compreender como as políticas implementadas por Pombal exercia influência sobre o povo da América Portuguesa.

Sebastião José de Carvalho e Melo, mais conhecido como Marquês de Pombal, que foi um importante estadista português do século XVIII, servindo como primeiro-ministro durante o reinado de D. José I, entre 1750 e 1777. Durante seu governo, Pombal implementou uma série de reformas políticas, econômicas e sociais que visavam modernizar o país e fortalecer o poder central.

O “mecanismo político pombalino” gerou diversas reformas administrativas, econômicas e sociais, as quais tinham como objetivo centralizar o poder e assim fortalecer a administração colonial. Entre diversas medidas, a principal foi a reestruturação das capitanias hereditárias em capitanias gerais,

com o intuito de uma maior eficiência na gestão e exploração econômica das colônias.

Foram implementadas políticas incentivadoras, com o intuito de povoar e desenvolver as colônias, principalmente na região amazônica. Vários incentivos foram oferecidos para atrair colonos, como concessão de terras e isenção de impostos, com o estímulo para a produção agrícola e a exploração dos recursos naturais.

Sendo assim, com todos os estímulos e medidas, iniciou-se uma inquietação das colônias para demarcar e expandir seus territórios. O foco passou de povoar e explorar os recursos da colônia para o processo de civilização na criação de vilas e aldeamentos. “Pretendia-se incentivar as pessoas que se encontravam dispersas pela região a se reunirem em povoações civis e decorosas” (Santos, 2010, p. 81).

Contudo, a Coroa portuguesa demonstrou preocupação em demarcar o seu território. Conforme Santos:

Não obstante tal apreciação, a segunda metade do século XVIII foi um período pródigo em fundações de vilas na América portuguesa: cerca de 130 novas fundações contra quase 90 vilas que haviam sido instaladas nos primeiros 250 anos de colonização. Ainda que esses números possam conter alguma distorção,¹⁶ eles evidenciam o momento no qual a Coroa mostrou maior preocupação com a institucionalização de sua presença em terras americanas, colocando em prática uma política que buscava efetivar a ocupação e o povoamento do território que vinha sendo conquistado frente aos espanhóis (Santos, 2010, p. 83).

Com isso, a Coroa Portuguesa empenhou-se em assegurar as posses que tinha em seu domínio, incluindo as terras que pretendiam possuir através da “multiplicação das povoações civis e decorosas”, tendo em vista a necessidade que surgiu da demarcação dos novos limites que foram criados entre os territórios de Portugal e da Espanha. Para o Marquês de Pombal⁵, essa expansão desses novos povoados estava inteiramente ligada ao comércio.

Conforme o “mecanismo político” tratado por Pombal, os interesses do Estado só poderiam ser alcançados se o comércio, que era a principal fonte de

⁵ O Marquês de Pombal, cujo nome completo era Sebastião José de Carvalho e Melo, foi um estadista português que exerceu grande influência durante o reinado de Dom José I, entre 1750 e 1777. Ele ficou conhecido por suas reformas e por sua atuação enérgica, sendo um dos ministros mais poderosos da história de Portugal.

riqueza individual e nacional, fosse impulsionado. Porém, o comércio nacional só poderia prosperar se a população do país e logicamente das colônias, produzissem mercadorias necessárias, o que acarretava numa exploração racional das terras, resultando o aumento da extensão de terras agricultáveis.

A partir da necessidade de expansão, surgiu o aldeamento São José de Mossâmedes, em decorrência da recomendação feita pelo Secretário de Estado, Martinho de Melo e Castro, que recebeu orientação do então governador e capitão geral da capitania de Goiás, José de Almeida e Vasconcelos Soveral de Carvalho. O povoado foi fundado com o objetivo de estabelecer um novo núcleo de população, promovendo a integração dos habitantes locais, os povos originários, por meio do ensino religioso e da catequização.

Naquela época, a então capital Vila Boa estava focada na atividade de mineração, com suas ações fortemente influenciadas pela busca pelo ouro nas terras da região. Diante dos desafios, como o saque realizado pelos indígenas nas estradas que eram usadas para transportar o ouro, surgiu a necessidade de encontrar soluções. Foi então que surgiu o projeto da aldeia de São José, inicialmente destinada a abrigar os indígenas caiapós e utilizar a catequização como meio de integração.

A datação do surgimento do aldeamento é incerta. Enquanto Souza (1998), Saint-Hilaire (1975) e Cunha Matos (1856) discorrem sobre a afirmação de sua construção no ano de 1755 e reconstruído no ano de 1774, outros autores, como Ofélia Sócrates (1951) e Alencastre (1979), tratam sobre o aldeamento como se ele tivesse surgido no ano de 1774. Contudo, possui histórias sobre uma destruição entre 1755 e 1774, sendo reconstruído no ano de 1774, com a construção da igreja matriz. Todavia, os autores que afirmam ter ocorrido essa destruição, não conseguem explicar quais os motivos levaram e o que ocorreu para que o aldeamento fosse reconstruído.

Raymundo José da Cunha Mattos, diz o seguinte:

(...) A aldêa, agora denominada S. José, existia no anno de 1755 como habitação dos índios Cayapós; foi reedificada no anno de 1774 com a denominação de São José, e elevada a Parôquia no anno de 1780. O Governador e Capitão Geral José de Almeida e Vasconcellos deu-lhe o sobrenome de Mossâmedes, e construiu nella casas que mais parecem palácios, do que lugares de vivenda de Índios quasi selvagens. Esses palácios, onde, temporariamente residirão alguns generaes, estão reduzidos a ruínas em consequência da fraqueza da

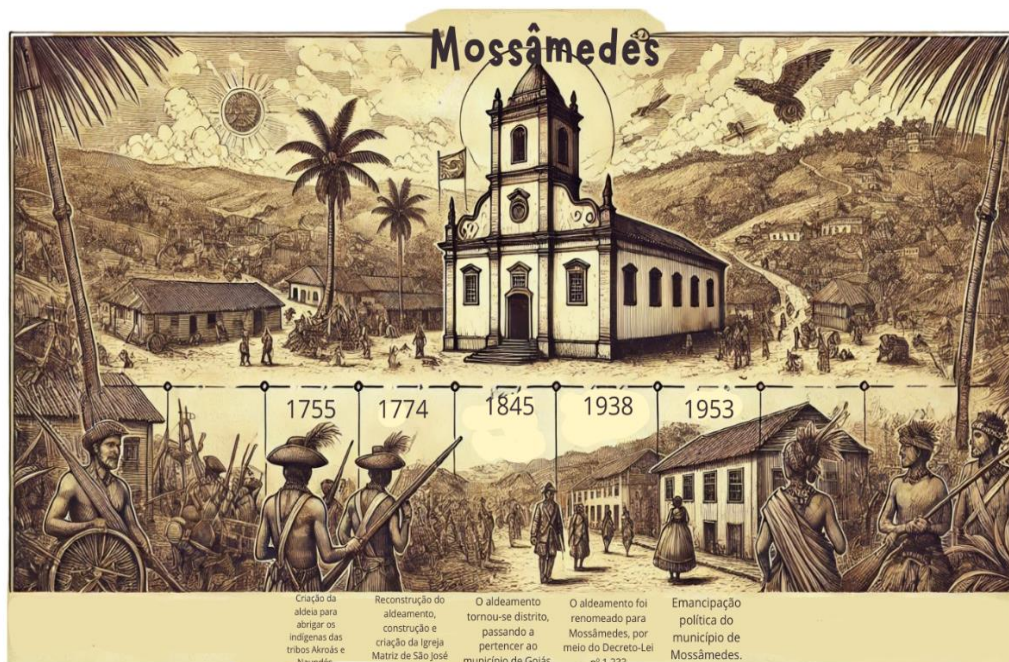
sua construção. Está assentada na parte meridional da Serra Dourada. (...) (Mattos, 1856, p. 137).

Conforme é citado na obra de Alencastre (1979), o aldeamento é descrito sendo construído no ano de 1774, o qual apresenta dados adequados para tal afirmação. Ele descreve o seguinte:

Esse projeto foi levado avante, indo ele mesmo escolher e demarcar a cinco léguas de Vila Boa o terreno em que devia ele ser fundado, ao qual deu logo o nome de S. José de Mossâmedes, que não só recorda o nome próprio do seu fundador, como o seu solar de Mossâmedes. Em 15 de novembro de 1774 dava ele a seguinte ordem ao Dr. Joaquim José Freire de Andrade: “O Dr. Provedor da fazenda real e diretor geral dos índios, tomando juramento a dois homens de verdade e inteligência, mande avaliar a roça de José Vaz, aonde tenho determinado e demarcado a nova aldeia de S. José de Mossâmedes, mandando satisfazer ao sobredito a importância da dita compra pela repartição a semelhantes despesas aplicadas (*)” (Alencastre, 1979, p. 214).

Assim, 1755 é apontado como a data de fundação inicial, enquanto 1744 marca o início de sua consolidação e urbanização. Essa diferença de datas reflete interpretações variadas sobre a evolução histórica do local. Em 31 de julho de 1845, o aldeamento foi elevado a distrito, passando a fazer parte do município de Goiás. Apenas em 31 de outubro de 1938, pelo Decreto-Lei nº 1.233, o local passou a ser chamado oficialmente de Mossâmedes. A emancipação política ocorreu mais tarde, em 14 de novembro de 1953.

Figura 1 - Linha do Tempo da Cidade de Mossâmedes



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora (2025).

O projeto inicial do aldeamento formava um quadrilongo, com construções em seus quatro lados. Eram construídas casas para residir os indígenas, quartel de força, armazém de mantimentos e outras atividades. A residência onde os governadores ficavam em suas visitas ao aldeamento, foram construídas em frente à igreja, com aparência nobre. Ao longo do aldeamento existiam construções espalhadas compostas por casas irregulares e choupanas (Alencastre, 1979).

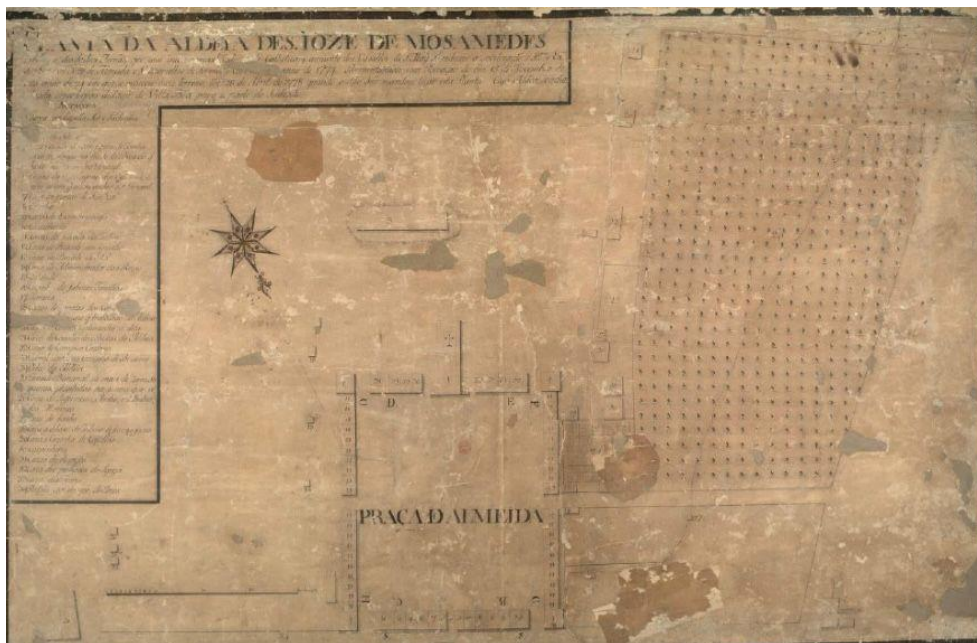
Thomas de Souza Villa Real em 1793, dispõe um relato claro sobre a moradia dos Karajás, os quais eram obrigados a morar em casas unifamiliares.

(..) a primeira povoação dos Karajá, que é do principal Teducurabedú
 (..) a dita aldeia tem somente três casas, porém compridas, cobertas e tapadas de palha a que chamam Euá-uassú: cada casa tem unicamente na frente uma pequena abertura, que lhe serve de porta. O número de pessoas que se deixam ver foi de cento e quarenta pouco mais ou menos, entre homens, mulheres e crianças, que as mais, disse o principal, estavam uns nas roças, outras nas caças e pescarias (e alguns talvez escondidos) (Dias, 2017, p. 67, apud Rihgb, 1891, p.430).

Esse relato destaca a artificialidade de impor aos indígenas o modelo de habitação em casas unifamiliares. Mais de 140 Karajá viviam em apenas três

casas comunais, uma configuração que refletia suas práticas culturais e sociais tradicionais. No entanto, ao serem aldeados em São José de Mossâmedes, em 1781, os Karajá foram pressionados a adotar práticas territoriais ocidentais, o que resultou na gradual substituição de seus modos de vida e manejo de mundo indígenas por normas impostas pela lógica colonial.

Figura 2 - Planta da Aldeia de São José de Mossâmedes

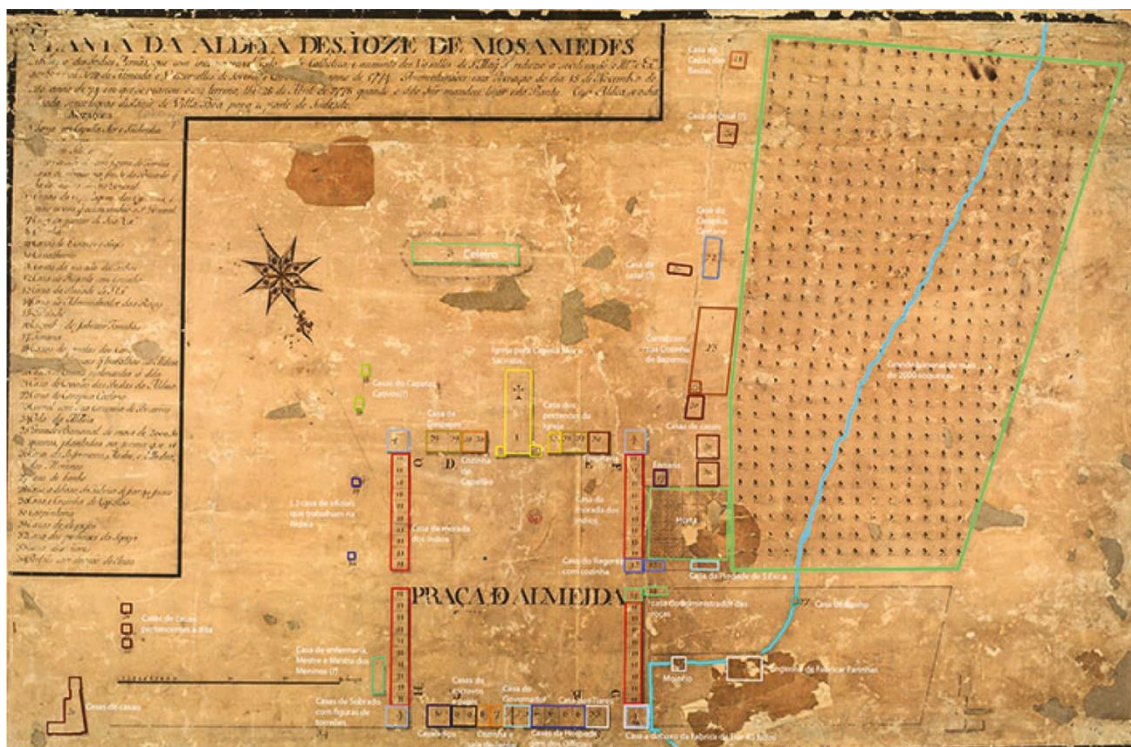


Fonte: DIAS, Thiago Cancelier. O língua e as línguas: aldeamentos e mestiçagens entre manejos de mundo indígenas em Goiás (1721-1832). 2017. 340 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2017, p. 63.

Abaixo a imagem da mesma planta modificada por Dias (2017), destacando as construções com contornos e sublinhados coloridos. Ele explica o seguinte, referente as cores:

Cada cor representa função da construção, as variações de vermelho são moradias indígenas, de azul são casas destinadas aos agentes da Coroa e soldados, as variações de verdes são casas dos capatazes e áreas de produção e armazenamento agrícola, em amarelo são as casas destinadas ao poder sacro, de branco são as casas destinadas a manufaturas e beneficiamento de produção agrícola, de marrom as casas e áreas destinadas aos criadores e criações de gado e outros animais. Destaca-se em verde o bananal e a horta e em azul o rio desviado para atender o aldeamento (Dias, 2017, 63).

Figura 3 - Planta Modificada da Aldeia de São José de Mossâmedes



Fonte: DIAS, Thiago Cancelier. O língua e as línguas: aldeamentos e mestiçagens entre manejos de mundo indígenas em Goiás (1721-1832). 2017. 340 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2017, p. 64.

No centro do mapa do aldeamento, encontra-se a denominação Praça de Almeida, que remete ao Barão de Mossâmedes. Antes de receber este título, ele exerceu o cargo de capitão na Praça-forte de Almeida, uma das principais fortalezas de defesa de Portugal contra ataques provenientes do território espanhol. A escolha do nome da praça, portanto, homenageia sua ligação com essa fortificação estratégica e sua importância histórica.

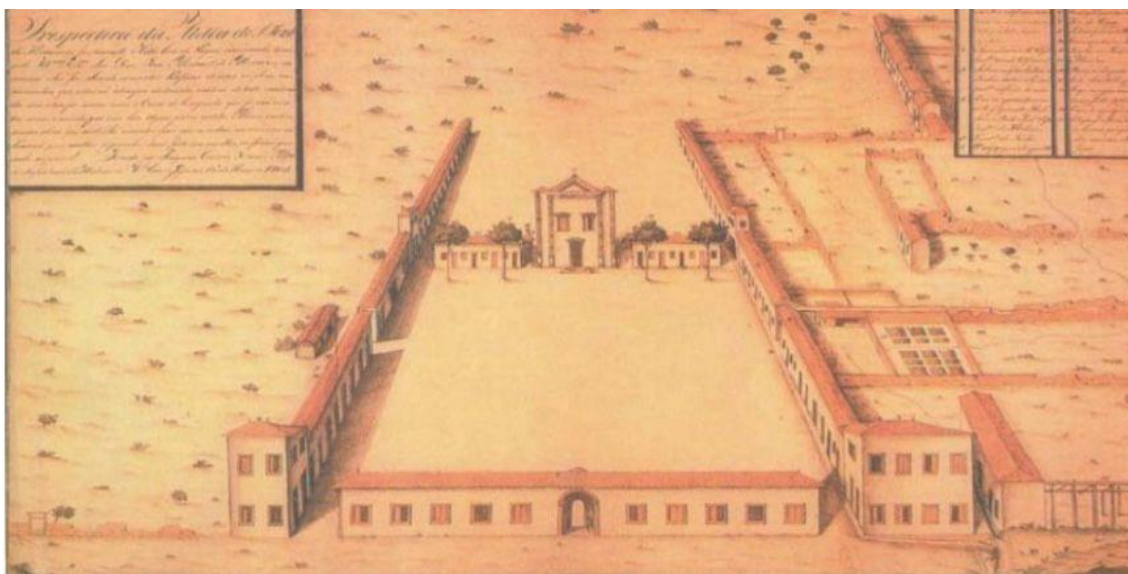
Holanda (1995) conceitua as construções dos aldeamentos como processos que se iniciavam pela definição da praça maior, concebida em um formato específico de quadrilátero, cuja largura correspondia a dois terços de seu comprimento. Essa peculiaridade arquitetônica visava facilitar as corridas de cavalos realizadas em ocasiões festivas.

O tamanho da praça estava diretamente relacionado à quantidade de moradores prevista para o local e, com a expectativa de uma população numerosa, servia como base para a definição das ruas. Quatro ruas principais partiam do centro de cada lado da praça, enquanto outras duas se originavam de cada um de seus ângulos. As avenidas eram projetadas de forma a serem

largas em regiões de clima frio e mais estreitas em áreas de clima quente. Assim, as colonizações eram iniciadas, sempre tendo a praça como o ponto central de organização do espaço urbano.

D. José de Vasconcelos idealizava o Aldeamento de São José de Mossâmedes não apenas como um local de habitação para os indígenas, mas como um exemplo a ser seguido em outras regiões. Sua visão era marcada pela crença no potencial transformador de um aldeamento bem-estruturado, que serviria como modelo de civilização, integração social e prosperidade econômica. Esse espírito de "projeto ideal" é descrito por Alencastre (1979, p. 213-214), destacando como o desejo de Vasconcelos era criar uma comunidade que incorporasse valores cristãos, práticas agrícolas eficientes e organização urbana exemplar.

Figura 4 - Planta inicial do Aldeamento de São José de Mossâmedes



Fonte: DIAS. Thiago Cancelier. O língua e as línguas: aldeamentos e mestiçagens entre manejos de mundo indígenas em Goiás (1721-1832). 2017. 340 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2017, p. 65.

A arquitetura do aldeamento foi cuidadosamente pensada, seguindo princípios que buscavam eficiência e organização. A praça maior, ponto central de referência, era rodeada por edificações essenciais, como a igreja, as casas dos moradores e espaços administrativos. Esse modelo urbanístico refletia os ideais da administração portuguesa, que buscavam impor um senso de ordem e progresso às comunidades indígenas.

Para Cunha "O aldeamento é a realização do projeto colonial, pois garante a conversão, a ocupação do território, sua defesa e uma constante reserva de mão de obra para o desenvolvimento econômico da colônia", conforme destaca em sua obra *História dos índios no Brasil* (1992, p. 120).

O aldeamento tinha como objetivo principal tornar-se um núcleo produtivo e autossuficiente. A atividade agrícola era promovida como meio de sustento, enquanto a catequese servia para converter os indígenas ao cristianismo, alinhando-os aos valores da sociedade portuguesa. A construção de uma igreja central era simbólica, representando a imposição da fé cristã como eixo da vida comunitária.

Os aldeamentos fundados em Goiás revelavam um duplo movimento intrínseco à lógica colonial. Por um lado, constituíam instituições concebidas e organizadas para promover a subordinação dos indígenas, mas também abrangiam escravos, forros e livres pobres que compartilhavam o mesmo espaço. A principal função desses aldeamentos era operar como mecanismos de controle, aplicados em múltiplos aspectos da vida cotidiana, de modo a "reduzir" os indígenas — tanto em termos numéricos quanto em sua mobilidade territorial e autonomia cultural.

Essa redução envolvia a limitação ou supressão do uso das línguas indígenas, a proibição de práticas culturais e religiosas tradicionais, e a imposição de um sistema de valores cristãos e coloniais instaurando "uma nova relação da sociedade com o território, deflagrando transformações em múltiplos níveis de sua existência sociocultural" (OLIVEIRA, 1998, p.54). As relações com o sagrado, antes mediadas pelos pajés e rituais próprios, foram substituídas ou marginalizadas, minando a espiritualidade indígena como um elemento essencial de sua identidade.

No plano material e social, os aldeamentos introduziam mudanças profundas nos hábitos das populações indígenas. Alteravam padrões de alimentação, promoviam divisões de trabalho alheias às suas estruturas sociais e consolidavam novas relações de poder, que muitas vezes favoreciam a elite colonial. Além disso, os saberes e técnicas indígenas eram frequentemente desconsiderados ou incorporados de forma subalterna ao modelo ocidental imposto "afetando profundamente o funcionamento das suas instituições e a significação de suas manifestações culturais" (OLIVEIRA, 1999, p, 55).

Esses processos tinham como objetivo último a assimilação forçada, transformando os indígenas em trabalhadores subordinados e dependentes do sistema colonial. Entretanto, é importante reconhecer que, apesar das intenções de controle absoluto, os aldeamentos também se tornaram espaços de resistência e ressignificação cultural. Dentro dessas instituições, os indígenas desenvolveram estratégias para preservar aspectos de sua identidade, adaptando-se às circunstâncias sem abrir mão de suas heranças culturais. Assim, os aldeamentos, ainda que planejados como instrumentos de dominação, foram palco de negociações constantes entre a imposição colonial e a agência indígena.

Para D. José de Vasconcelos, a localização estratégica do aldeamento próximo à Vila Boa (atual Cidade de Goiás) era essencial. Isso permitia que o local estivesse sob sua proteção e supervisão direta, reforçando sua visão de controle sobre a organização e o sucesso do empreendimento. Esse posicionamento estratégico também visava fortalecer as defesas da região contra possíveis ameaças externas, como incursões de indígenas não aldeados ou estrangeiros.

O Aldeamento de São José de Mossâmedes, além de ser um marco no processo de colonização do interior de Goiás, é também uma representação do esforço colonial em adaptar as populações indígenas às exigências da administração portuguesa. Embora o projeto tenha tido sucesso relativo em sua execução, também carrega as marcas das tensões e resistências inerentes à tentativa de transformar culturas e modos de vida indígenas. A igreja, a praça e a disposição urbanística do local permanecem como testemunhos históricos desse período.

Este modelo de aldeamento, concebido para integrar indígenas ao sistema colonial, reforça a dualidade entre a imposição de valores europeus e a tentativa de convivência com culturas locais. Esse embate reside não apenas no impacto histórico sobre a formação do território goiano, mas também como um símbolo da política de colonização e da interação entre as populações indígenas e o poder colonial, com consequências que ainda ecoam na memória cultural e no patrimônio da região.

1.2. Igreja Matriz de São José de Botas

Ao analisar a estrutura social de uma cidade, uma das primeiras questões fundamentais que surgem é sobre o pilar essencial para a criação e formação do espaço urbano. Desde a criação do Aldeamento São José de Mossâmedes até o período atual é notório o destaque da religião católica e a profunda influência que a religiosidade exerce sobre as práticas sociais e culturais do município.

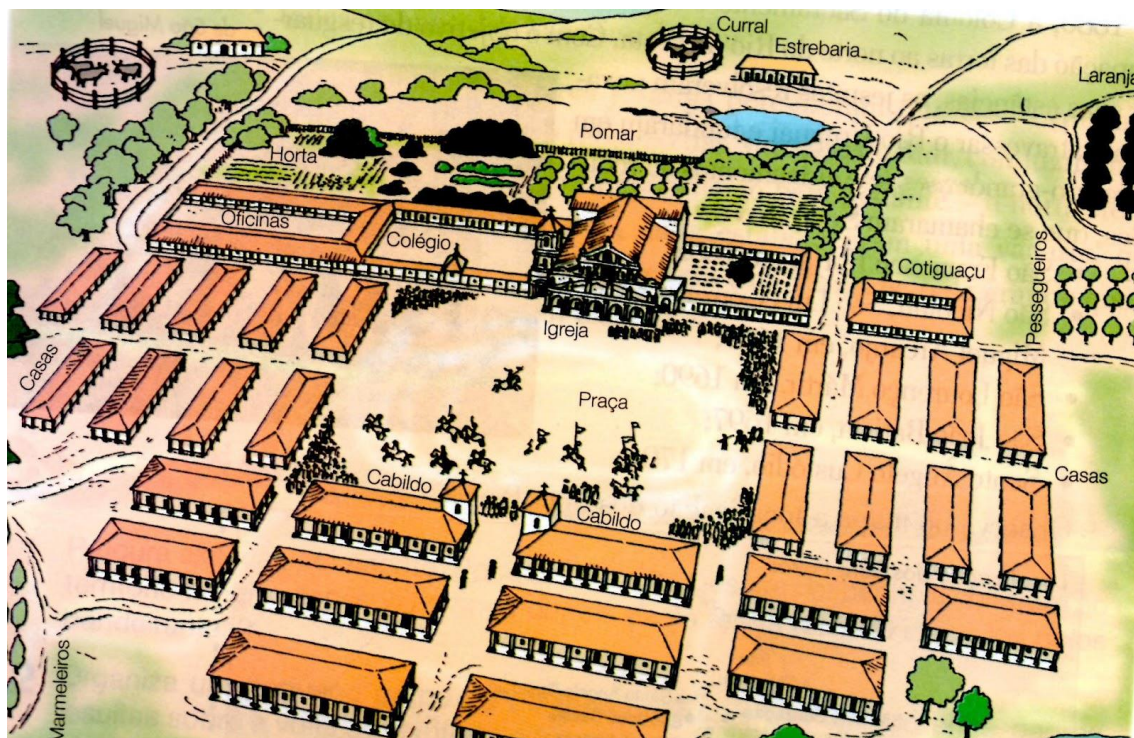
As igrejas desempenham um papel fundamental nas cidades históricas, servindo como marcos arquitetônicos e culturais que testemunham séculos de história e devoção. Essas construções não só são centrais para a prática religiosa, mas também possuem um valor histórico e turístico significativo, atraindo visitantes interessados em sua arquitetura, arte sacra e importância cultural. Além disso, as igrejas estão profundamente conectadas com a história e a identidade das cidades, desempenhando um papel único na preservação da herança cultural e no fomento ao turismo religioso e histórico.

Quando analisamos as construções de aldeamentos, sua estrutura original tinha como norte a necessidade de alojar os indígenas e principalmente o intuito de realizar a catequização e “pacificação”. Nas plantas é possível observar a centralização da Igreja, destacando das demais construções, evidenciando a força da religião, a qual foi um grande instrumento para a povoação estrangeira no Brasil. O projeto era estruturado no estilo jesuítico que propagava a fé católica, tornando a cruz um símbolo importante no controle de confrontos e guerras indesejadas. Sendo assim, vários novos projetos surgiram por ordem da coroa na formação de pequenos povoados indígenas, para satisfazer as necessidades.

Conforme destaca Lúcio Costa (2010, p. 66), estudioso da arquitetura e urbanista, o qual foi pioneiro na arquitetura modernista no Brasil, que para ele as obras dos jesuítas, ou pelo menos a maioria delas, apresentam o que temos de mais “antigo⁶”.

⁶ Durante o Renascimento, os arquitetos se inspiravam nas formas geométricas mais simples - quadrado, círculo, cubo, cilindro e esfera - como base para suas construções. Cada elemento da composição era autocontido e servia a um propósito único e claro; seus objetivos eram racionais e os resultados, simétricos, harmoniosos, estáticos, limitados e, acima de tudo, serenos. Já no período barroco, as características divergem, os objetivos são distintos, sendo mais emocionais, e os resultados, comoventes, turbulentos, hipnóticos, buscando alcançar a ilusão do ilimitado.

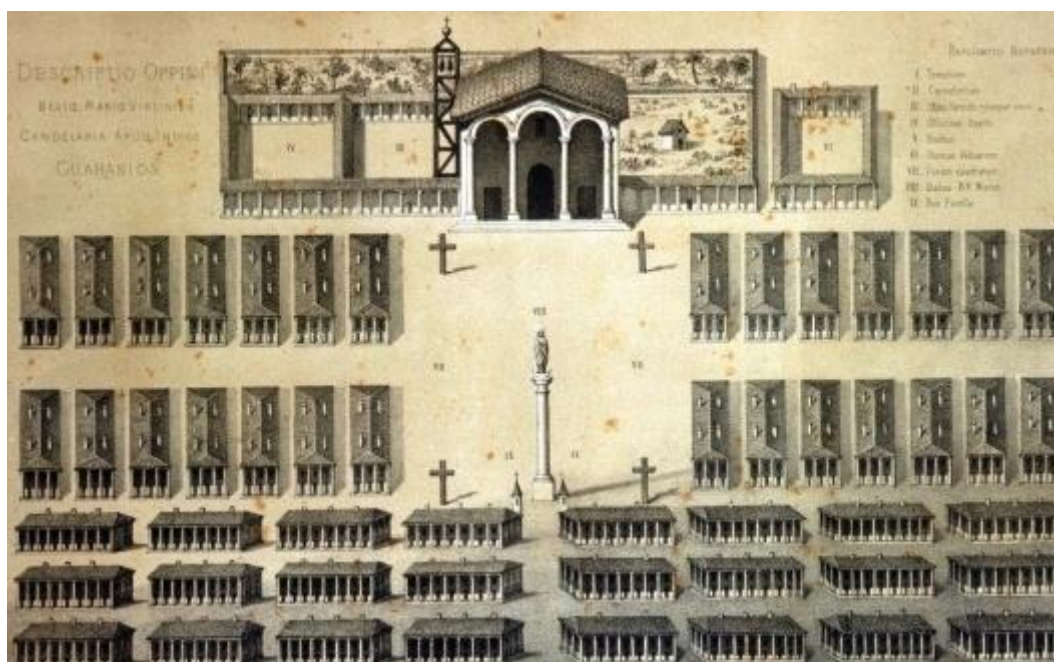
Figura 5 - Planta Típica de Missão Jesuítica - 1



Fonte: [planta baixa missao jesuitica - Pesquisa Google](#). Acessado em: 14/05/2024.

A figura 5 representa o modelo básico e padrão de um aldeamento, no estilo jesuítico. A planta apresenta um layout geométrico organizado em torno de uma grande praça quadrada, com a cruz e a imagem do santo padroeiro no centro. À sua volta, a igreja e seu adro (incluindo possíveis áreas de pátio e cemitério) foram construídos. Nos fundos da igreja, encontram-se o pomar e a horta. Do lado oposto, estão dois edifícios, cada um com uma pequena torre, representando o Conselho da Missão, os quais não necessariamente precisavam estar alinhados lateralmente à igreja. As estruturas nas outras partes do quadrado poderiam servir como escolas, residências dos povos originários, pousadas, prisões, entre outros.

Figura 6 - Planta Típica de Missão Jesuítica - 2



Fonte: [planta baixa missao jesuitica - Pesquisa Google](#). Acesso: 14/05/2024.

Para Medeiros (2010) os jesuítas possuíram uma notável organização urbana em seus povoados. Segundo ela:

Os jesuítas introduziram uma notável organização urbana em seus povoados, com benfeitorias que não se encontravam em muitas cidades europeias de população comparável, como pontes, canalização para irrigação, fontes de água e moinhos. A moradias eram inicialmente de barro, mas logo passaram a ser feitas de pedra, possuindo vários aposentos, chaminés e cobertura de telhas. Porém as igrejas construíram a sua glória neste campo. O modelo empregado foi o típico jesuíta, de linhas majestosas e sóbrias externamente, mas com profusa ornamentação interna nos altares entalhados e dourados, nos objetos de culto feitos de metais preciosos e pedrarias, e na estatuária, de impressionante vivacidade e beleza plástica (Bittar apud Medeiros, 2010, pp. 63-64).

Quando consideramos as igrejas como precursoras fundamentais na formação de uma sociedade, é impossível não destacar como a influência da religiosidade foi crucial na criação das cidades coloniais, marcando o encontro entre a autoridade eclesiástica e o poder do Estado.

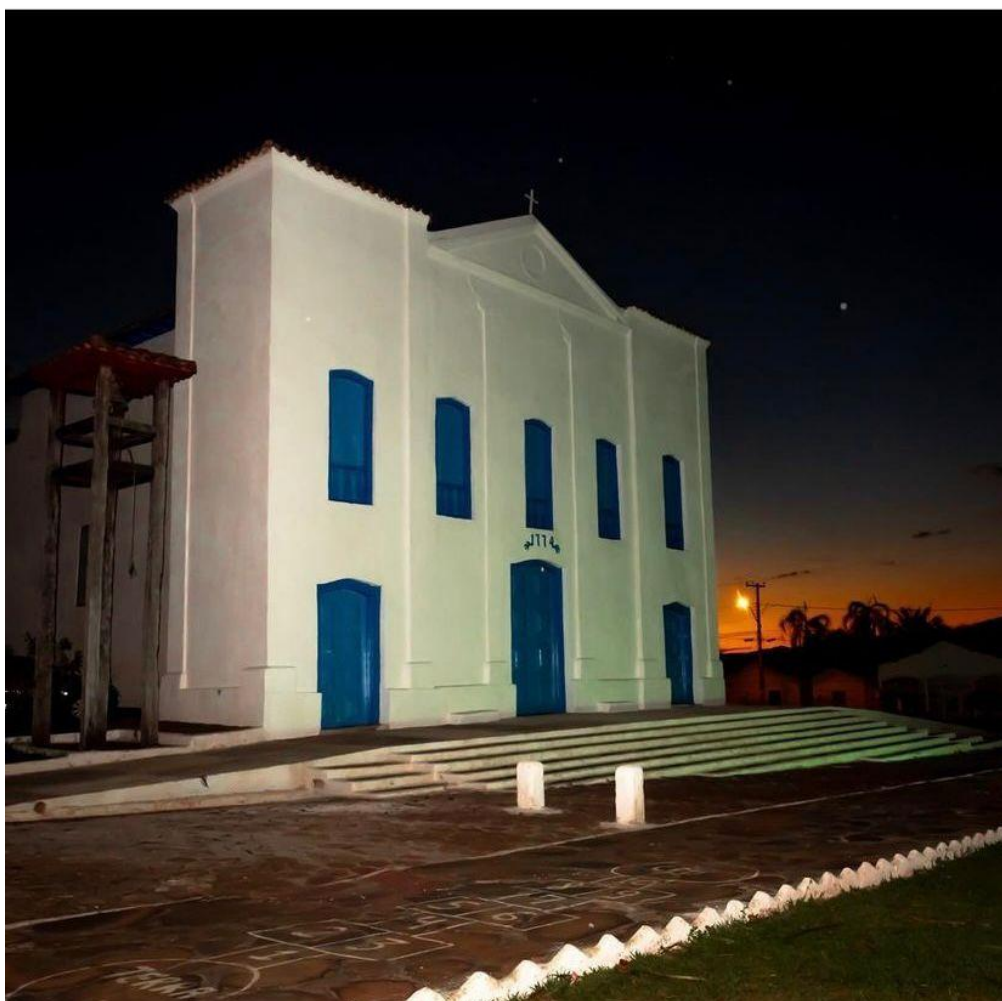
A Igreja teve uma influência significativa no processo de colonização, especialmente na fundação das cidades brasileiras. A arquitetura da época era dominada por construções religiosas, edifícios públicos e fortalezas, que simbolizavam o poder e a autoridade. Esses elementos foram essenciais para consolidar o domínio português na região.

Em Mossâmedes, no centro da praça Damiana da Cunha, encontra-se construída a Igreja Matriz de São José de Botas, reverente e fonte do poder simbólico. O monumento foi construído pelos próprios indígenas, em estilo jesuítico, usando como base da construção adobe e terra socada, sua construção está datada no ano de 1774 sendo conservada suas características originais até os dias atuais. Possui um forte poder simbólico e influente sobre o município, o que fica claro ao destacar que do projeto original da criação do município somente sua arquitetura original foi preservada até hoje.

É possível notar a igreja como a construção mais alta no plano geográfico, a qual se encontra dentro do quadrilátero, sendo retratado as demais construções cercando a edificação religiosa. Fica nítido a representação da trindade na construção da igreja, que é representado pelas duas janelas e a porta ao meio. No ponto mais alto da igreja está a cruz, a qual é símbolo representativo do cristianismo, em representação a crucificação do filho de Deus.

Ao tratarmos sobre construções de igrejas nos séculos anteriores, vale ressaltar que as arquiteturas eram projetadas para refletir a grandiosidade e a importância de seu papel na vida comunitária. As construções eram imponentes, com detalhes elaborados que simbolizavam o poder e a influência da religião. Essas igrejas se tornavam marcos visíveis no horizonte urbano, servindo não apenas como locais de culto, mas também como símbolos da identidade e da coesão social.

Figura 7 - Igreja Matriz de São José de Botas



Fonte: <https://www.instagram.com/p/C2gEcJTL4ql/>

A Igreja Matriz é o único patrimônio cultural protegido por tombamento estadual, constituída na forma da Lei nº 9.843/85. Os cartões postais da cidade destacam principalmente a presença central da igreja em suas imagens, algo que também se reflete nas capas de livros sobre Mossâmedes, em sites, jornais e revistas. Esses elementos demonstram como a edificação religiosa se tornou um ponto de referência significativo para a comunidade.

A Igreja Matriz de São José de Botas, construída no início do aldeamento, serve como um “lugar de memória”, onde a história material do local se entrelaça com as narrativas coletivas que definem a identidade do povo. Como mencionam autores como Pierre Nora (1993) e Maurice Halbwachs (2002), esses lugares não apenas armazenam memórias, mas também as evocam, mantendo viva a conexão com o passado. A igreja não é apenas um edifício; é um testemunho

tangível dos eventos que moldaram a comunidade, funcionando como um ponto de ancoragem para as memórias compartilhadas.

Além de ser um local de culto, a igreja é rica em símbolos que remetem à história e às tradições da comunidade. Elementos arquitetônicos, imagens sacras, e até mesmo as festividades religiosas realizadas na igreja, todos contribuem para a preservação e transmissão da história local. Esses símbolos tangíveis permitem que cada geração se reconecte com as raízes culturais da comunidade, reforçando o sentido de pertencimento e continuidade histórica.

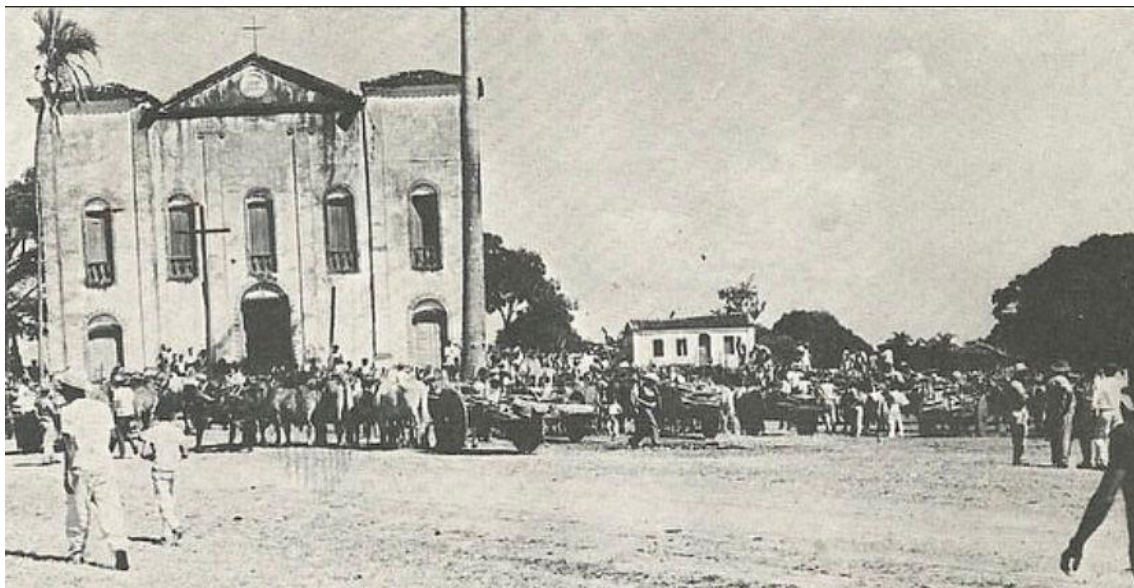
A igreja desempenha um papel vital na formação da identidade coletiva. Ela não apenas reflete a fé religiosa da comunidade, mas também incorpora os valores, crenças e experiências que definem o grupo. Ao longo dos anos, a Igreja Matriz de São José de Botas se tornou um ponto de encontro onde as memórias individuais se fundem em uma memória social compartilhada. As celebrações, como festas de padroeiros e missas comemorativas, servem como rituais que reforçam essa identidade coletiva e mantêm a coesão social, como por exemplo a tradicional festa de agosto em louvor ao Santo Padroeiro da cidade, São José.

Conforme Pierre de Nora, memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos, então sempre estará sujeita a ser lembrada ou esquecida, é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente. Nora (1993) afirma que

A memória não se acomoda a detalhes que a conforta, ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. A história demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história liberta, e a torna sempre prosaica (NORA, 1993, p. 9).

Nesse sentido, podemos dizer que a memória é enraizada no concreto, no espaço, na imagem, no objeto, a memória é algo absoluto, um fenômeno puramente privado. Conforme Nora (1993), não existe memória espontânea, por isso é preciso criar arquivos, manter datas comemorativas, organizar celebrações, notariar atas, porque essas operações não são naturais.

Figura 8 - Desfile de Carro de Boi na Porta da Igreja Matriz de São José



Fonte: disponível em

<https://www.instagram.com/p/C2PUkABLs1t/?igsh=Mml3MDN3b2V1bmMy>

A imagem acima retrata uma das principais tradições de Mossâmedes, o desfile de carros de boi, que marca o encerramento da festa em louvor a São José, o santo padroeiro da cidade. Essa celebração ocorre no último final de semana de agosto e carrega um profundo significado simbólico para os organizadores e participantes. Reconhecida em toda a região, a festividade é um importante elemento cultural que fortalece os laços comunitários e mantém viva a identidade local.

Ao analisarmos o contexto da festividade, pode-se inicialmente presumir que a romaria dos carros de bois é apenas uma expressão religiosa. No entanto, ao considerarmos os conceitos de memória e cultura, fica evidente a diversidade de seus participantes. Dessa forma, a romaria transcende a religião, tornando-se um momento de manifestação cultural, onde tradições, costumes, memória e identidade se entrelaçam. Embora existam outras celebrações religiosas na região, a festa de agosto destaca-se visualmente e consolidou-se como uma tradição amplamente reconhecida nos arredores de Mossâmedes.

Outras duas importantes celebrações que ocorrem no município ligadas a Igreja Matriz é a festa do Divino Espírito Santo e a Folia de Reis que são exemplos claros da força e representatividade do catolicismo nesta comunidade.

Figura 9 - Tradicional Encontro de Folia na Igreja Matriz de São José de Botas



Fonte: disponível em https://www.instagram.com/p/C5nmvpLL9ew/?img_index=2

A população local frequentemente relembra que ao redor da igreja há os restos mortais dos primeiros habitantes do assentamento, cujas histórias e motivos são transmitidos de geração em geração pela tradição oral. A imponente construção da igreja, com sua rusticidade e detalhes riquíssimos, é algo que desperta admiração e é impossível passar por ela sem notar esses detalhes.

Durante os dias 16 a 19 de março do ano de 2024, ocorreu o jubileu em comemoração aos 250 anos da Igreja Matriz de São José de Botas, sendo um marco significativo na história da comunidade local. A igreja, como dito anteriormente, além de ser um importante ponto de referência religiosa, também desempenha um papel crucial na preservação da cultura e da tradição da região.

Para celebrar essa data especial, foi promovida pela comunidade uma série de eventos e atividades festivas. Incluindo missas solenes, procissões, apresentações culturais, exposições sobre a história da igreja e da comunidade, festas e feiras com comidas típicas e artesanato local.

Figura 10 - Decoração da Igreja em Homenagem aos seus 250 anos



Fonte: acervo Associação Aldeia.

O jubileu não apenas celebrou a longevidade da igreja, mas também destacou a importância da fé e do patrimônio na vida dos habitantes locais. Foi uma oportunidade onde reafirmaram os valores e princípios que unem as pessoas da comunidade, além de celebrar as conquistas e os desafios superados ao longo dos anos.

É evidente como o valor da igreja se torna algo cultural, conectado ao passado, presente e futuro da cidade de Mossâmedes. É notável que esse olhar não se limita apenas aos residentes deste município, é uma percepção externa do valor simbólico que a Igreja possui, como a imagem que ela transmite se torna forte e expressiva. Isso é capaz de influenciar no imaginário tanto de quem convive diretamente com a edificação quanto daqueles que a veem de forma indireta e externa.

Além disso, o patrimônio edificado pode ser um catalisador poderoso para a preservação da memória cultural, já que suas características arquitetônicas e estilísticas refletem não apenas a estética de uma época, mas também as crenças, valores e modo de vida que a sociedade vivenciou em determinado momento histórico.

Dessa forma, o patrimônio edificado não apenas enriquece o ambiente físico de Mossâmedes, mas também desempenha um papel fundamental na preservação e transmissão da memória coletiva e na construção da identidade cultural, pois podemos observar como as principais práticas sociais realizadas em Mossâmedes são influenciadas pela religião católica, tendo como principal símbolo representativo na cidade a Igreja Matriz de São José de Botas.

1.3. Indígena Damiana da Cunha

“O respeito que eles me têm é grande demais para que não façam o que eu mandar”

Damiana da Cunha, sobre os Caiapós⁷

Damiana da Cunha foi uma figura emblemática na história do sertão goiano, conhecida por sua coragem, sabedoria e papel fundamental nas relações entre os indígenas e os colonizadores. Mulher indígena e líder respeitada, ela desempenhou um papel crucial na mediação de conflitos e no processo de aldeamento promovido pela Coroa Portuguesa no século XVIII. Sua história é marcada por feitos que evidenciam sua habilidade em transitar entre diferentes mundos, preservando, sempre que possível, os interesses de seu povo.

Figura 11 - Damiana da Cunha

⁷ Frase atribuída a Damiana por Saint-Hilaire. SAINT-HILAIRE, *Auguste de. Viagem às Nascentes do Rio São Francisco e pela província de Goyaz. Op.cit.*, p.124.



Fonte: acervo da Prefeitura Municipal de Mossâmedes.

Ao discorrer sobre a memória de um bem cultural, um acontecimento histórico ou sobre uma pessoa, estamos conseqüentemente discorrendo sobre uma narrativa acerca deste caractere. Assumimos, pois, o ponto de vista de que é possível coexistirem distintas memórias, constituídas a partir de versões alternativas sobre o referido instituto sobre o qual está se tratando. Muito embora memória e narrativa sejam conceitos distintos, há uma inexorável aproximação entre tais elementos (SILVA, 2018).

A construção de determinada memória está imersa dentro do processo cognitivo do seu interlocutor, sendo direta ou indiretamente modelada pela sua visão de mundo. Este processo reflexivo transmite, dessa forma, a interpretação do narrador sobre o fato em debate, numa atribuição de sentidos às imagens e símbolos acessados pelo autor, que redundam num discurso próprio e

localizado, ao mesmo tempo em que ambiciona ser a mais realista possível. A memória é, pois, viva e criativa, fruto da ponte do passado com o presente (RICOEUR, 1983).

Analisa-se a construção da memória oficial sobre a indígena Damiana da Cunha, num desafio hermenêutico de questionamento e conflito que opõe a versão amplamente sedimentada, por um lado, com novas bases historiográficas sobre a experiência histórica da personagem, de outro. Abordaremos inicialmente a figura de Damiana da Cunha como uma heroína nacional, protagonista de feitos valorosos, que contribuíram para a construção da sociedade brasileira.

Damiana da Cunha era uma indígena do povo Panará-Caiapó, neta do cacique Andraí-ocha, e foi apadrinhada pelo governador da província de Goiás Luiz da Cunha. A personagem cresceu em meio ao aldeamento São José de Mossâmedes, tendo recebido formação cristã e aprendido a língua e as tradições da população não indígena. Atuou como interlocutora entre os interesses da província e os povos indígenas locais, especialmente os indígenas da etnia Caiapó (COELHO, 2016).

A versão tradicionalmente disseminada acerca da atuação de Damiana da Cunha caracteriza a personagem como uma espécie de heroína nacional, por ter contribuído de sobremaneira para a implementação das políticas da província de Goiás de assimilação da população indígena local, realocando tais indivíduos em aldeamentos e efetuando um amplo processo de catequização (CRUZ, 2015). A obra de Joaquim Norberto de Souza e Silva (2004) é um parâmetro de referência para tal narrativa:

Damiana da Cunha, dotada de inteligência menos vulgar e de um coração generoso e altivo, contemplava com dor os sofrimentos dos habitantes de Goiás e a perseguição de que se tornavam dignos os seus irmãos primitivos; empreendeu, pois, reduzi-los à fé e chamá-los ao grêmio da sociedade, ao seio do cristianismo, para que fruissem os gozos do trabalho. A neta do cacique, como a chamavam, tinha compreendido a sua missão; a fé a guiava aos duros sertões, abria-lhe o caminho para as tabas indianas, e o caiapó até ali indomável e altivo da sua liberdade bravia, dobrava a cerviz às palavras insinuantes, cheias de amor, de caridade e de esperança, de uma mulher cara pelo sangue, que lhes pulsava nas veias (SOUZA E SILVA, 2004, pp. 59-60).

Percebe-se, pois, como Damiana da Cunha exerceu o protagonismo no processo de retirada e transferência de parcela da população indígena da região

para os aldeamentos organizados pelo governo da província de Goiás no início do século XIX. A personagem desempenhou papel relevante na aculturação e cooptação dos indígenas locais, tendo sido “a mais notável catequista que teve Goiás” (BRASIL, 1982, p. 75), prestando “serviços importantes à catequese, que ela promovia, indo em pessoa ao centro das florestas chamar os seus parentes a virem viver na comunhão dos brancos” (ALENCASTRE, 1979, p. 338).

A atuação de Damiana da Cunha constituía-se como parte da política indigenista da época, considerada mais “branda” e “pacífica”, que buscava assimilar os indígenas por meio da conversão religiosa e do aldeamento. É justamente esse cenário que se apresenta na historiografia tradicional, de cunho nacionalista, para referir-se à atuação de Damiana junto aos indígenas.

Entretanto, os interesses da província estavam ligados diretamente à apropriação e exploração do ouro e das terras nas quais os povos indígenas habitavam historicamente (CRUZ, 2015). O seu aldeamento fazia parte de um projeto de retirada dos povos originários de seus territórios, submetendo-os ao domínio da província; nos casos em que os indígenas resistissem à referida abordagem, a violência permanecia como uma medida amplamente adotada (KARASCH, 1992). Nesse sentido:

Naquela época os governadores tinham o objetivo de induzir os indígenas a se unirem aos colonizadores, inicialmente de uma maneira branda, aí residia o papel da Damiana. Atrair os irmãos pelo consentimento, sem forçá-los, mas quando a estratégia não funcionava e as ameaças se tornavam inúteis, a força e o derramamento de sangue era lugar comum (COELHO, 2017, p. 19).

Dessa forma, foram implementados concomitantemente o projeto de assimilação pacífica de indígenas, pela conversão religiosa e pelo aldeamento, ao tempo em que eram executadas práticas de extermínio pelos colonos não somente da província de Goiás, mas de todo o Brasil. Não é exagero entoar que “O genocídio perpetrado no século XVI se estendeu aos séculos XVII, XVIII, XIX e XX, mesmo com legislações que proibiam os excessos, as atrocidades balizavam a prática” (COELHO, 2016, p. 27).

Ante o relato histórico proposto acerca do papel exercido por Damiana da Cunha para o avanço dos projetos da província de Goiás, percebe-se como a seleção intencional das memórias a serem preservadas direciona a configuração da personagem como uma heroína. Problematisamos, pois, o fato de que “a

memória é um fenômeno construído” (POLLACK, 1992, p. 203), derivada de escolhas políticas e sociais baseadas no interesse dos seus interlocutores.

Ao tratar da configuração histórica de Damiana da Cunha a partir da memória que fora construída pelos grupos hegemônicos, percebe-se o apagamento proposital do viés colonial e opressor que os descimentos e o aldeamento dos indígenas possuíam. Para que a “memória goiana” fosse edificada de forma idônea e ilibada, a representação atribuída ao extermínio físico e cultural da população indígena local deveria ser reconfigurada, de modo a contemplar a visão de mundo da sociedade branca cristã:

Diante desse pressuposto, Damiana da Cunha se constitui em uma construção individual, mas que está intimamente ligada à história dos povos indígenas em Goiás, bem como aos projetos governamentais de ocupação do espaço e da apropriação da imagem dos indígenas como forma de “anemizar” os reflexos da colonização e a destruição de diferentes povos e de “inventar” uma identidade para os goianos (COELHO, 2016, p. 103).

Por sua importância histórica para Mossâmedes, Damiana da Cunha foi homenageada com uma escultura representativa, criada pelo artista plástico Omar Souto. Localizada no meio da praça, a obra apresenta a figura da indígena ao lado de uma ilustração de outros dois indígenas – uma criança e um adulto – , numa clara referência à sua atuação missionária e catequizadora entre os seus pares.

Figura 12 - Escultura em Homenagem a Indígena Damiana da Cunha



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

Ao erguer uma estátua de Damiana da Cunha com uma cruz em uma das mãos, rodeada por outros indígenas que parecem receber seus ensinamentos religiosos, a cidade de Mossamedes evidencia uma memória histórica que destaca o papel missionário e catequizador dessa figura emblemática. Essa narrativa histórica, adotada pela comunidade goiana, reforça a imagem de Damiana como uma mediadora cultural entre indígenas e colonizadores, vinculando-a ao processo de evangelização e aldeamento indígena.

Contudo, essa seleção histórica também aponta para escolhas que priorizam determinadas trajetórias e identidades, enquanto outras podem ser relegadas ao esquecimento. Essa construção da memória coletiva reflete como patrimônio e bens culturais são fruto de decisões políticas e sociais, moldando a forma como uma comunidade representa e valoriza seu passado.

“O poder de gerar e de produzir é o lugar de onde falam os teóricos” (CERTEAU, 1982, p. 174), e essa perspectiva é especialmente relevante quando se analisa a história de Damiana da Cunha. Sua trajetória e contribuições foram registradas não a partir de sua própria voz, mas de acordo com as impressões e interpretações de seus observadores, especialmente os missionários e colonizadores que a rodeavam.

Esses relatos refletem o poder de quem os produziu, moldando a imagem de Damiana a partir de um viés externo, que muitas vezes priorizou os interesses e objetivos da colonização, como a catequese e o aldeamento indígena. Assim,

a história de Damiana é apresentada por meio de um filtro, no qual sua verdadeira agência e complexidade podem ter sido reduzidas ou ressignificadas para atender às narrativas dominantes da época.

Assim, percebe-se que a memória de Damiana da Cunha está intrinsicamente ligada ao contexto histórico e formador em que viveu, sendo sua imagem construída com base em sua atuação enquanto mediadora entre indígenas e colonizadores, e não em aspectos de sua vida pessoal e cotidiana.

Essa construção histórica reflete como sua trajetória foi moldada pelas políticas de integração da população indígena à sociedade colonial, especialmente através dos aldeamentos, os quais também influenciaram aspectos de sua vida privada, conforme aponta Júlio (2015, p. 110). Dessa forma, Damiana emerge como um símbolo de um período marcado por transformações culturais e políticas que impactaram profundamente a história do sertão goiano.

Não se pode olhar para Damiana da Cunha com os olhos do presente, julgando-a a partir de valores e perspectivas contemporâneas. É fundamental compreender que ela foi produto de seu tempo, agindo dentro das limitações e possibilidades que lhe eram impostas. O ser humano Damiana da Cunha, além de ser índia, era mulher, “as mulheres são indissociáveis do tema da “mãe-Pátria”. É por intermédio delas, acredita-se, que o amor à terra natal é transmitido. O sentimento nacional poderia ser o apanágio de nenhuma outra categoria da população” (ENDERS, 2000, p. 52).

A Damiana descrita em verbetes por Joaquim Norberto em *Brasileiras Célebres* (1862) e por Ignêz Sabino em *Mulheres Ilustres do Brasil* (1899) reforça a escolha da índia caiapó como aquela brasileira mítica indígena construída há pouco pelo projeto romântico. Damiana é apresentada como a mulher que, com sua habilidade, converteu inúmeros indígenas à civilização e ao catolicismo. A sua conversão pessoal teria força sobre os demais indivíduos e a capacidade de chama-los ao aldeamento de Mossâmedes. Dessa forma, Damiana é a imagem da mulher perfeita para a missão, seus sentimentos são catequéticos e fraternais, é a própria fusão do selvagem-civilizado, um elemento de ligação entre as duas culturas (CRUZ, 2014, p. 199).

Damiana precisou ser quem as circunstâncias históricas exigiam, adaptando-se aos desafios de um contexto marcado por processos de colonização, catequese e conflitos culturais, marcada por seus “atos de bravura e gestos de sacrifício” (SCHWARCZ, 1998, p. 132). Sua atuação, embora muitas

vezes interpretada sob o viés de narrativas externas, reflete uma complexa negociação entre a preservação de sua identidade indígena e a necessidade de transitar no mundo colonial, sendo essa dualidade essencial para entendermos sua relevância histórica.

2. A PESQUISA

2.1. Conceito

Muito se fala sobre os patrimônios nacionais de grande porte e a sua relevância para o turismo no Brasil. Entretanto, não há popularmente o destaque para a principal característica e destinação do patrimônio: a atribuição de sentido e significado para cada indivíduo. A parte mais importante quando tratamos de bens, sejam patrimonializados ou não, é a reflexão do grupo para o seu próprio patrimônio. Nesse sentido, é preciso destacar que:

[...] a cidade precisa ser compreendida como território vivo, permanentemente concebido, reconhecido e produzido pelos sujeitos que a habitam. É preciso associar a escola ao conceito de cidade educadora, pois a cidade, no seu conjunto, oferecerá intencionalmente às novas gerações experiências contínuas e significativas em todas as esferas e temas da vida (FLORÊNCIO *apud* MOLL, 2009, p. 15).

Quando falamos em patrimônio, emerge primordialmente a noção do patrimônio material, ligados a ideia de riqueza, monumentos e herança, herdados ou que exercem sobre nós algum valor afetivo. No entanto, patrimônio não está ligado somente a ideia de herança material ou afetiva. Tratam-se também de produções de nossos antepassados, que decorrem em saberes e memórias, coletivas ou individuais.

Essas heranças culturais que são transmitidas através de um indivíduo para o outro são significativas para a história de uma sociedade. Por serem tão importantes, são responsáveis pela formação de identidades, sociedades e grupos que resgatam a memória trazendo para si a ligação do ser social com suas raízes. Ao discutirmos acerca do patrimônio cultural, remetemo-nos aos conceitos de memória e de identidade, “uma vez que entendemos o patrimônio cultural como locus privilegiado onde as memórias e as identidades adquirem materialidade” (PELEGRINI, 2006, p. 1).

Segundo nossa Carta Magna, em seu art. 216, os bens que são considerados como patrimônio cultural, de natureza material ou imaterial, são aqueles “tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (BRASIL, 1998, s/p). Prosseguindo com a árdua tarefa de conceituação deste elemento, é possível indicar que o “patrimônio se constitui a partir de uma forte carga simbólica, que é imaterial ou intangível” (CHUVA, 2015, p. 1).

Quando tratamos do patrimônio no conceito “lugar de memória” de Nora (1993), destacamos os aspectos “material, funcional e simbólico” em que o espaço é construído, pois a experiência vivida no lugar e a conservação da memória social e coletiva dos acontecimentos ali vivenciados é transmitida através do tempo por sentimentos de pertencimento.

Na visão de Pollack (1992), os “lugares de memória” são entendidos também como “lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico” (POLLACK, 1992, p. 202). Temos as memórias coletivas que são construídas por um grupo com relação ao espaço em que se vive. Conforme destaca Halbwachs (2003), existe uma troca: o espaço é marcado pelo grupo, sendo assim, o grupo é marcado pelo espaço que vive:

O lugar ocupado por um grupo não é como um quadro negro sobre o qual escrevemos, depois apagamos os números e figuras. Como a imagem do quadro evocaria aquilo que nele traçamos, já que o quadro é indiferente aos signos, e como, sobre um mesmo quadro, poderemos reproduzir todas as figuras que se quiser? Não. Todavia, o lugar recebeu a marca do grupo, e vice-versa. Então, todas as ações do grupo podem se traduzir em termos espaciais, e o lugar ocupado por ele é somente a reunião de todos os termos. (HALBWACHS, 2003, p. 133).

A memória corre o risco de se desgastar ao longo dos anos, como um monumento que não tem preservação, que ao lidar diariamente com o sol e a chuva, perde seus traços originais. A memória precisa ser restaurada, preservada na sua integridade original, pois ela é um processo que diariamente estará em construção e reconstrução.

Ao ressaltar o lugar de memória, é importante ter em mente que está sendo tratado mais que um lugar que foi manipulado e fabricado anteriormente para ressaltar as necessidades atuais ou que seja apenas um lugar que decore

a cidade. Um lugar de memória é inteiramente ligado as raízes de uma sociedade ou um grupo, com significados e ressignificados.

Neste sentido, quando tratamos da Praça Damiana da Cunha como um lugar de memória, refletindo sobre e questionando a vivência coletiva e individual de um indivíduo, não se trata apenas de uma simples história. Mais do que isso, é tentar “compreender as configurações com que a memória se estabeleceu e vem se estabelecendo como fonte e repositório de sentidos, na tentativa de compreensão do passado e reconstituição dos elos de identificação e construção identitária” (BRUCK, 2009, p. 23-24).

O patrimônio pode ser compreendido como uma ferramenta de organização e preservação da memória coletiva, estruturando-a em objetos, espaços e práticas que simbolizam experiências e identidades de um grupo. Diferente da memória, que é fluida, subjetiva e moldada pelo tempo presente, o patrimônio opera de forma sistemática, buscando colocar a memória em ordem e garantir sua perpetuação no futuro.

Gonçalves (2005) ressalta que os significados atribuídos às representações da categoria de pensamento "patrimônio" apresentam oscilações. O patrimônio pode ser compreendido como uma ferramenta de organização e preservação da memória coletiva, estruturando-a em objetos, espaços e práticas que simbolizam experiências e identidades de um grupo. Diferente da memória, que é fluida, subjetiva e moldada pelo tempo presente, o patrimônio opera de forma sistemática, buscando colocar a memória em ordem e garantir sua perpetuação no futuro.

Essa condução inversa se dá pelo fato de que, enquanto a memória é espontânea Halbwachs (2003), e está em constante transformação, o patrimônio utiliza a gestão do tempo para estabilizar e formalizar essas recordações em elementos tangíveis e reconhecíveis, como monumentos, documentos e tradições, transformando-as em representações consolidadas da história e da cultura.

Para Nora (1993) o patrimônio funciona como um esforço deliberado para preservar a memória em um contexto em que ela está desaparecendo, convertendo-a em marcos fixos, como monumentos e registros históricos, para garantir sua perpetuação. Ele reflete em como esses elementos tangíveis

organizam e cristalizam a memória coletiva, diferenciando-se da memória espontânea e viva Halbwachs (2003), que é mais subjetiva e dinâmica.

O patrimônio e a memória estão intrinsecamente conectados, mas seguem lógicas distintas que frequentemente geram debates sobre sua relação. Para Halbwachs (2003), a memória é viva, fluida e subjetiva, sendo moldada pelas experiências individuais e coletivas de um grupo social. Ela é marcada pela espontaneidade e pela transformação constante, já que é influenciada pelo tempo presente e pelas necessidades do momento.

Na visão de Nora (1993), a memória só é criada se existir uma vontade de memória.

Mesmo um lugar de aparência puramente material [...] só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional [...] só entra na categoria se for objeto de um ritual. [...] O que os constitui é um jogo da memória e da história, uma interação dos dois fatores que leva a sua sobredeterminação recíproca (Nora, 1993, p. 22)

Nesse sentido de Nora (199), o patrimônio também cumpre um papel essencial ao criar marcos tangíveis que ancoram a memória e oferecem referências materiais para a construção da identidade coletiva. Ele dá forma ao passado, permitindo que as gerações presentes e futuras compreendam e dialoguem com suas origens e tradições, fazendo assim que ocorra o processo de “vontade de memória”.

Então, podemos dizer que o patrimônio e a memória coexistem em uma relação dialética: enquanto o patrimônio organiza e estabiliza a memória, a memória desafia e reinterpreta, por ser viva Halbwachs (2003), continuamente o patrimônio, garantindo que ele permaneça relevante e significativo.

2.2. As Metodologias Utilizadas

A pesquisa tem como objetivo o empenho de identificar e fortalecer o vínculo da comunidade e seu Patrimônio Cultural. Não apenas ensinar a preservar um bem edificado, claro, a praça está inteiramente ligada ao único bem tombado na cidade, o que sem dúvida alguma trará um olhar mais atento para a edificação, mas a intenção é associar um lugar de memória com a vida cotidiana, criando símbolos e possibilitando novos significados e ressignificados.

Não se trata, portanto, de pretender imobilizar, em um tempo presente, um bem, um legado, uma tradição de nossa cultura, cujo suposto valor seja justamente a sua condição de ser anacrônico com o que se cria e o que se pensa e viva agora, ali onde aquilo está ou existe. Trata-se de buscar, na qualidade de uma sempre presente e diversa releitura daquilo que é tradicional, o feixe de relações que ele estabelece com a vida social e simbólica das pessoas de agora. O feixe de significados que a sua presença significativa provoca e desafia (BRANDÃO, 1996, p. 51).

Com isso, através das fotografias que estão disponibilizadas em *Sites*, livros, no arquivo da Prefeitura Municipal de Mossâmedes e recorrendo a fontes documentais e bibliográficas, almejou-se uma investigação que será discutida como a ideia central do trabalho, que é a problemática em torno da preservação de lugares de memória. Isto porque discorrer sobre a Praça Damiana da Cunha é, por conseguinte, “refletir sobre o conjunto de bens que é apresentado como nossa herança coletiva” (Scifoni, 2015, p. 199), numa incursão reflexiva sobre patrimônios construídos em uma sociedade.

Outra etapa utilizada para atingir a coleta de dados foi as entrevistas, utilizando o uso de técnicas da História Oral, tendo como o objetivo de registrar as narrativas de história e memórias dos cidadãos mossamedinos, partindo do olhar e experiências vividas na praça. Assim, o levantamento se deu a partir da oralidade (gravação de voz), coletando os relatos. O público-alvo (entrevistados na pesquisa) incluiu moradores do município, entre homens e mulheres, que são nascidos e que permanecem na cidade, incluindo idade entre 18 a 60 anos. Para efetuar as gravações, os participantes foram esclarecidos sobre o objetivo da pesquisa, os riscos, os benefícios e quanto à sua forma de participação⁸. Foram realizadas 11 entrevistas, entre eles a prefeita da cidade de Mossâmedes e o padre da Igreja Matriz de São José de Botas.

Para Delgado (2010, p.18):

[...] a história oral é um procedimento integrado a uma metodologia que privilegia a realização de entrevistas e depoimentos com pessoas que participaram de processos históricos ou testemunharam acontecimentos no âmbito da vida privada ou coletiva. Objetiva a construção de fontes ou documentos que subsidiam pesquisas e/ou formam acervos de centros de documentação e de pesquisa.

⁸ O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Goiás. Antes da entrevista, foi apresentado e lido em voz alta o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), coletado as assinaturas, assegurando os entrevistados que só seriam identificados pelo nome.

O principal objetivo das entrevistas foi captar as memórias e emoções dos mossamedinos que cresceram participando de celebrações, festejos e momentos únicos vividos na praça, além de terem testemunhado as mudanças ocorridas ao longo dos anos. Nesse contexto, o uso da técnica de entrevistas semiestruturadas revelou-se de grande relevância para a efetivação da pesquisa e o produto final.

Marieta Moraes (2011), em seu texto “História Oral, Velhas Questões e Novos Desafios”, aborda inicialmente a seguinte questão: o que é, afinal, a história oral? Partindo da necessidade de delimitar seu estatuto, é possível identificar três principais perspectivas adotadas para responder a essa indagação. A primeira compreende a história oral como uma técnica; a segunda, como uma disciplina; e a terceira, como uma metodologia (FERREIRA e AMADO, 2006).

Aqueles que entendem a história oral como uma técnica dão ênfase às práticas relacionadas à gravação, transcrição e preservação de entrevistas, bem como aos recursos que envolvem esses processos. Nessa visão, conforme Roger (1986, p. 23-28), “a chamada 'história oral' não passa de um conjunto de procedimentos técnicos para a utilização do gravador em pesquisa e para a posterior conservação das fitas”, restringindo-se, assim, ao âmbito técnico e rejeitando qualquer pretensão de ser uma abordagem metodológica ou teórica.

Por outro lado, os defensores da história oral como uma disciplina baseiam-se em argumentos mais complexos, muitas vezes divergentes entre si. No entanto, todos parecem compartilhar uma premissa central: a ideia de que a história oral introduziu técnicas de pesquisa específicas, procedimentos metodológicos próprios e um conjunto original de conceitos. Esse conjunto, por sua vez, orienta e dá significado às outras dimensões da história oral, conferindo unidade e legitimidade a esse campo emergente do conhecimento (MIKKA, 1988, p. 124-36).

Os estudiosos que defendem a história oral como uma disciplina a reconhecem como uma área de estudo com objeto próprio e a capacidade de desenvolver, internamente, soluções teóricas para os desafios que emergem na prática. Esses desafios incluem, de forma específica, questões como as relações entre história e memória, entre sujeito e objeto de estudo, entre história de vida,

biografia e autobiografia, além das diferentes formas de apropriação social do discurso. De acordo com Marieta Moraes (2011, p. 171):

O testemunho oral representa o núcleo da investigação, nunca sua parte acessória, o que obriga o historiador a levar em conta perspectivas nem sempre presentes em outros trabalhos históricos, como as relações entre escrita e oralidade, memória e história, ou tradição oral e história; o uso sistemático do testemunho oral possibilita à história oral esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que às vezes não têm como ser entendidos ou elucidados de outra forma: são depoimentos de analfabetos, rebeldes, mulheres, crianças, miseráveis, prisioneiros, loucos... São histórias de movimentos sociais populares, de lutas cotidianas encobertas ou esquecidas, de versões menosprezada, característica que permitiu, inclusive, que uma vertente da história oral se tenha constituído ligada à história dos excluídos.

Assim, foi optado pela técnica de entrevistas semiestruturadas, buscando acessar informações e dados que não estavam presentes em documentos escritos. Elementos essenciais do patrimônio e da identidade mossamedina, que só poderiam ser revelados por meio das narrativas de seus próprios protagonistas.

Uma das etapas mais importantes da pesquisa foi a condução das entrevistas. Na elaboração das entrevistas semiestruturadas, foram seguidas algumas recomendações apresentadas por Thompson (1998) em seu texto “*A entrevista*”. Segundo o autor, é fundamental que o entrevistador tenha domínio sobre o tema, exigindo, portanto, um estudo prévio à realização da entrevista. Thompson ressalta que “se parece demonstrar hesitação ou estar procurando obter informações às cegas, o relacionamento entre os participantes de uma entrevista pode destruir-se rapidamente” (1998, p. 256).

De acordo com Thompson (1998), é importante observar aspectos relevantes, como a necessidade de uma pesquisa prévia em outras fontes para fornecer embasamento e fundamentação. Dessa forma, ao elaborar uma entrevista, é essencial ter ao menos um conhecimento básico sobre o tema, pois, caso contrário, o entrevistador corre o risco de inverter os papéis e acabar se tornando o entrevistado.

Como se trata de entrevistas que buscaram abordar o olhar e as memórias dos participantes, foi necessário um levantamento de dados históricos a partir de leituras de livros e outros trabalhos relacionados a história e o patrimônio da

cidade de Mossâmedes. Esse objetivo, permitiu uma segurança e a possibilidade de conduzir as perguntas mais pontuais, promovendo a facilidade de guiar os entrevistados aos acontecimentos e fatos que ocorreram no decorrer dos anos, sendo assim, acarretando em perguntas necessárias e respostas que contribuíram com a pesquisa.

Utilizar a técnica de entrevista semiestruturada se enquadra à pesquisa qualitativa, que conforme Sparkes e Smith (2014), é um meio de questionamento social, focando no olhar que as pessoas têm para interpretar e dar sentido às suas experiências no mundo em que vivem. O foco principal se dá na importância em concentrar-se na experiência individual de cada indivíduo.

A pesquisa qualitativa, é pautada na interpretação de acontecimentos reais que de acordo com Oliveira (2007):

O pesquisador qualitativo pauta seus estudos na interpretação do mundo real, preocupando-se com o caráter hermenêutico na tarefa de pesquisar sobre a experiência vivida dos seres humanos (...). Os pesquisadores que se dedicam às ciências naturais trabalham com objetos que não possuem uma capacidade de reflexão e interpretação. Diferentemente, os estudiosos sociais, por terem um objeto interativo por natureza, precisam de um apanhado teórico metodológico que se ajuste às especificidades do seu objeto de investigação (OLIVEIRA, 2007, p. 82- 83)

Nos últimos anos, a pesquisa qualitativa tem crescido exponencialmente, como demonstrado pelo aumento de publicações científicas que adotam essa metodologia. Esse tipo de investigação utiliza entrevistas em profundidade, acompanhadas de uma análise compreensiva de seu conteúdo. O método destaca o interpretativismo⁹, valoriza o estudo do todo e foca na experiência subjetiva dos indivíduos, explorando como as pessoas percebem, constroem e interpretam o mundo ao seu redor.

No decorrer das entrevistas, de uma forma singular, ocorreram perguntas mais fluidas, objetivando a possibilidade em que entrevistados expressaram as

⁹ Segundo Cooper e Whit (2012), citados por Resende (2016, p. 51), sentimentos e emoções constituem a base do interpretativismo, que se concentra nas formas individuais de representação do mundo. Nesse contexto, a generalização de verdades por meio de inferência estatística sobre o comportamento humano deve ser descartada. Os dados coletados pelo pesquisador são analisados com o objetivo de identificar significados, valores e explicações, entre outros aspectos. Em outras palavras, o pesquisador "adentra o fenômeno para compreender o que é significativo do ponto de vista e das ações das pessoas que o vivenciaram".

emoções a partir de histórias e vivências na praça. Em uma entrevista específica, a entrevistada, em um momento emotivo, chorou ao recordar de memórias felizes em que colecionou com seu sogro em uma festividade na praça. Esse fenômeno, em que a mente traz à tona a memória que se conecta com a emoção, permitindo um relato lindo e emocionante, só é possível graças à maleabilidade proporcionada pela de entrevistas semiestruturadas.

As entrevistas podem ser classificadas em três tipos principais: estruturadas, não estruturadas e semiestruturadas. As entrevistas estruturadas seguem um roteiro fixo de perguntas, aplicadas na mesma ordem e com as mesmas palavras a todos os participantes, assumindo que estes compreenderão igualmente as questões e fornecerão dados relevantes para as hipóteses do pesquisador.

Já as entrevistas não estruturadas ou abertas apresentam um guia geral, com questões amplas e flexíveis, permitindo a inclusão de novas perguntas para explorar melhor o tema, sendo o papel do pesquisador ouvir e interpretar os informantes, que geralmente têm pouco conhecimento prévio sobre o assunto.

Por fim, as entrevistas semiestruturadas combinam características de ambas, oferecendo perguntas previamente definidas, mas permitindo respostas mais livres e a adição de novas questões, conforme necessário, dependendo do desenrolar da interação.

Segundo Thompson (1998), o questionário mais livre é essencial quando o objetivo não é obter informações objetivas, mas captar a visão subjetiva de como uma pessoa enxerga sua vida, seja em sua totalidade ou em partes. O autor destaca que, mesmo em entrevistas livres, é necessário estabelecer um contexto social, explicar o objetivo e fazer ao menos uma pergunta inicial para iniciar o diálogo. Pois, de acordo com Thompson (1998, p. 263), “quanto mais claro estiver para você o que vale a pena perguntar e qual a melhor maneira de perguntar, mais você conseguirá obter de qualquer tipo de informante”.

Para a realização da pesquisa foram utilizadas fontes documentais, que a partir do conceito de Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009),

A pesquisa documental é um procedimento que se utiliza de métodos e técnicas para a apreensão, compreensão e análise de documentos dos mais variados tipos (...). Esses documentos são utilizados como fontes de informações, indicações e esclarecimentos que trazem seu conteúdo para elucidar determinadas questões e servir de prova para

outras, de acordo com o interesse do pesquisador (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p. 4-5).

Importante destacar que a pesquisa documental requer um olhar cuidadoso e atento. As informações adquiridas através de relatórios, revistas, cartas, reportagens em jornais, fotografias, gravações, *sites* como instagram e facebook, são meios que não receberam nenhum tratamento científico, conforme Oliveira (2008) destaca.

Além disso, empregamos a análise de fotografias como metodologia de pesquisa. Ao observarmos as representações visuais da cidade de Mossâmedes, desde suas origens históricas até as imagens do presente, torna-se evidente como as transformações e permanências na paisagem local revelam aspectos culturais da cidade. Essas imagens refletem não apenas o passado, mas também as práticas socioculturais, as memórias, as tradições e os patrimônios, todos expressos por meio de suas dimensões visuais.

De acordo com Menezes (2011, p. 243), é fundamental que o pesquisador compreenda as diversas variáveis que caracterizam a natureza da imagem, bem como a multiplicidade de significados e funções que ela pode assumir ao longo da história:

De longe, a abordagem mais corrente entre historiadores para a análise de imagens visuais, inspirada em Erwin Panofsky, é a iconográfica, principalmente ao longo da segunda metade do século passado (Mahiques, 2008-2009). Privilegiando o significado das imagens, a iconografia compartilha com a semiótica, cuja voga é um pouco posterior (e que teve menos impacto), uma reação explícita e consistente contra o puro formalismo que vigia na história da arte na virada do século XIX para o XX. Ambas também compartilham o tratamento da imagem predominantemente como um suporte sígnico e tendem a nele identificar propriedades intrínsecas suficientemente estáveis (MENEZES, 2011, p. 244).

A pesquisa sobre a Praça Damiana da Cunha foi realizada de forma abrangente, utilizando fotografias, história oral, registros documentais e entrevistas gravadas. Embora não tenham sido encontrados títulos específicos sobre a praça, sua relevância é destacada em diversos registros, devido à presença do único patrimônio tombado da cidade de Mossâmedes e à homenagem à Índia Damiana da Cunha em seu nome.

Essa pesquisa se dispõe a analisar o contexto histórico social criado a partir da Praça Damiana da Cunha, visando o fortalecimento da identidade local.

A praça além dos seus diversos significados e memórias coletivas e individuais, está repleta de histórias sobre a construção da cidade de Mossâmedes, histórias essas que ao passar das décadas vem sendo esquecidas.

3. INTERVENÇÕES E REPRESENTATIVIDADE PATRIMONIAL NA PRAÇA DAMIANA DA CUNHA

“Praça é o lócus da Sociabilidade Maior”

Lucio Costa¹⁰

Como afirmam Silva, Lopes e Lopes (2011), as praças são espaços públicos presentes nas cidades em geral, frequentados por pessoas de diferentes faixas etárias, grupos sociais e concepções de vida. Tais espaços públicos são utilizados para uma variedade de fins pela população urbana, como manifestações artísticas, lazer, descanso, recreação, além de outras atividades. Desse modo, o espaço, na visão de Santos (2006, p. 38), “reúne a materialidade e a vida que a anima”.

Embora a praça seja predominantemente vista como um lugar de encontro e troca social na cidade, é fundamental reconhecer que seus usos e funções têm se transformado e se adaptado às mudanças e necessidades da sociedade ao longo do tempo. Conforme apontam De Angelis et al. (2005), as praças sempre refletiram características específicas de sua época. Na Grécia e Roma Antigas, por exemplo, a Ágora e o Fórum representavam, principalmente, espaços onde os cidadãos exerciam sua cidadania e formavam o público ativo (DE ANGELIS et al., 2005). Esses locais também simbolizavam ambientes destinados a encontros, comércio, debates de ideias, práticas religiosas, entretenimento e até mesmo momentos de lazer e descanso.

Na Idade Média, conforme De Angelis *et al.* (2005), a praça assumiu um papel significativo como palco de espetáculos. Nesse período, além de ser um

¹⁰ A frase é atribuída ao urbanista e arquiteto brasileiro **Lucio Costa**, conhecido por seu trabalho no planejamento urbano, especialmente no projeto de Brasília. Ele frequentemente destacou a importância das praças como espaços centrais de convivência, sociabilidade e integração comunitária nas cidades. Fonte: https://www.ebiografia.com/lucio_costa/.

espaço social e de trocas comerciais, a praça também se consolidou como um lugar de encontros políticos e de "espetacularização" do cotidiano (DE ANGELIS et al., 2005).

Já no Renascimento, como apontam Matas Colom *et al.* (1983 apud DE ANGELIS et al., 2005, p. 9), a praça se tornou um dos principais elementos urbanísticos voltados para a renovação e o embelezamento das cidades. Vista como um espaço especial integrado à estrutura urbana, ela passou a transcender sua função prática, incorporando valores político-sociais, simbólicos e artísticos (MATAS COLOM et al., 1983 apud DE ANGELIS et al., 2005, p. 9). Por sua vez, as praças barrocas, marcadas por seu dinamismo, baseavam-se no princípio da imaginação, com o objetivo de persuadir, envolver e criar novas realidades (CERONE, 1994 apud DE ANGELIS et al., 2005, p. 9).

Grande parte das necessidades e características presentes nesses períodos históricos ainda persistem nos dias atuais. Contudo, atualmente, muitas dessas questões se manifestam em diferentes tipologias de espaços públicos. A praça contemporânea, como aponta Favole (1995 apud DE ANGELIS et al., 2005, p. 15), geralmente não desempenha uma função específica e sua consolidação não depende exclusivamente de um edifício ou monumento. Embora seja cada vez mais evidente a redução do "espírito de coletividade", conforme refletem De Angelis et al. (2005), a praça, ao longo do tempo, manteve sua essência como um espaço atrativo de encontro e convivência.

A praça seja ela do período neolítico, grego, romano, da idade média, do renascimento, do modernismo, pós-modernismo, contemporânea ou colonial, é com toda certeza o espaço comum onde se encontra e se proporciona a diversidade cultural, e com a evolução dos processos de globalização não só as informações como as populações dos mais diversos lugares do globo tiveram livre acesso a todos os territórios do mais diferentes locais e distâncias, os fluxos migratórios decorridos das guerras foi outro fato, propiciador da mistura étnica e cultural, e o espaço físico urbano de encontro de todos esses, povos, culturas e raças é incontestavelmente a praça (SOUZA; OLIVEIRA, 2010, p. 9-10).

Ao longo do tempo, a praça tem sido caracterizada como um espaço de trocas culturais, convivência e exercício da cidadania, oferecendo condições para reuniões, debates e diálogos. Além de seus valores funcionais, sócio-políticos, culturais e artísticos, a praça reflete sentimentos de liberdade e coletividade, sendo um lugar onde se ensinam e aprendem saberes. Para muitas

comunidades, ela é a única opção de lazer e recreação, atraindo usuários frequentes mesmo diante da concorrência com outros espaços. De Angelis *et al.* (2005) destacam ainda seus valores estéticos e simbólicos, pois as praças se consolidam como elementos referenciais e cênicos das cidades, desempenhando um papel crucial na identidade urbana.

A praça, além de ser um espaço de convivência e trocas culturais, assume um papel fundamental na preservação da memória coletiva. Seus valores simbólicos e funcionais ajudam a reforçar a identidade do lugar e das pessoas que o frequentam, tornando-se um marco na construção da memória urbana. Ao proporcionar um espaço onde histórias, tradições e vivências se encontram, a praça se transforma em um território de pertencimento, onde os frequentadores se conectam não apenas entre si, mas também com o passado e a identidade cultural daquele local.

Dessa forma, ela não é apenas um lugar físico, mas um ponto de convergência entre memória, história e vida cotidiana. Nesse sentido,

ao trazer-se à tona na memória, o papel das praças na vida da população, percebe-se que ela está presente em nós como também é exterior a nós. Guardamos na memória vários objetos que nos fazem lembrar de maneiras diversas, a praça traz às pessoas a lembrança de momentos felizes ainda que muitas vezes estejam perdidos na memória. Esse passado reconstruído e recriado no presente pela memória coletiva exprime um sentido de identidade, de pertença e de segurança da continuidade temporal aos indivíduos (FARACCO; DORSA, 2011, p. 148).

Conforme o exposto, ao discorrer sobre a Praça Damiana da Cunha, busca-se fazer uma conexão entre a identidade de um povo e a história coletiva de vida que o moldou, sendo assim, é impossível tratar da história sem conceituar e discutir sobre a memória, pois, não haveria passado se não houvesse memória e, conseqüentemente, não existiria a história (Halbwachs, 2009).

Figura 13 - Praça Damiana da Cunha



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

O bem aqui apresentado é citado como sendo um importante local histórico no núcleo pioneiro da cidade de Mossamedes. É visto pela população como um ponto turístico e de grande importância para o cotidiano dos mossamedinos, sendo um lugar de encontro no decorrer dos anos. Na praça, além de estar edificada o único bem tombado como patrimônio material da cidade, foi utilizada durante anos por exemplo como ponto de encontro para a população assistir televisão.

Ou seja, a praça se constituiu como sendo essencial na construção da vida cotidiana, representando elementos das vivências, da narrativa histórica e do contexto cultural da cidade de Mossamedes, sendo importante na composição da identidade e da memória dos mossamedinos.

Assim, “as praças apresentam importante papel na promoção do desenvolvimento local, vez que são um ponto de referência para relações interpessoais, ampliando relações secundárias e reforçando relações primárias dentro de uma mesma comunidade” (FARACCO; DORSA, 2011, p. 141).

3.1. Modificações

Os monumentos e os espaços públicos do país são frequentes alvo de reformas e modificações pelo poder público. Seja pela necessidade de reformas, pelos conflitos gerados entre o ser social e a política, pelo dia a dia de cada lugar ou mesmo pelas transformações ocorridas por força da natureza, hodiernamente ocorre a alteração e a modificação da estrutura original destas localidades e construções.

De acordo com Corrêa (2020), o espaço urbano é resultado de um processo de produção social, influenciado pela atuação de diversos agentes sociais. Esses agentes possuem interesses, estratégias e práticas espaciais específicas, carregando consigo contradições e gerando conflitos tanto entre si quanto com outros grupos da sociedade (CORRÊA, 2020, p. 43). O autor também destaca que o espaço urbano é produzido não apenas como um conjunto de materialidades, mas também como um lugar carregado de significados diversos, relacionados a aspectos como estética, status, etnicidade e sacralidade (CORRÊA, 2020, p. 44).

Dentre as variadas mudanças no contexto atual, destacam-se os planos de intervenções urbanas que envolvem áreas centrais e locais de interesse patrimonial, como praças públicas. Esses projetos, frequentemente voltados para a revitalização das cidades, buscam a reabilitação ou requalificação urbana, transformando esses espaços em ambientes mais atrativos e funcionais.

No entanto, as intervenções podem assumir diferentes formas, dependendo dos atores sociais envolvidos. Quando motivadas por interesses políticos e/ou econômicos, essas ações podem desencadear processos de elitização urbana e especulação imobiliária. Nesse cenário, a praça, enquanto espaço público, deixa de ser apenas um lugar de convivência e lazer para se

tornar parte de um produto comercializável, impactando a dinâmica social e a paisagem urbana (SERPA, 2018).

É o mercado quem vai ditar em última instância quais manifestações culturais devem ser —revitalizadasII ou — retraditionalizadasII, afastando-as gradativamente do seu sentido e valor de culto originais e transformando, nesse processo, a experiência e a memória dos envolvidos em vivência e mercadoria, a ser consumida como objetos de marketing empresarial e turístico. (SERPA, 2018, p. 170)

O processo de mercantilização do patrimônio emerge paralelamente ao aumento da preocupação com a preservação da memória coletiva; contudo, tem se intensificado nos últimos anos, especialmente devido ao crescimento do consumo em escala global, impulsionado pelo sistema capitalista neoliberal (HARVEY, 1992).

Em determinadas ocasiões, a alteração do espaço público acaba por causar contrariedade na população, pois o contexto geral do ambiente público é repleto de representação e de significados para o grupo que ali frequenta. Modificar o espaço é, também, modificar a memória que as pessoas têm desses lugares. Para Pesavento (2008) “os lugares de memória de uma cidade são também lugares de história. História e memória são, ambas, narrativas do passado que presentificam uma ausência, reconfigurando uma temporalidade escoada” (PESAVENTO, 2008, p. 4).

Dessa forma, pode-se indicar conforme destaca Coelho (1996) “na percepção do seu ambiente cotidiano, alguns habitantes podem se mostrar sensíveis ao desaparecimento de uma rua, um prédio, uma casa. Lugares que façam algum sentido” (COELHO, 1996, p. 40).

As intervenções efetuadas em determinado espaço público – sejam por reformas ou por restaurações – que é dotado de significados para uma sociedade ou um grupo, acabam gerando uma ruptura de identificação entre as pessoas que vivenciam tal local, sempre que tais alterações estruturais ou estéticas sejam promovidas sem que antes ocorra uma ponderação entre o que é referência para os próprios indivíduos:

Os edifícios e os espaços urbanos envelhecem e clama por revitalização ou requalificação com recorrências cada vez mais frequentes por se relacionarem de forma desarticulada entre espaço, tempo e cultura na sua visão mais ampla, que abrange a vida e as pessoas com um todo, e não um modo linear e unilateral de concepção.

Então esse descompasso entre espaço, tempo e cultura da cidade, pode produzir projetos de arquitetura e de gestão distanciados e desarticulados das vivências, ocasionando perda de referência ou de direção (Memeiros, 2005).

Contudo, quando tratamos de espaços patrimonializados, as intervenções podem ocorrer através de estudos que agreguem os símbolos já sedimentados no referido bem cultural. Desse modo, acarretam-se ao mesmo tempo novos valores ao local protegido e preservado, mantendo-se o seu caráter patrimonial, ao mesmo tempo em que são também respeitadas as concepções e preceitos das pessoas que ali frequentam, sempre com planejamento, de modo que não ocorra o distanciamento dos indivíduos daquele lugar (Schlee e Medeiros, 2018).

A Portaria nº 375/2018 do IPHAN estabelece a Política de Patrimônio Cultural Material, indicando respeitar alguns princípios para promover a intervenção em bens culturais patrimonializados. Entre eles, destacamos o axioma da participação efetiva, que garante a participação da população regional em todo o processo de intervenção; assim como o princípio da colaboração, tanto da sociedade quanto do poder público; e, ainda, o da humanização, que é a garantia da cidadania e dignidade da pessoa humana.

A praça Damiana da Cunha, recentemente passou por um procedimento de restauro, no qual ocorreu a pintura da Igreja Matriz de São José e de toda a praça. O último processo de restauro anteriormente efetuado na praça está datado do ano de 2013, contando com construções e modificações do local. O restauro atual da referida praça contou tão somente com uma nova coloração das imagens da escultura feita em homenagem à Damiana da Cunha.

Figura 14 - Praça Damiana da Cunha – 2024



Fonte: https://instagram.com/mossamedes_news?igshid=MzRIODBiNWFIZA==.
Acesso em: janeiro/2025.

É interessante notar que as modificações nos espaços públicos têm como objetivo melhorar o uso por parte dos grupos que os frequentam. Antes de realizar qualquer alteração, é importante ouvir as queixas e as demandas dos usuários que têm experiência no local, buscando novas maneiras de aproveitar o espaço, de modo a conciliar as reformas pretendidas com os interesses e os sentimentos da população citadina.

Hoje é utilizada para a realização das principais festividades do município como missas da igreja Matriz de São José, celebração realizada ao ar livre, a tradicional festa de maio, festas juninas, festa de agosto em louvor a São José e como cartão postal da cidade. Repleta de significados para diversos grupos sociais, que utilizam a praça de diferentes formas. “Esses significados costumam estar associados à forma como território é utilizado ou valorizado por certo grupo, são as experiências dessas pessoas que dão sentido especial ao lugar” (Manual de Aplicação, IPHAN, p. 31).

Figura 15 - Festividade da Igreja Matriz de São José de Botas – 2024



Fonte: acervo da pesquisadora.

Cada lugar tem suas particularidades, crenças e atividades que dão significados ao dia a dia de cada grupo. Olhar para eles de forma atenta e específica é essencial para novas descobertas e novos bens que merecem cuidados.

Quando pensamos no espaço público, devemos pensar também em qual relação o espaço possui com as/os suas/seus usuárias/os. Para Recchia (2005) a cidade é uma junção da relação das pessoas que nela habitam. Para a autora, esses espaços “(...) precisam ser percebidos na sua dimensão humana, ou seja, no que uma cidade e alguns de seus cenários significam para quem nela vive e para quem deles usufrui” (Recchia, 2005, p. 62). Com isso, é necessário um cuidado maior quanto às suas modificações; essa relação entre o indivíduo e espaço é de suma importância para aquelas/es que ali frequentam.

3.2. Memória e Pertencimento

A memória e o pertencimento são fios invisíveis que ligam as pessoas a um lugar. Mais do que um espaço físico, um local carregado de história se torna parte da identidade de quem o vivencia. Cada espaço, cada árvore e cada rua guardam lembranças que ecoam através das gerações, fortalecendo os laços entre passado e presente.

O pertencimento nasce do reconhecimento. Quando uma praça, uma igreja ou uma rua se tornam pontos de encontro e referências afetivas, elas deixam de ser apenas construções e passam a ser símbolos de um povo. A Praça Damiana da Cunha não é apenas um espaço público; é um território de encontros, festas, saudades e histórias compartilhadas.

Preservar a memória desse lugar significa valorizar as experiências daqueles que o viveram e garantir que as futuras gerações compreendam seu significado. Cada relato, cada lembrança, cada detalhe guardado na memória dos moradores fortalece essa ligação entre o indivíduo e sua terra. É por meio dessas histórias que a praça continua viva, pulsando no coração de quem a chama de sua.

Figura 16 - Praça Damiana da Cunha



Fonte: acervo Associação Aldeia.

3.3. Praça

A memória construída de uma praça não está relacionada apenas com sua arquitetura, mas principalmente nas experiências de quem a frequentou. Festas populares, encontros casuais, brincadeiras infantis e momentos de reflexão fazem desses lugares verdadeiros marcos afetivos. Com o tempo, a história de uma cidade se entrelaça com a história de suas praças, tornando-as símbolos de pertencimento e continuidade.

Segundo Maria Jose¹¹ a “Praça Damiana da Cunha, ela me remete à minha infância... ela tem essa memória efetiva, assim, que chega a ter cheiro”, a participante relata que residiu durante a sua infância no largo da Igreja, ou seja, na região da praça. Ao ser questionada sobre a importância do espaço público, no sentido afetivo, ela nos relata o seguinte,

Praça Damiana da Cunha, ela me remete à minha infância, porque eu morei no Largo da Igreja, bem ali no Largo da Igreja. Hoje o espaço que nós chamamos Salão Paroquial, né, mas ali era casa, as casas germinadas. Inclusive eu tenho fotos dessa época, né, muito interessante. Aquela característica, né, que você tá bem próximo do vizinho, porque parede meia. Então eu morei nesse lugar. Então eu tenho, assim, uma memória efetiva muito grande, muito gostosa da região da Praça Damiana. Porque, inclusive, a professora Antônia Barbosa, que é a dona Fiuca, era a nossa vizinha de parede meia. E uma das coisas que ela fazia todo ano, religiosamente, era montar o momento do Natal. Então ela fazia ali aquele presépio. E o presépio dela era bem, assim, manufaturado mesmo. Ela pegava as coisas e fazia ali aquela reciclagem. Ela pegava a própria graminha do muro, aquela graminha verdinha, aquela coisa mais linda. Então até isso a minha memória, ela é bem fotográfica. Ela joga até o verde daquela graminha lá do arredor da igreja, do arredor do muro e da casa dela. Então a Praça Damiana, pra mim, ela tem essa memória efetiva, assim, que chega a ter cheiro (entrevista com Maria José).

As memórias que uma criança constrói ao longo da infância são carregadas com ela pela vida toda. Ao ser questionado sobre suas memórias na Praça Damiana da Cunha, Divino José ¹² lembra o seguinte,

¹¹ Entrevista concedida por SILVA, Maria José Modesto. Entrevista [mar. 2025]. Entrevistadora: Carolina Pimenta Cardoso. Mossâmedes, 2025. Gravação em áudio por celular (18min24s).

¹² Entrevista concedida por PEREIRA, Divino José. Entrevista [out. 2024]. Entrevistadora: Carolina Pimenta Cardoso. Mossâmedes, 2024. Gravação em áudio por celular (10min51s).

Ali eu lembro quando eu era criança, quando as casas ainda eram ligadas umas nas outras, que hoje não existem mais, e que nós brincávamos muito em frente à igreja, que chamava Largo da Igreja, que era, parecia grama, mas não era. Era capim. Enquanto nós estávamos jogando bola no centro, em volta estava o cavalo comendo o capim, a égua comendo o capim. Também no meio da praça, quase, não tão no meio, mas lateral um pouquinho, tinha um chafariz, onde tinha água pra gente pegar na torneira ali, quantidade que quisesse. Era aberta a população. Era aberta a população de chafariz (entrevista com Divino José).

Figura 17 - Crianças Jogando Bola em Frente à Igreja



Fonte: acervo Aldeia Associação.

Ao ser questionado sobre a praça como um lugar de memória afetiva, Divino José relata o seguinte,

Eu sinto assim, filme na cabeça, me dá saudade. Você pensa, pô, passou tão rápido, parece que ontem, era menino brincando aqui nesse quintal, aqui na praça. Essa pracinha ali, quando era tudo cascalho, lá embaixo, quando era tudo cascalho. E essa transformação foi rápida demais. Muito rápida. Metamorfose (entrevista com Divino José).

Para o entrevistado Joaquim Batista¹³ uma de suas memórias na praça são as folias que chegavam, segundo ele “tinha chegada de folia no sábado, aí tinha cinco, seis folia”.

Figura 18 - Chegada da Folia na Praça Damiana da Cunha



Fonte: acervo Aldeia Associação.

Uma memória compartilhada pelo entrevistado Joaquim Batista é uma foto (figura 19) com suas duas filhas na primeira comunhão, tirada na Praça Damiana da Cunha.

¹³ Entrevista concedida por LEITE, Joaquim Batista. Entrevista [mar. 2025]. Entrevistadora: Carolina Pimenta Cardoso. Mossâmedes, 2025. Gravação em áudio por celular (08mim09s).

Figura 19 - Joaquim Batista Leite, sua esposa e suas filhas



Fonte: imagem fornecida pelo entrevistado Joaquim Batista Leite.

Cada relato carrega não apenas informações, mas também emoções, lembranças e significados que dão vida ao passado. Ao perguntar a entrevistada Sandra¹⁴ se para ela a Praça Damiana da Cunha era um lugar de memória, disse o seguinte “sim, é um lugar de memória, ricas memórias, tempos bons, até hoje a gente vivência esses momentos de encontro religioso, encontro com amigos, o tempo continua”.

¹⁴ Entrevista concedida por AMORIM, Sandra Luzia Leite. [out. 2024]. Entrevistadora: Carolina Pimenta Cardoso. Mossâmedes, 2024. Gravação em áudio por celular (08mim55s).

Ao questionar a entrevistada Marta¹⁵, prefeita da cidade de Mossâmedes, sobre suas memórias e lembranças de momentos na praça, ela relatou o seguinte,

Grandes momentos, né? Primeiro que a praça sempre é um palco para passeio, para brincadeira das crianças, são mães com bebês na praça. Mas eu brinquei muito na praça e eu peguei um momento forte da minha juventude em que os eventos aconteciam somente na praça Damiana, porque ao redor da praça a gente tinha lá a danceteria vinte vê, o boteco tipo assim, e eram os lugares mais frequentados. E a praça ela era sempre lotada, em todos os momentos. Da parte religiosa existia procissão ao entorno da praça. E as festas grandes eram realizadas ali, a praça sempre cheia de jovens (entrevista com Marta Maria).

A entrevistada Marta compartilhou uma memória significativa para ela na praça, depois de questionada sobre momentos felizes vividos ali, ela relatou,

Mossâmedes teve uma época forte de Réveillon, e o Réveillon era ali na praça. Então, assim, era um momento muito bonito, porque a meia-noite era os fogos de artifício, né, e depois iniciava um grande show ao vivo. Uma das coisas que marcava para a gente ali era o nosso Réveillon marcado pela Banda Marcantes, que fazia muito sucesso ali. E o marco principal, porque ali tem as lembranças, né, dos amigos, do reencontro de amigos ali na praça. Isso sempre fica na memória (entrevista com Marta Maria).

Falar das memórias é revivê-las, sentir de novo o calor de um abraço que já não está ali, ouvir risos que ficaram marcados na memória e encontrar, na saudade, um caminho de volta para os momentos mais bonitos da vida. A entrevista Sandra relembrou com emoção a história de seu sogro, que era carreiro e tinha na Praça Damiana da Cunha um ponto de chegada e encontro da romaria, relatou o seguinte,

Como foi uma Romaria iniciada pelo meu sogro, então a gente tem memórias boas, né? Porque ele sempre veio de carro de boi, e hoje a gente não o tem mais. Então assim, todo ano que ele veio de carro de boi, a gente percebe assim, lembra, né? A fé que ele tinha, e por ele ter iniciado, então assim, os filhos continuam ainda, os netos, que continuam vindo de carro de boi, e é um momento assim, de lembrança mesmo, daquela vivência de família, né? De estar vindo e vivenciando, né? Junto com a igreja, com Deus, né? A fé em São José, né? Que é o padroeiro da nossa cidade. Então esse momento marcante realmente

¹⁵ Entrevista concedida por CUNHA, Marta Maria Caetano de Almeida Cunha. [fev. 2025]. Entrevistadora: Carolina Pimenta Cardoso. Mossâmedes, 2025. Gravação em áudio por celular (11mim51s).

fica nesse dia da sexta-feira da Romaria, que acontece justamente na praça, e todo o momento que eles falam, né? Que fica o padre beijando os carros de bois, que tem também o carro de bois da frente com a dor, e sempre a gente lembra da imagem dele, estando presente ali, e o nome dele, né? Sendo falado ainda. Então, por ter sido o que construiu, né? O que iniciou essa Romaria de carro de boi em Mossâmedes (entrevista com Sandra Luzia).

Figura 20 - Carros de Boi



Fonte: acervo da Associação Aldeia.

Sandra destacou como a praça não é apenas um espaço físico, mas um símbolo da resistência e do modo de vida daqueles que moldaram a cidade.

Ao questionar a entrevistada Gabriela¹⁶ por ser mais jovem sobre suas memórias vivenciadas no espaço público, a participante reata um momento muito significativo para ela que ocorreu na praça,

Sim, na infância. Quando eu era criança, eu tenho uma lembrança bastante nítida na mente. É... Na festa de agosto, que era em louvor a São José, eu tava na girandola e aí sempre no sábado é muito emocionante. Aí no final da novena toca a música de São José e aí eu tenho a lembrança de rezar e olhando os fogos e a música tocando. E esse momento foi muito, assim, significativo pra mim que nunca esqueci (entrevista com Gabriella de Deus).

¹⁶ Entrevista concedida por ROSÁRIO, Gabriella de Deus. [abr. 2024]. Entrevistadora: Carolina Pimenta Cardoso. Mossâmedes, 2024. Gravação em áudio por celular (13mim26s).

Uma das memórias mais marcantes compartilhadas pelos entrevistados foi a época em que a televisão na Praça Damiana da Cunha reunia a comunidade. Em um tempo em que poucos tinham acesso ao aparelho em casa, a praça se tornava um verdadeiro cinema a céu aberto. Ao ser questionado sobre a televisão na praça, Divino José relata o seguinte,

Naquela época, quando colocaram a televisão na praça, foi lá que a gente tinha uma televisão em casa. Acho que eram uns três, no máximo, que tinham o privilégio de ter televisão em casa. Aí o prefeito da época colocou ali uma televisão para o público. E foi uma ideia muito lógica, muito boa. Reunia pra assistir novela, assistir filme, assistia a gravação da novela. E interessante, como a transmissão antena era ruim demais, televisão preta e branca, então você não sabia nem o que era imagem às vezes direito, porque você buscava demais na imagem (entrevista com Divino José).

Na visão da participante Maria José,

Nossa, a coisa mais chique do mundo. Até porque televisão era artigo de luxo, né? Principalmente pra mim, que família muito humilde, né? Não tinha, não podia nem pensar na nossa casa não tinha nem água encanada. Você imagina a televisão. Isso era coisa de outro mundo, né? Então, a televisão representava aí na década de 70, 80, pra nós, o momento de interação, de conhecimento mesmo, de descer para a Praça Damiana pra assistir televisão. E o interessante é que a televisão hoje, né, ela seria o quê? Nossa, ultrapassadíssima, que chuviscava o tempo todo, pequenininha, poucas polegadas. Mas pra nós era, assim, uma coisa, uma inovação. E tinha o momento certo de ligar e o momento certinho de desligar. E a gente tinha que assistir aquilo que o responsável por ligar e desligar colocava. Então, não interessa o que ele queria. Nós teríamos que assistir o que ele tinha colocado lá. Até porque não tinha muitas opções de canais naquela época, né? Mas a televisão era coisa, era coisa assim, nossa, era inovação. Era uma modernidade pra nossa época. O nosso setor, nessa época da televisão, eu já morava no setor da Damiana, a gente descia do setor Damiana para ir para a Praça da Damiana. Era assim, era uma viagem, era uma coisa, assim, muito importante que nós iríamos fazer, que era ir para a Praça da Damiana assistir televisão (entrevista com Maria José).

Figura 21 - Praça Damiana da Cunha na época da televisão



Fonte: acervo Associação Aldeia.

A entrevistada Marilene¹⁷ relata como iniciou a televisão na praça,

Aí 1970 Me parece que o prefeito era o Lincoln, eu acredito que era ele mesmo. É, pro pai era até vereador, meu pai era vereador na época. Construiu a praça. E o maior feito ali da praça, que é o povo de Mossâmedes era pobre, tinha inaugurado em 1969 a televisão. Que ainda não tinha energia, era no motor. Aí o povo amava as novelas, o jornal, todos os programas da televisão eram maravilhosas à noite. Aí foi quando o prefeito fez uma casinha assim, porque a televisão não tinha ficado dentro uma casinha, pois se não molhava, e aqueles bancos que tem que conservar, aqueles formatos, aqueles bancos ali que parecem um teatro de arena. Ali ficava cheio de gente, já não tem nem foto, porque nem tinha acesso a essas coisas, cheio de gente assistindo. Ligava a seis e meia e desligava, terminava na novela das dez. O homem dava um piscada no motor era do Barroso para avisar que estava acabando a energia, né, que desligava. Até que uns dois, três anos mais tarde chegou a energia aqui também. Dá Celg. Mas perdoou por muitos anos aquele estilo, que eu achava que era muito bonito (entrevista com Marilene Adorno).

¹⁷ Entrevista concedida por PRUDENTE, Marilene Adorno. [mai. 2024]. Entrevistadora: Carolina Pimenta Cardoso. Mossâmedes, 2024. Gravação em áudio por celular (32mim13s).

A participante Matildes¹⁸ compartilha como foi marcante esse momento,

Hoje se eu te falar, você não acredita como era aquela praça, cheia de gente, super movimentada, e uma coisa que me marcou bastante foi a TV, porque lá tinha uma TV que o povo da cidade assistia televisão lá, porque ninguém tinha em casa, e eu fui uma que assistia, vinha lá de cima para assistir televisão, eu morava com a minha avó, aí a gente descia para assistir novela (entrevista com Matildes Ferreira).

Reunir-se na praça para assistir à televisão era mais que um simples entretenimento, era um evento comunitário. Ali reunia-se para compartilhando risadas, emoções e histórias, transformando em um verdadeiro ponto de encontro e a magia das imagens encantava a todos. Para o entrevistado José Verissimo¹⁹, era um momento onde toda a cidade vivia,

Sempre a gente participava de várias formas das atividades, como que eu vou dizer para você, das maneiras que a pessoa tinha de participar, dos eventos, aquilo que estava acontecendo na cidade. Então, a gente sempre estava presente ali. Não só pelas festividades, mas o momento que a cidade vivia. Você entendeu? Que Mossâmedes e a época que a gente tinha essa questão de assistir televisão, que Mossâmedes na época tinha cine, a pessoa assistia cinema, você entendeu? O que é raro, mas toda cidade até o Mossâmedes possuiu cinema, tudo, você entendeu? Então, a praça mesmo, ela traz para nós todas as questões que os jovens da época vivenciaram (entrevista com José Verissimo).

Ao entrevistar o Padre da Igreja Matriz de São José de Botas, Mauro Francisco²⁰ e questionar se para ele, como Padre da igreja, identificava a praça como um lugar de memória, nos relata o seguinte,

Sempre foi, sempre foi. Porque converge para ela toda a ideia que constitui um povo, um município, uma comunidade de fé cultural também. Inclusive, quando eu morei aqui na década de 90, a vida da cidade era nessa praça. Hoje, praticamente, a vida da cidade está sendo vivenciada na praça de cima, a praça do Itaú. O movimento está ali e diminuiu muito o movimento aqui na praça central. Mas até a década de 90, recordo bem que nós tínhamos aqui na praça uma televisão, porque naquela época não era todo mundo que tinha televisão, então tinha uma televisão na praça, as pessoas se encontravam para bater papo, para conversar, tinham as arquibancadas. Talvez você nem era nascido ainda. Mas era uma coisa

¹⁸ Entrevista concedida por BORGES, Matildes Ferreira Borges. [jan. 2025]. Entrevistadora: Carolina Pimenta Cardoso. Mossâmedes, 2025. Gravação em áudio por celular (09mim25s).

¹⁹ Entrevista concedida por SANTANA, José Verissimo. [abr. 2024]. Entrevistadora: Carolina Pimenta Cardoso. Mossâmedes, 2025. Gravação em áudio por celular (14mim07s).

²⁰ Entrevista concedida por SANTOS, Mauro Francisco dos. [out. 2024]. Entrevistadora: Carolina Pimenta Cardoso. Mossâmedes, 2024. Gravação em áudio por celular (20mim03s).

belíssima e que servia como ponto de encontro. Então, a vida da cidade, sobretudo para os jovens que saíam à noite, era a praça central. Então, a praça da Matriz é mais do que um localizador, ela é um ponto de encontro entre pessoas (entrevista com Mauro Francisco).

A Praça Damiana da Cunha é muito mais do que um espaço público; ela é um repositório vivo de memórias, onde cada canto guarda fragmentos das histórias de quem por ali passou. Dos carregadores que encerravam suas jornadas sob sua sombra à televisão que reunia a comunidade em noites de encanto, a praça sempre foi um ponto de encontro entre gerações. Hoje, mesmo com um novo olhar dos mais jovens, ela continua a ser um símbolo de identidade e pertencimento, provando que, apesar das mudanças do tempo, certos lugares jamais perdem sua essência.

3.4. Igreja

No município Mossâmedes, a Igreja Matriz de São José de Botas se ergue como um marco da história da cidade, testemunha das mãos que a ergueram e das vidas que por ali passaram. Construída pelos povos originários que habitavam a região, sua estrutura carrega não apenas o peso do tempo, mas também a memória e o trabalho daqueles que moldaram suas paredes, talharam sua madeira e deram forma a um dos símbolos mais marcantes do município. Cada pedra assentada conta um pouco da trajetória dos povos originários que, com esforço e habilidade, transformou o barro e a madeira em um monumento que atravessa gerações. Hoje, a igreja não é apenas um templo, mas um elo vivo entre o passado e o presente, uma lembrança concreta da história do município.

Figura 22 - Igreja Matriz de São José de Botas



Fonte: acervo da Associação Aldeia.

Ao questionar o Padre da Igreja Matriz de São José de Botas, Mauro Francisco, sobre o olhar como um representante da igreja, por estar retratada como um ponto turístico para a cidade, se para a comunidade católica isso era importante, ele diz o seguinte,

Sem dúvida, porque sempre foi da tradição católica preservar um patrimônio que não só garanta, vamos dizer, o culto em si, como referência da vida da comunidade, mas a história da igreja, não só no Brasil, mas no mundo todo, a história da igreja católica é constitutiva de uma identidade. Por exemplo, a nossa igreja, que tem 250 anos, celebramos em abril passado, março passado, estão 250 anos, não tem como eu falar da história de Mossâmedes sem partir da constituição dessa igreja. Então, a igreja, a história, a cultura da igreja, é o ponto de partida para a história do município de Mossâmedes. Não tem como eu falar de Mossâmedes sem falar da igreja. Então, ela é parte constitutiva, não é opcional. Eu vou optar por falar da história, vou optar por falar da igreja, não. Queira ou não, eu tenho que tê-la como ponto de referência. A igreja, ela coloca esse bem como parte da identidade (entrevista com Mauro Francisco).

Segundo o Padre Mauro Francisco é de interesse da igreja o reconhecimento do IPHAN para que a edificação seja reconhecida como

patrimônio nacional, pois acreditam que será mais fácil resolver questões da estrutura que tem se complicado ao decorrer dos anos. Segundo ele:

nós estamos em processo de reconhecimento da igreja como patrimônio nacional. Porque até eu pensava que ela já tinha sido tombada pelo IPHAN, mas ela foi tombada pelo patrimônio cultural do Estado de Goiás. Então, nós já entramos com o pedido, oficializamos e encaminhamos tudo e estamos aguardando um feedback do IPHAN, para que ela, de fato, tenha mais condições de preservar e resolver algumas picuinhas que têm trazido transtorno, complicações para a estrutura dela (entrevista com Mauro Francisco).

Para a participante Maria José, sobre a igreja como um possível ponto turístico para a sociedade, ela respondeu:

A igreja, com certeza, com certeza. A igreja, inclusive, eu sou cristã e sou protestante da linha do protestantismo, mas na minha infância e na minha adolescência, eu participei muitas vezes da limpeza da imagem com a Dona Maria Rezadeira. A Dona Maria Rezadeira, quando eu morava lá perto, ela toda vida que zelou da igreja e da limpeza da igreja. Então, quando ela ia fazer a limpeza, ela me chamava para ajudar. Então, eu conhecia, assim, os cantinhos daquela igreja, os segredos daquela igreja, os baús que lá tem, o banco que vira baú, aquilo para mim era um achado. Era um banco, aí ela abria aquele banco e lá dentro estava guardado os forros, as coisas, aquilo para mim era coisa de todo mundo. Era baú mesmo, era o baú do achado. Então, e não é só isso. Aquela igreja, ela é sim patrimônio. Ela é sim patrimônio. Além de um patrimônio material que nós temos na cidade, a história da construção dela é muito rica, muito rica, que nos remete a Damiana da Cunha. Se não fosse o esforço da Damiana da Cunha para buscar os seus irmãos em várias fugidas que eles iam para a Serra Dourada, para os sertões afora, com certeza nós não teríamos hoje esse monumento. Porque aquela mão de obra ali foi mão de obra indígena. Todos nós sabemos. Sem falar que ali tem outros segredos, o porquê que uma parede é diferente da outra, o porquê que de um lado ali, quando escavaram, encontraram ossos e se tornou um sítio arqueológico. Então, são coisas muito interessantes. Ali é sim lugar de estudo. É lugar, sim, para ciência trabalhar.

A participante Marta Maria reafirma essa importância da igreja como um patrimônio para a comunidade, com a seguinte fala “a gente conta com o maior patrimônio que a gente tem, que é a igreja Matriz de São José, construída por mãos indígenas desde 1774”. Para a entrevistada, a igreja é mais que uma construção “ela aqui é o nosso cartão postal. E ela em beleza, nossa praça Damiana da Cunha”.

No ponto de vista da entrevistada Matildes Ferreira, a igreja é “um ponto histórico, cultural, religioso, político, tudo”. Para ela é impossível fazer uma pesquisa sobre a Praça Damiana da Cunha e não referenciar toda a trajetória da cidade, pois ali começa “toda a história”.

Para a entrevistada Sandra Luzia, a Igreja Matriz de São José de Botas é mais do que um monumento histórico; ela é parte das principais celebrações de sua vida, segundo a participante: “eu casei na igreja de São José, da matriz de São José, então a gente fazia todo o processo, tem todas as lembranças, o batizado dos meus filhos, então foi momentos importantes”. Essas lembranças mostram como a Igreja vai além de suas imponentes históricas, ela é um espaço de afeto, onde cada momento ali vivido reforça o vínculo com o lugar e com a história da cidade.

O vínculo com a Igreja Matriz de São José de Botas vai além do tempo, transformando-se em um símbolo afetivo para muitos moradores. Como ressalta o entrevistado Sebastião Moreira²¹, que ao ser questionado sobre a igreja ele responde o seguinte:

E ela é uma característica, ela é uma igreja que se torna um símbolo afetivo. Não só pela questão religiosa, mas acho que por ela mesma. Porque ser um patrimônio tão bonito, seja você católico ou não, é como a igreja de Perinópolis. Ela inclusive é contemporânea, tem características parecidas. Ela tem características construtivas e uma beleza que, pela construção em si, você já cria o vínculo com ela, de ter ela na memória, sendo mossamedina. É o início do aldeamento. Então, além dela marcar a origem da própria cidade, eu acho que a beleza dela, da construção, justifica o vínculo. É quase impossível você dissociar.

3.5. Damiana da Cunha

O nome de Damiana ressoa como um pilar essencial na memória de Mossâmedes. Sua história não foi apenas um detalhe no passado da cidade, mas um elo fundamental entre os povos originários e a construção de um lar comum. É certo que algumas figuras identitárias não pertencem apenas ao passado, elas permanecem vivas na alma de uma cidade.

²¹ Entrevista concedida por FILHO, Sebastião Moreira. [mai. 2024]. Entrevistadora: Carolina Pimenta Cardoso. Mossâmedes, 2024. Gravação em áudio por celular (32mim34s).

Ao questionar a participante Maria José se para ela como mossamedina, reconhecia a Damiana como uma identidade uma força feminina, ela respondeu o seguinte:

Sem sombra de dúvida. Ela foi uma mulher à frente do seu tempo. Claro que hoje, para os direitos humanos, se fosse a gente pegar outro viés, muitos estudiosos poderiam passar que ela utilizou dessa ligação dela com seus irmãos indígenas para escravizar os próprios irmãos. Os irmãos fugiam e ela ia lá buscá-la. Mas tem o outro lado. Se não fosse também esse trabalho de buscar esses irmãos, de conscientizar que eles precisavam de ajudar na construção, hoje nós não teríamos esse movimento. Não teríamos. Tem o lado, que a gente poderia observar isso e falar assim, nossa, uma época desumana com seus irmãos de sangue. Mas acontece que o aldeamento, o aldeamento pelo governador da capitania de Goiás da época, a mão de obra era a indígena. Então, automaticamente, ele, como padrinho de Damiana, ele cativou, ele a instruiu a fazer esse trabalho. E para nós, mossamedinos, ela deixa esse legado sim. Ela tem a história dela gravada na cidade de Mossâmedes. Ela faz parte sim do patrimônio histórico da cidade de Mossâmedes (entrevista com Maria José).

Nesse mesmo viés de pensamento a Prefeita da cidade, entrevistada Marta Maria, diz o seguinte:

E eu falo que Damiana da Cunha também representa para nós aqui em Mossâmedes, a expressão feminina, a força da mulher, a fortaleza da mulher. Damiana da Cunha fez com que Mossâmedes também fosse conhecida internacionalmente.

Considerando o reconhecimento de Damiana em outras regiões e até em outros países, o entrevistado Divino José relembrou um momento em que um conhecido, de outro estado do Brasil, lhe perguntou o nome da pessoa responsável por catequizar os indígenas em Mossâmedes. Conforme ele diz:

Eu, um dia, lá em Palmas, que eu morei lá há 22 anos, um senhor, doutor Darcy Coelho, ele já foi juiz, cível, e juiz federal. Ele um dia virou para mim e me perguntou, falou assim, Cabrinha, eu conheço você há alguns anos aqui em Palmas, você é de onde? Eu falei, eu sou de Mossâmedes. Ele falou assim, a antiga ardeia de São José. Falei, justamente. Doutor Darcy me perguntou, como é que chama uma pessoa da história de Mossâmedes que catequizava, catequizou os índios? Damiana da Cunha, ele falou você é de Moçamedes, quer dizer, você tem que saber a história da sua cidade para você falar, eu sou daqui (entrevista com Divino José).

O olhar do cidadão mossamedino sobre Damiana é diverso e cheio de nuances. Para a participante Matildes Ferreira, ao ser questionada sobre a relevância da indígena, diz o seguinte:

Nossa senhora faz parte da história. Ela foi o começo de tudo, né? Ela que fazia todo o intercâmbio entre portugueses e indígenas. Os indígenas. E aí entrou a questão política, a questão religiosa. Ela que trabalhava com os índios, a questão religiosa (entrevista com Matildes Ferreira).

No mesmo sentido do olhar de Damiana como a Indígena catequista, a entrevistada Sandra Luzia, faz a seguinte colocação “A Damiana é uma figura... figura de catequista... exemplo na comunidade de luta, né? Pra, na época, pra estar construindo essa identidade da aldeia de São José da época”.

A entrevistada Marilene Adorno vê Damiana como uma verdadeira heroína e expressa essa visão de forma direta e convicta. Em suas palavras, Damiana não foi apenas uma personagem do passado, mas uma figura essencial na história de Mossâmedes, cuja força e determinação marcaram gerações. Seu depoimento reforça a importância de reconhecer Damiana não apenas como parte da memória da cidade, mas como um símbolo de coragem e resistência. Em seu ponto de vista, sobre os conflitos sofridos pela indígena, diz seguinte:

fiquei sabendo que eu ainda não li o Joaquim Manoel de Macedo, que é autor daquele livro da Moreninha que ele escreveu sobre um conflito que a própria da Damiana viveu. Então não sou eu ela mesma sofreu. Entre eu, Índia, contra o meu povo. E do Lato Branco e contra o meu povo. Então ela sofreu esse conflito e certamente dentro do conflito, que ela sofreu ela tomou a melhor decisão. Que agora a gente sabe foi falta da nossa cidade outra falha da cultura mossamedina e ter estudado sobre da Damiana não é ficar acreditando que é essa falta de documentação histórica. Não é o Fulano falou que era assim igual era criança, eles falavam cuidado se não os índios estão vindo te roubar, porque você é loirinha, eles adoram loira, o pai falava, o cumpade tá aí, tá pondo fogo na serra, eles falavam que era a procissão dos índios, aí então ela merecia ter sido estudada pela nossa cidade não pela Espanha, não pela Inglaterra não pela Estados Unidos, mas ter estudado aqui. Porque agora a gente foi ver que ela ia daqui ao Rio de Janeiro e acabava de resolver problemas. Então ela era uma embaixadora (entrevista com Marilene Adorno).

Ao ser questionada se ela considera a figura histórica como uma heroína para a cidade de Mossâmedes, Marilene Adorno relata o seguinte:

Acho, acho que com todos, não digo só de Mossâmedes, até do povo der com todas as falhas que ela teve, que ela deve ter tido como ser

humano e ela nem tinha instrução pra mais do que isso, que ela teve, ela foi porque ela conseguiu essa transferência pacífica, por que? Em um documento que eu estava olhando do, não sei se é do Palacin, em que ela fala que os índios falam que o branco de Mossâmedes era bravio e armado, Então ela nesse conflito, ela buscou a melhor solução para o povo dela, que foi transferir pacificamente pra ir do bananal pra não ser morto porque ela sabia que eles estavam sendo esmagados quer dizer, esmagados então dentro, não como heroína, porque o branco era ótimo, maravilhoso heroína porque ela se entregou pra poder poupar o povo dela essa é minha visão, né assim, bem baseada em leitura, de história, assim mas também pensando como Damiana, me colocando no lugar dela (entrevista com Marilene Adorno).

Damiana é um símbolo de resistência e identidade; para outros, uma figura envolta em histórias transmitidas ao longo das gerações. Essa multiplicidade de perspectivas, dualidade entre várias faces, enriquece ainda mais seu legado, mostrando como sua presença ressoa de diferentes formas na memória da cidade.

Por estar inteiramente ligada à história da Igreja Matriz de São José de Botas, durante a entrevista com o Padre Mauro Francisco, representante legal do templo religioso, o questionamento foi claro: para a Igreja, como Damiana é vista? Ele respondeu o seguinte:

O que é da cultura do povo, a igreja, vamos dizer, abraça com toda a causa. Tem muitas linguagens, muitas maneiras de ler Damiana da Cunha. Uma delas, não é a única, uma delas é que ela foi uma força importante para a catequização dos demais índios. Então, ela foi utilizada como se fosse uma catequista para poder trazer a doutrina cristã na linguagem de seu povo. Então, é uma grande referência, além da cultura, para a dimensão de fé. Claro que os moldes eram outros, quando a gente fala de catequista, os moldes eram outros e não podemos, vamos dizer... Os moldes eram outros e não podemos dizer que é uma catequização como hoje nós realizamos, mas foi uma peça, uma figura importantíssima para a cristianização daqueles povos. Isso a gente não entra no mérito de se foi o melhor método, mas para o padrão da época era, vamos dizer, um grande investimento (entrevista com Padre Mauro Francisco).

Por existir uma escultura nua de Damiana pintada no centro da praça, como anteriormente narrado, o participante Padre Mauro Francisco, foi questionado sobre o impacto que essa obra tem para ele, como representante da igreja. A resposta foi a seguinte:

a escultura dela está ok, porque está sendo retratada a real que ela era. É o modo como ela viveu no seu tempo. E é evidente, quando a

gente vai referir a uma personalidade tentando retratar o modelo do período, os índios, seguramente, eles viviam daquele modo. Então, não é da natureza da igreja, vamos dizer, um puritanismo vazio, e achar que é uma exposição sem fundamento, super tranquilo. Eu não ouvi nada a respeito. Por isso que eu disse, não vamos entrar no método que foi aplicado, que era o comum da época. Porque no campo histórico, eu não posso, com os meus critérios de hoje, com os valores de hoje, eu querer aplicar para aquele período. Claro que eu vou entrar em choque. Então eu não posso ler séculos anteriores com os critérios de hoje. Eu tenho que tentar entender a cultura da época, a lógica da época, como foi, vamos dizer, conduzida a historicidade da época, para eu poder ser o mais neutro possível no sentido de analisar um elemento. Qualquer situação fora ou dentro da igreja, se eu for hoje, com os princípios de hoje, projetar 2, 3, 4, 5 séculos atrás, eu vou entrar em crise. Esse não é o caminho. A gente fala de texto e contexto. Eu tenho que saber ler o contexto da época para eu poder entender melhor essa situação (entrevista com Padre Mauro Francisco).

Ao questionar os demais participantes sobre a obra que homenageia Damiana, construída na praça, e qual impacto sua imagem transmitia a cada um, as respostas foram diversas. Para a entrevistada Marta Maria,

aquele busto, eu falo que ele leva a gente a saber da importância da Damiana da Cunha índia, que fez a história de Mossâmedes. Ali nos remete à história de Mossâmedes. Ali são dois momentos fortes que tem ali. A do Espírito Santo, que simboliza a religiosidade do município, que é uma expressão forte da nossa gente, que é a expressão de fé. E Damiana da Cunha, que nos remete à origem da aldeia de São José (entrevista com Marta Maria).

De maneira semelhante, o participante José Verissimo, diz o seguinte:

A construção daquele mural fez retratar a proximidade de Damiana com os indígenas. Eu vejo que aquele mural é simplesmente a questão de retratar a aproximação dela, porque é a história dela com os indígenas. Você entendeu? Eu não quero patulhar do político também, em relação a ela, porque ela foi criada por um governo do outro, você entendeu? Sim. E a aproximação dela também com os portugueses, na época, os indígenas, quando ela era descendente indígena. Você entendeu? Então, eu tenho o mural retratando uma memória, você entendeu? Ainda que é do imaginário... Ali está intimamente ligada uma história. Sim. A praça é homenagem a ela, o nome. Você entendeu? Então, aquele retrato, certo? Aquela obra que foi feita, aquilo ali é uma consagração da homenagem a ela. Sim. E quem olhar para aquilo ali levanta toda uma história. Sim. Envolvendo a praça, o nome dela e isso levanta. É um retrato. Sim. Então, vem a memória de Damiana que está associada também a uma praça. Sim. É uma história envolvendo ela e o município (entrevista com José Verissimo).

Para a entrevistada Matildes Ferreira, a imagem não gera nenhum impacto ao olhar a pintura. Segundo ela “porque era a história, era o período deles, não tem impacto”. De modo similar, o entrevistado Divino José diz:

ali é uma arte, né? De um... De um artista, né? Então, na realidade, ninguém, segundo... soube. Ninguém tem uma foto da Damiana. Fizeram um... Até lá no cartório, quando ela era em cima, não sei se você chegou a ver lá, um desenho pintou pelo pintor local, que é muito famoso, Gomes de Sousa. Ele supôs que a... a fisionomia dela era aquele que ele pintou no quadro. Porque... Estou até enganado. Mas, segundo falam, ninguém tinha uma foto dela, porque naquela era um tirava do avião. Não. Só retratos falados (entrevista com Divino José).

Já para a entrevistada Sandra Luzia, a homenagem carrega um profundo significado familiar, considerando que seus antepassados eram indígenas. Ela relata o seguinte:

Assim... Não seria... Seria um impacto, mas... Quando a gente olha pra ela assim, vê que é uma indígena, que são identidades que vêm, que são origens, nossas origens, né? Porque minha avó era indígena. Minha bisavó, tataravó, era indígena. E assim, a gente vê um processo de colonização, às vezes, é... Difícil, né? Porque a gente vê o sofrimento dos povos indígenas de ter sido explorados pelos brancos, né? E, mesmo assim, por ela ter sido indígena, ter contribuído para a comunidade mossamedina, né? Pra história de Mossâmedes, né? Então, assim... É... E até mesmo as pessoas que... Que são discriminadas, né? Porque os indígenas ainda continuam sendo discriminados. Depois de tantos anos, né? De séculos. Continuam discriminados e ainda persiste a ideia, né? A memória de que eles são pessoas que contribuíram muito pra nossa formação (entrevista com Sandra Luzia).

Em consonância com todo o exposto e partindo para um olhar mais técnico e estético, a participante Maria José faz a seguinte colocação ao ser questionada sobre a representação de Damiana da Cunha na praça:

Olha, obra de arte, leitura de obra de arte, ela é bem subjetiva, bem subjetiva. Eu não pegaria aquilo ali para representá-la, não seria. Mas quem sou eu para falar da obra de um autor como o Omar? Eu acho que não cabe a mim falar isso. Mas não seria para mim ali a representatividade da Damiana. Não seria aquela obra. Mas não cabe a mim falar que está bem representada ou não. Até porque, obra de arte, a leitura é subjetiva (entrevista com Maria José).

Na mesma linha de pensamento, o participante Sebastião Moreira tece as seguintes considerações:

se você fosse me perguntar se aquele monumento, se deveria ter sido aquele monumento para ser construído, eu acho que não. Eu acho que merecia uma intervenção de um monumento maior, eu acho. Eu acho que deveria ter sido pensado a construção, porque em todos os debates que se tem da Damiana, sempre tem algum relato dizendo que, quando ela chega da expedição, ela é carregada, ela é ovacionada. Eu acho que ficaria legal ter feito esse momento ali. Alguma construção de indígenas em bronze e a Damiana sendo carregada. Eu acho que esse era o símbolo máximo da Damiana ali, naquele espaço público. Ela era a celebração da liderança dela na cidade. Eu acho que isso seria mais... Uma relação mais estreita com o passado e com a memória da própria Damiana que se quis celebrar. Então, se eu quero celebrar ela no perfil heroína, ter essa construção de vários indígenas em bronze e a Damiana sendo carregada, ovacionada, faria lembrança a esse lado da Damiana como heroína brasileira. Eu acho que essa seria a minha orientação. Se eu pudesse ter dado alguma orientação para fazer uma intervenção que fizesse em homenagem à Damiana, eu sugeriria isso (entrevista com Sebastião Moreira).

Sebastião Moreira apresenta reflexões sobre a dualidade de Damiana da Cunha, dividida entre a heroína, a catequista e a figura controversa associada à xenocida, com as seguintes colocações:

Eu acho que ali a representação ficou uma representação muito singela para a heroína que se gostaria que ela que para alguns ela é. E que sem dúvida ela foi nessa idade. Você imaginar quanto ela tem um papel de liderança e num certo sentido heroína, eu acho que isso é possível afirmar com certeza. Porque você imaginar, nós estamos falando do começo do século XIX. A figura feminina no começo do século XIX é uma figura de ocupar papel de liderança é uma coisa absolutamente extraordinária. O papel da mulher neste momento é relegado a papéis completamente secundários. Político nunca. Então acho que é nesse sentido que ela é celebrada. Você vê essa figura feminina e ainda mais sendo uma indígena dos povos originários fazendo essa mediação entre dois mundos e ocupando essa posição política. Ainda que se por um lado isso pode ter significado a intensificação do xenocida indígena olhando apenas para o aspecto micro que seria a posição política dela como mulher é indiscutível. Dado que você não tem figuras femininas nesse momento ocupando posições inclusive mulheres brancas ocupando papéis de relevância localmente. Depois você vai ter a própria Princesa Isabel no final do século XIX. Mas em pequenas cidades, no interior do país, figuras femininas ganhando projeção é fantástico. Você imaginar aqui, ainda mais sabendo que foi uma indígena. É surpreendente. Então desse ponto de vista e também é claro você tem sempre que fazer uma análise contextualizada. Então a gente sabe que a Ardamena teve um escravo. Um escravizado, corrigindo. Mas era o contexto daquele momento. A gente vivia a escravidão. Então o fato dela ter um escravizado não denota, digamos assim, de pronto uma certa deformação moral. É só que ela estava inserida num contexto social em que aquilo existia. Então a gente também não sabe muito como era essa relação dela com esse escravizado. Se era uma relação afetiva ou provavelmente pode até ter sido nem ter sido de violência porque ele seguiu com ela, não tentou fugir. Então é preciso também ter essa clareza de analisar as coisas dentro do tempo (entrevista com Sebastião Moreira).

Todo o exposto permitiu compreender o olhar de alguns sobre essa figura mística, que teve um papel fundamental na cidade de Mossâmedes. Entender a necessidade de problematizar sua trajetória, ao mesmo tempo em que se aceita olhar para sua história com a consciência de que Damiana foi fruto de seu contexto, traz luz aos motivos que a transformaram em uma identidade marcante para a comunidade mossamedina.

4. ALDEIA: ONDE AS RAÍZES CONTAM HISTÓRIAS

4.1. Aplicando o Produto Proposto

O Aldeia é um acervo virtual, site, colaborativo e de natureza repositória, dedicado ao armazenamento de dados históricos, fotografias, memórias e outras mídias digitais relacionadas à história de Mossâmedes. O projeto surgiu com o propósito de abraçar a missão da Associação Aldeia, que busca criar espaços de preservação da memória e fortalecer a identidade do povo goiano.

A Associação tem como projeto lançar luz sobre a política indigenista implementada no Brasil Central durante os períodos colonial e imperial, além de refletir sobre o processo de formação econômica do estado de Goiás. Ao promover a arte e a cultura indígena, valorizar a produção artística mossamedina e incentivar a visita ao Parque Estadual da Serra Dourada, o Aldeia contribui para ampliar o reconhecimento do patrimônio histórico e cultural da região.

Além disso, o projeto se alinha ao esforço de atrair investidores do setor de hotelaria e serviços, fomentar a geração de emprego e renda e transformar a cultura e o turismo na base do desenvolvimento econômico da cidade e do entorno.

O site foi criado com o compromisso de registrar e compartilhar as manifestações culturais, festividades e encontros que fazem da Praça Damiana da Cunha um verdadeiro palco da história mossamedina. Seja nas celebrações religiosas, nos festejos populares ou nas expressões artísticas que ecoam pela cidade, buscando eternizar aquilo que torna Mossâmedes única.

Por se tratar de um acervo virtual, o Aldeia é acessado exclusivamente por meio da internet. Isso significa que, para explorar seu conteúdo, o usuário

precisa estar conectado a uma rede de internet ativa, seja por meio de Wi-Fi, dados móveis ou outra forma de conexão estável. O acesso ao site pode ser feito a partir de diferentes dispositivos eletrônicos que possuam suporte à navegação na web. Isso inclui telefones celulares (smartphones), tablets, iPads, computadores de mesa (desktops), notebooks e qualquer outro equipamento que permita a abertura de páginas na internet.

O Aldeia foi projetado para ser responsivo, ou seja, sua interface se adapta automaticamente ao tamanho da tela do dispositivo utilizado. Isso garante uma navegação fluida e acessível, independentemente do meio pelo qual o usuário decide acessar o acervo. Caso o usuário enfrente dificuldades para acessar o site, recomenda-se verificar a conexão com a internet, atualizar o navegador ou testar em outro dispositivo compatível. Se necessário, suporte técnico pode ser solicitado para garantir uma experiência adequada de navegação.

Para acessar o Aldeia, o visitante deve abrir um navegador de internet em seu dispositivo (como Google Chrome, Mozilla Firefox, Safari ou Microsoft Edge) e digitar o endereço eletrônico <https://aldeiaassociacao.com.br/>. Esse link levará diretamente ao *Site*, veja a seguir um exemplo de acesso através do computador.

Figura 23 - Página Inicial do site



Fonte: elaborado pela pesquisadora e desenvolvido por Caio Brenner Justo²² (2025)

²² Caio Justo foi o desenvolvedor do site Aldeia - https://www.instagram.com/caio_justo/.

Na página inicial o visitante terá acesso a um vídeo narrado, com fotos da Cidade de Mossâmedes, apresentando o projeto da associação. Na barra de acessos, na parte superior do site, o visitante terá atalhos para as principais abas: o “início” que se trata da página inicial de acesso, onde explica detalhadamente sobre o produto; “Damiana da Cunha”, aba que traz a história da indígena e imagens; “Praça” aba que traz fotos, relatos de moradores e/ou pessoas que queiram compartilhar vivências no espaço público; “Cidade” aba em que será destina a fotos, informações sobre a cidade, festividades e textos de escritores da cidade de Mossâmedes; “Fotos” aba a qual se destina a um acervo geral de fotos, da cidade, da população, do patrimônio, material, cultural, histórico, artístico, natural e demais que ao decorrer do tempo nos for apresentado.

Figura 24 - Principais Abas do Site



Fonte: elaborado pela pesquisadora e desenvolvido por Caio Brenner Justo (2025)

O visitante terá acesso, na parte inferior da tela inicial, as quatro principais abas do site. Dessa forma, poderá optar pelo acesso através da barra superior ou por meio das ilustrações, que de forma simples, bastando clicar nas respectivas imagens, será redimensionado para a tela desejada.

Figura 25 – Aba do site em homenagem aos povos originários que construíram a Igreja Matriz de São José de Botas



Fonte: elaborado pela pesquisadora e desenvolvido por Caio Brenner Justo (2025)

É importante destacar que, à medida que o visitante desliza ou percorre a página inicial do site, será exibido a imagem (figura 26), a qual tributa homenagem aos povos originários que construíram a Igreja Matriz de São José. Essa representação busca reconhecer e valorizar a contribuição fundamental desses povos na história e no patrimônio cultural de Mossamedes.

Figura 26 - Homenagem aos povos originários



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

A imagem foi pensada e elaborada, para homenagear os seguintes grupos indígenas: Iny (Karajá e Javaé), Akwen (Akroá, Xacriabá, Xavante, Xerente), Boé (Bororo), Kaiapó do Sul (Panará) e carijó (Avá-Canoeiros). Esses povos, com suas culturas e tradições, tiveram um papel essencial na formação da história, identidade da cidade e na construção da Igreja Matriz.

Figura 27 - Espaço para Colaboração do Público



Fonte: elaborado pela pesquisadora e desenvolvido por Caio Brenner Justo (2025)

Este espaço do site foi cuidadosamente formulado para promover a participação ativa dos moradores e visitantes de Mossâmedes. O objetivo é permitir que os participantes enviem fotos, vídeos e textos, contribuindo para o enriquecimento contínuo do conteúdo do site e para a preservação da história local. Os arquivos poderão ser enviados clicando diretamente na opção “Enviar Colaboração”, ou através do endereço de e-mail: contatoaldeiaassociacao@gmail.com, disponível nas informações no rodapé do site. Dessa forma, todos têm a oportunidade de agregar suas memórias e vivências, ajudando a construir um acervo colaborativo que reflita a verdadeira essência da cidade e de sua cultura.

Cada aba do site *Aldeia* foi pensada para contar um pouco da história de Mossâmedes, destacando seus momentos mais importantes e os povos que ajudaram a construí-la. A navegação levará o visitante por diferentes aspectos da cidade, desde suas origens e tradições até registros visuais e relatos que preservam a memória local. Dessa forma, o site se torna um espaço vivo de aprendizado e valorização da identidade histórica de Mossâmedes.

Figura 28 - Seção “Damiana da Cunha”



Fonte: elaborado pela pesquisadora e desenvolvido por Caio Brenner Justo (2025)

A aba *Damiana da Cunha* contará a história dessa importante líder indígena, que desempenhou um papel fundamental na relação entre os povos originários e os colonizadores na região de Mossâmedes. Nessa seção, os visitantes poderão conhecer sua trajetória, sua luta pela preservação de seu povo e sua influência na formação da comunidade local. Com textos, imagens e referências históricas, essa aba busca resgatar e valorizar a memória de Damiana da Cunha, reconhecendo sua relevância para a história da cidade e para a cultura indígena no Brasil.

Figura 29 - Seção “Praça Damiana da Cunha”



Fonte: elaborado pela pesquisadora e por Caio Brenner Justo (2025)

A aba *Praça Damiana da Cunha* será dedicada ao espaço que leva o nome dessa líder indígena e ao seu significado histórico e cultural para Mossâmedes. Nessa seção, os visitantes poderão conhecer detalhes sobre a praça, sua origem, transformações ao longo do tempo e sua importância como símbolo de resistência e memória dos povos originários. Além disso, a aba apresentará informações do relatório técnico que analisa o espaço, destacando sua relevância no contexto urbano e patrimonial da cidade.

Essa seção também trará a história da Igreja Matriz de São José de Botas, um dos marcos mais importantes de Mossâmedes. Como parte do conjunto histórico da praça, a igreja tem uma forte ligação com a formação da cidade e com os povos que participaram de sua construção. Nessa seção, os visitantes poderão conhecer sua trajetória, suas características arquitetônicas e seu papel na vida religiosa e cultural da comunidade.

Figura 30 - Seção “Cidade - Mossâmedes”



Fonte: elaborado pela pesquisadora e por Caio Brenner Justo (2025)

A seção *Cidade* será dedicada a contar a história de Mossâmedes, desde suas origens até os dias atuais. Nessa parte do site, os visitantes poderão explorar a trajetória do município, conhecendo os acontecimentos que marcaram sua formação, os povos que contribuíram para seu desenvolvimento e as transformações ao longo do tempo. Além dos textos informativos, a seção contará com fotos antigas e atuais, documentos históricos e outros registros que ajudam a preservar a memória da cidade, proporcionando uma experiência rica e visual para quem deseja conhecer mais sobre Mossâmedes.

Ainda terá uma aba denominada *fotos*, que será um espaço dedicado a imagens e textos compartilhados pelos cidadãos de Mossâmedes e por visitantes da cidade. Esse espaço busca dar visibilidade às histórias, lembranças e experiências de quem vive ou já passou por Mossâmedes, valorizando a perspectiva pessoal de cada um. Por meio de relatos, registros fotográficos e depoimentos, a aba criará um acervo colaborativo que enriquece a memória coletiva do município, permitindo que diferentes gerações contribuam para a preservação e a divulgação da identidade local.

4.2. Devolutiva Para a Comunidade

O site *Aldeia* foi concebido como um espaço dinâmico e acessível para preservar e compartilhar a história de Mossâmedes. Para garantir uma devolutiva efetiva à sociedade, ele já foi pré-apresentado no dia 16 de março de 2025, através das redes sociais da Associação e grupos de WhatsApp, que celebrou um ano do primeiro encontro da Associação Aldeia. Esse momento permitiu que a comunidade conhecesse a plataforma, navegasse por suas seções e contribuísse com sugestões, reforçando o compromisso do projeto com a participação coletiva na valorização da memória local.

A devolutiva não se limita apenas a compartilhar informações, mas também a criar um canal onde os cidadãos possam contribuir ativamente, enriquecendo o conteúdo do site e reforçando seu papel como um espaço de memória coletiva. Esse processo contínuo de interação entre o projeto e a comunidade visa fortalecer o sentido de pertencimento e identidade, tornando o site não apenas uma ferramenta de preservação, mas também de valorização das vozes locais.

Além da divulgação digital, há a possibilidade de integrar o site ao espaço urbano por meio da inserção de *QR Code* e do endereço eletrônico em pontos estratégicos da cidade. Essa iniciativa permitirá que moradores e visitantes acessem rapidamente ao *Aldeia* enquanto circulam por Mossâmedes, conectando o ambiente físico ao digital. Locais de grande circulação, como a Praça Damiana da Cunha e a Igreja Matriz de São José de Botas, podem se tornar portais interativos para a história, enriquecendo a experiência de quem deseja conhecer mais sobre o município.

O *QR Code* (Quick Response Code) é um código de resposta rápida que pode ser escaneado por celulares e outros dispositivos para acessar links, textos, imagens ou vídeos de forma instantânea. Com essa tecnologia, qualquer pessoa poderá acessar o site *Aldeia* apenas apontando a câmera do celular para o código, tornando a informação mais acessível e prática.

Ao facilitar o acesso ao site, essas ações ampliam o alcance do projeto e incentivam a participação ativa, especialmente entre aqueles que talvez não tenha acesso frequente à internet ou não conheçam a fundo o conteúdo da plataforma. Esse tipo de estratégia permite que o site *Aldeia* se integre ao cotidiano da cidade, permitindo que as pessoas se conectem com a história e as

tradições de Mossâmedes enquanto estão no próprio ambiente urbano. Ao vincular a história local ao presente físico, o site se torna uma ferramenta viva de educação e conscientização.

Além disso, o projeto busca envolver as gerações mais jovens, que frequentemente se conectam à internet por meio de dispositivos móveis. A inserção dos *QR Code* em locais de destaque, como praças, igrejas e outros pontos históricos, permitirá que essas novas gerações se interessem e se apropriem da história de sua cidade de forma interativa e atraente. O uso da tecnologia para promover o conhecimento e o engajamento social é uma forma de criar um vínculo duradouro entre a história e a comunidade, especialmente quando essa história é acessível de maneira prática e moderna. O site *Aldeia* se torna, assim, um elo entre o passado e o futuro de Mossâmedes, com uma devolutiva que é, ao mesmo tempo, educativa e transformadora.

A intenção por trás do projeto *Aldeia* é criar algo verdadeiramente inovador, um produto que vá além de ser apenas uma plataforma digital, mas que se torne uma peça viva e pulsante da cidade de Mossâmedes. O desejo é que este site seja um reflexo da identidade da comunidade mossamedina, um espaço que se renove constantemente, assim como a própria cidade, acolhendo novas histórias, memórias e contribuições.

O objetivo não é apenas preservar o passado, mas também construir um futuro no qual todos se sintam parte da construção dessa narrativa. Esperamos que *Aldeia* seja uma fonte de orgulho e conhecimento, algo que realmente faça diferença na vida das pessoas, que inspire os jovens a valorizar suas raízes e que, com o tempo, se torne um legado imortal de nossa história, sempre se renovando e sempre contribuindo para a cidade e sua gente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, este projeto propôs resgatar, preservar e valorizar a história da Praça Damiana da Cunha, compreendendo-a como um espaço carregado de significados e como um importante lugar de memória para a cidade de Mossâmedes. Ao longo da pesquisa, foi possível perceber que esta praça, muito mais do que um espaço urbano, é o símbolo de um processo histórico profundo e muitas vezes silenciado, relacionado à formação da cidade, à presença indígena e à trajetória de Damiana da Cunha, figura emblemática e ainda pouco reconhecida oficialmente como protagonista da história local.

O estudo reafirma que a preservação da memória não deve ser vista como um ato nostálgico, mas como uma prática política, social e cultural de resistência. Em tempos em que o apagamento de identidades originárias e a padronização das narrativas históricas ainda são frequentes, olhar para a história da Praça Damiana da Cunha é, também, uma forma de resistência e de reposicionamento do olhar coletivo sobre o passado. A praça, ao ser lembrada em sua origem aldeada, carrega o peso de séculos de transformação, desde o território indígena até o centro urbano moderno. Essa transição marca não apenas mudanças físicas no espaço, mas também profundas mudanças culturais, sociais e simbólicas na comunidade mossamedina.

Verificamos que, no contexto histórico da sociedade mossamedina, a área onde hoje se encontra a Praça Damiana da Cunha transcendeu gerações, mantendo uma grande relevância para a comunidade. Muito antes de ser transformada no espaço público que conhecemos hoje, essa região já era marcada como um local de importância, representando o início do aldeamento e sendo um ponto central para a formação da identidade e da história de Mossâmedes.

A história da Praça Damiana da Cunha se entrelaça diretamente com a da Igreja Matriz de São José de Botas e com a própria constituição de Mossâmedes enquanto cidade. Essa interligação revela que não é possível compreender o presente da cidade sem reconhecer os elementos que moldaram seu passado. A memória indígena, frequentemente apagada ou reduzida a notas de rodapé nos registros históricos, aqui foi colocada como centro da narrativa. Damiana da

Cunha, figura que dá nome à praça, representa muito mais que um nome: ela simboliza a resistência, a força e a presença dos povos originários na formação da cidade. Dar visibilidade à sua trajetória é um ato de reparação histórica e cultural.

Durante a realização do projeto, ficou clara a importância de iniciativas que promovam o acesso democrático à memória. A proposta de criação de um repositório digital, flexível e acessível, nasce dessa necessidade. Um acervo que possa reunir relatos, imagens, mapas e registros orais sobre a história da praça e de seus personagens permitirá que a comunidade mossamedina se aproprie de sua história e contribua ativamente com sua preservação. Além disso, reforça-se a urgência de que esse acervo não seja estático, mas sim um espaço vivo, em constante atualização, permitindo que outras vozes, antes silenciadas, também sejam incorporadas à narrativa coletiva.

Os dados coletados por meio de fontes documentais e entrevistas semiestruturadas demonstraram o quanto a Praça Damiana da Cunha está presente no imaginário da população local, sendo vista por muitos como um ponto de encontro, de convivência e de memória. Porém, ao mesmo tempo, revelou-se também a carência de informações formais e acessíveis sobre sua origem e sua importância histórica. Essa lacuna evidencia a necessidade de políticas públicas de preservação do patrimônio imaterial, assim como de ações educativas que fortaleçam o vínculo entre a população e seu território.

As entrevistas semiestruturadas desempenharam um papel fundamental neste trabalho, pois possibilitaram o acesso a narrativas vivas, pessoais e afetivas sobre a Praça Damiana da Cunha. Por meio dos relatos dos moradores, foi possível compreender não apenas os fatos históricos, mas, sobretudo, o modo como a comunidade percebe, ressignifica e se relaciona com esse espaço ao longo do tempo.

Esses depoimentos revelaram memórias que muitas vezes não estão registradas em documentos oficiais, mas que compõem o tecido simbólico da identidade mossamedina. Ouvir os mossamedinos permitiu captar nuances emocionais e culturais que reforçam o valor da praça como lugar de memória coletiva, além de fortalecer o vínculo entre a pesquisa acadêmica e o saber popular, promovendo uma construção de conhecimento mais horizontal, inclusiva e representativa.

A pesquisa, portanto, alcançou resultados significativos. Não apenas foi possível traçar um panorama histórico da formação da praça, mas também identificar a urgência de ações de valorização da memória local. Este trabalho se coloca como uma ferramenta para isso, um ponto de partida para reflexões mais amplas sobre o papel da memória na construção da identidade coletiva, sobre os processos de invisibilização de figuras históricas como Damiana da Cunha e sobre o potencial transformador da história local quando tratada com sensibilidade e compromisso social.

A valorização da Praça Damiana da Cunha como lugar de memória contribui para o fortalecimento do sentimento de pertencimento da população de Mossâmedes. Preservar sua história é também preservar a história de todos aqueles que caminham, vivem e se reconhecem naquele espaço. A praça, como símbolo, tem o poder de unir diferentes tempos e diferentes vozes, abrindo caminhos para um futuro mais consciente de suas raízes. Que este trabalho possa servir de inspiração para outras iniciativas voltadas à memória, ao patrimônio e à cultura, e que a Praça Damiana da Cunha continue sendo um espaço de encontro entre o passado, o presente e o futuro da cidade.

Por fim, é com grande satisfação que conseguimos alcançar os resultados esperados, através de fontes documentais e entrevistas semiestruturadas foi possível concluir a importância da Praça Damiana da Cunha como um lugar de memória. Sendo possível a partir da pesquisa um espaço que contribuirá com a divulgação da cultura, da memória, do patrimônio e da identidade dos mossamedinos, com a certeza de que ele continuará a se expandir e se renovar, sempre contando com a participação ativa da comunidade de Mossâmedes.

ARQUIVOS CONSULTADOS

Arquivo Paróquia São José de Mossâmedes – GO

Arquivo Prefeitura Municipal de Mossâmedes – GO

ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

Entrevista concedida por SILVA, Maria José Modesto. Entrevista [mar. 2025]. Entrevistadora: Carolina Pimenta Cardoso. Mossâmedes, 2025. Gravação em áudio por celular (18min24s).

Entrevista concedida por PEREIRA, Divino José. Entrevista [out. 2024]. Entrevistadora: Carolina Pimenta Cardoso. Mossâmedes, 2024. Gravação em áudio por celular (10min51s).

Entrevista concedida por LEITE, Joaquim Batista. Entrevista [mar. 2025]. Entrevistadora: Carolina Pimenta Cardoso. Mossâmedes, 2025. Gravação em áudio por celular (08mim09s).

Entrevista concedida por AMORIM, Sandra Luzia Leite. [out. 2024]. Entrevistadora: Carolina Pimenta Cardoso. Mossâmedes, 2024. Gravação em áudio por celular (08mim55s).

Entrevista concedida por CUNHA, Marta Maria Caetano de Almeida Cunha. [fev. 2025]. Entrevistadora: Carolina Pimenta Cardoso. Mossâmedes, 2025. Gravação em áudio por celular (11mim51s).

Entrevista concedida por ROSÁRIO, Gabriella de Deus. [abr. 2024]. Entrevistadora: Carolina Pimenta Cardoso. Mossâmedes, 2024. Gravação em áudio por celular (13mim26s).

Entrevista concedida por PRUDENTE, Marilene Adorno. [mai. 2024]. Entrevistadora: Carolina Pimenta Cardoso. Mossâmedes, 2024. Gravação em áudio por celular (32mim13s).

Entrevista concedida por BORGES, Matildes Ferreira Borges. [jan. 2025]. Entrevistadora: Carolina Pimenta Cardoso. Mossâmedes, 2025. Gravação em áudio por celular (09mim25s).

Entrevista concedida por SANTOS, Mauro Francisco dos. [out. 2024]. Entrevistadora: Carolina Pimenta Cardoso. Mossâmedes, 2024. Gravação em áudio por celular (20mim03s).

Entrevista concedida por FILHO, Sebastião Moreira. [mai. 2024]. Entrevistadora: Carolina Pimenta Cardoso. Mossâmedes, 2024. Gravação em áudio por celular (32mim34s).

Entrevista concedida por SANTANA, José Verissimo. [abr. 2024]. Entrevistadora: Carolina Pimenta Cardoso. Mossâmedes, 2025. Gravação em áudio por celular (14mim07s).

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de. **Sobre a memória das cidades**. Revista da Faculdade de Letras – Geografia I, v. XIV, Porto Alegre, 1998, p. 77-97.

ALENCASTRE, J. P. M. **Anais da Província de Goiás, 1863**. Convênio SUDECO/GOVERNO DE GOIÁS. Goiânia, 1979.

BARROS, José D'Assunção. **Cidade e história** / José D' Assunção Barros. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. 128p.

BOSI, Ecléa. **Memória da cidade: lembranças paulistanas**. In: Maria Clementina Pereira da Cunha (Org.). **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico/ SMC/ Prefeitura do Município de São Paulo, 1992, p. 145-149.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Cavalcadas de Pirenópolis – um estudo sobre representações de cristãos e mouros em Goiás**. Goiânia: Oriente, 1974

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Presidência da República, 2022. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 31/01/2024.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. (Trad. Maria de Lourdes Menezes). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

COELHO, Damiana Antonia. **Representações de Damiana da Cunha na história e na literatura**. 2016. 126 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e Humanidades) – Programa de Pós-Graduação em Territórios e Expressões Culturais do Cerrado, Universidade Estadual de Goiás, 2016.

COELHO, Mário César. Ruínas Urbanas. Florianópolis: **Esboços: histórias em contextos globais**, v. 4, n. 4, pp. 39-45, 1996.

COELHO, Tito Oliveira. Violência ritualizada: o processo de descimento do povo nativo no contexto dos aldeamentos. **Revista Espaço e Tempo Midiáticos**, Palmas, v. 2, n. 2, pp. 9-26, jul-dez. 2017.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. 6. ed. São Paulo: Liberdade, 2006.

CHUVA, Márcia. **Da referência cultural ao patrimônio imaterial: introdução à história das políticas de patrimônio imaterial no Brasil**. In: REIS, Alcenir Soares dos.

COSTA, Lúcio. **A arquitetura dos jesuítas no Brasil**. ARS (São Paulo), v. 8, n. 16, p. 127-195, 2010.

CRUZ, Gisele Thiel Della. **Negras, índias e outras mulheres**: representações femininas na ficção histórica brasileira contemporânea. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná, Curitiba/PR: UFP, 2014.

CRUZ, Gisele Thiel Della. Damiana – ponte e margem: ficção e historicidade na trajetória de uma heroína caiapó. In: WEINHARDT, Marilene (org.). **Ficções contemporâneas: história e memória**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2015, pp. 11-41.

DE MEDEIROS, Ana Paula Garcia. **Igreja e religiosidade na urbanização de cidades coloniais nas Américas, nos séculos XVI a XVIII**. Revista Urutágua, n. 21, p. 57-71, 2010.

DIAS, Thiago Cancelier. **O língua e as línguas: aldeamentos e mestiçagens entre manejos de mundo indígenas em Goiás (1721-1832)**. 2017. 340 f. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Goiás, Goiás. p. 63, 2017.

ENDERS, Armelle. “O Plutarco Brasileiro” A Produção dos Vultos Nacionais no Segundo Reinado. In: **Estudos Históricos**. Vol. 14, nº 25. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas, 2000, p. 41-62.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. Edição. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getulio Vargas, 2006.

FERREIRA, Marieta de Moraes, **História oral: velhas questões, novos desafios**, In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org). **Novos Domínios da História**, Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

FIGUEREDO, Betânia Gonçalves. **Patrimônio Imaterial em perspectiva**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015, pp. 25-49.

FLORENCIO, Sônia. Educação Patrimonial: Algumas Diretrizes Conceituais. In:

PINHEIRO, Adson Rodrigo S. (org.). **Cadernos do patrimônio cultural: educação patrimonial**. Fortaleza: Secultfor; Iphan, 2015.

GIRALDIN, Odair. **Renascendo das cinzas. Um histórico da presença dos cayapó-panara em Goiás e no Triângulo Mineiro**. Sociedade e Cultura, vol. 3, n. 1 e 2, jan/dez. 2000, p. 161-184.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O Patrimônio como Categoria do Pensamento. **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Regina Abreu; Mário Chagas (orgs.). 1. Ed. (2003). Rio de Janeiro: DP&A.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

JODELET, Denise. **A cidade e a memória**. In: Del Rio; Duarte & Rheingantz. Projeto do Lugar: Colaboração entre Psicologia, Arquitetura e Urbanismo. Rio de Janeiro: Contracapa, 2002.

KARASCH, Mary. Catequese e Cativo: Política indigenista em Goiás (1780-1889). In: CUNHA, Manuela Carneiro da (org). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura; FAPESP, 1992, pp. 397-412.

HOLANDA, Sérgio Buarque de, 1902- 1982. Raízes do Brasil. In: **O Semeador e o Ladrilhador**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Cap. 4, p. 93 - 138.

IPHAN. **Portaria nº 375, de 19 de agosto de 2018, institui a Política de Patrimônio Cultural Material do Iphan e dá outras providências**. Brasília, 2018.

LIMA, Luana Nunes Martins. **Lugar de Memória: O Patrimônio Goiano Entre o Esquecimento e a Resistência**. 2017. 395 f. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

MATTOS, Raymundo José da Cunha. **Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão pelas províncias de Minas Gerais e Goiaz**. Rio de Janeiro, 1856.

MEDEIROS, Wilton Araújo. **Novo patrimônio: decifração da cidade e iniciação urbana**. *Arquitextos*, n. 63, ano 6, 2005. Disponível: <<https://vitruvius.com.br/re-vistas/read/arquitextos/06.063/435>>. Acesso em: 23 de janeiro de 2024.

MENEZES, José Newton Coelho. **A patrimonialização da vida: vivências, memória social e interpretação do patrimônio cultural**. In: COSTA, E. B.; BRUSADIN, L. B.; PIRES, M. C. (Orgs.). Valor patrimonial e turismo: limiar entre história, território e poder. São Paulo: Outras Expressões, 2012.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra, **História e imagem: iconografia/iconologia e além**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org). *Novos Domínios da História*, Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

MIKKA, Ian. **What on earth is oral history?** In: ELLIOT, James K. (ed.). *New trails in history*. Sydney, Australian Press, 1988.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, pp. 7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007.

PELEGRI, Sandra C. A. Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 26, n. 51, pp. 115-140, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História, Memória e Centralidade Urbana**. Rev. Mosaico, v.1, n.1, p.3-12, jan./jun., 2008

PIRENNE, Henri. **As Cidades da Idade Média**. Mem Martins: Europa- América, 2009.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, pp. 200-212, 1992.

RAMINELLI, R. **História urbana**. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (Org.) **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia da história**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p.185-202.

RECHIA, Simone. Espaço e planejamento urbano na sociedade contemporânea: políticas públicas e a busca por uma marca identitária na cidade de Curitiba. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 11, n. 3, pp. 49-66, 2005.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa** (Tomo III). São Paulo: Papirus Editora, 1983.

ROGER, William. **Notes on oral history**. International Journal of Oral History, v. 7, n. 1, 1986, p. 23-8.

SANTOS, Antonio Cesar de Almeida. **O “mecanismo político” pombalino e o povoamento da américa portuguesa na segunda metade do século XVIII**. Revista de História Regional 15(1): 78-107, Verão, 2010.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem à província de Goiás**. São Paulo: Edusp, 1975.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas**. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, n. 1, 2009.

SCHLEE, Andrey de Aspiazú; MEDEIROS, Ana Elisabete de Almeida. **As intervenções contemporâneas em bens culturais patrimonializados**. O caso de Portugal. **Revista Paranoá - Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, Brasília, n. 22, pp. 182-95, 2018.

SCIFONI, Simone. Para Pensar a Educação Patrimonial. In: PINHEIRO, Adson Rodrigo S. (org.). **Cadernos do patrimônio cultural: educação patrimonial**. Fortaleza: Secultfor: Iphan, 2015.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do imperador**: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SPARKES, A. C., & SMITH, B. (2014). **Qualitative research methods in sport, exercise and health: From process to product**. London: Routledge.

SILVA, José Conceição da. **Contando histórias nas aulas de História: uma reflexão sobre memória e narrativa**. 2018. 95 f. Dissertação (Mestrado em História) – Mestrado Profissional em Ensino de História Universidade Federal Fluminense, 2018.

SOUZA, José Antônio Gomes de. **Objetos do Riso**. Goiânia: Ed. Do autor. 1998.

SOUZA E SILVA, Joaquim Norberto de. **Brasileiras célebres**. Brasília: Senado Federal, 2004.

THOMPSON, P. **A voz do passado - História Oral**. 2. Edição. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

ANEXOS

1 - MODELO DE QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ENTREVISTADOS

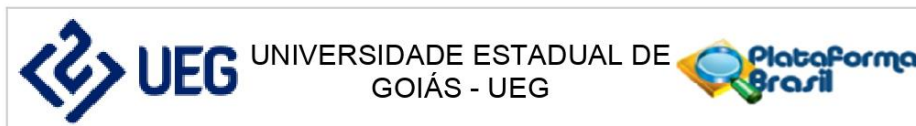
Este questionário teve o objetivo de dar suporte à pesquisa realizada e produzida no PROMEP no ano de 2023 a 2024, com o título: “Praça Damiana da Cunha: Preservação e Memória do Patrimônio de Mossâmedes, Goiás”. O roteiro de entrevista aplicado aos participantes foi elaborado pela pesquisadora, juntamente com o orientador.

- Classificação do participante (idade, gênero, tempo e bairro de residência na cidade de Mossâmedes);
- Qual a frequência do participante a praça Damiana da Cunha?
- Quais festividades que acontecem na praça são mais significativas para o participante?
- Qual festividade que acontece na praça que o participante entende como importante para a sociedade?
- Qual foi o momento mais importante para o participante vivenciado na praça?
- As modificações que ocorreram na praça no decorrer dos anos impactaram de alguma forma o participante?
- O participante associa a praça como um ponto turístico para a cidade de Mossâmedes?
- Qual a frequência de atividades culturais e religiosas na praça?
- O participante reconhece Damiana da Cunha como uma identidade histórica para o município?
- Quando o participante vê a escultura de Damiana da Cunha na praça, qual a percepção que a imagem passa?
- Qual impacto a última reforma com a homenagem a Índia Damiana Cunha teve para o participante?
- Identificação de símbolos e marcos na praça?
- A partir de todos esses questionamentos podem surgir outros no decorrer das entrevistas.

2 – TABELA DOS ENTREVISTADOS SEGUNDO NOME/IDADE

Número de entrevistados	Nome dos Participantes	Idade
1	Gabriella de Deus Rosário	25 anos
2	José Verissimo Santana	71 anos
2	Sebastião Moreira Filho	38 anos
4	Marilene Adorno Prudente	66 anos
5	Mauro Francisco dos Santos	48 anos
6	Divino José Pereira	65 anos
7	Sandra Luzia Leite Amorim	50 anos
8	Matildes Ferreira Borges	52 anos
9	Marta Maria C. de A. Cunha	55 anos
10	Maria José Modesto Silva	54 anos
11	Joaquim Batista Leite	87 anos

3 - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Praça Damiana da Cunha, Um Lugar de Memória e Cidade de Mossâmedes-GO

Pesquisador: Carolina Pimenta Cardoso

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 74154523.5.0000.8113

Instituição Proponente: Universidade Estadual de Goiás - Câmpus Cora Coralina

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.496.319

Apresentação do Projeto:

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas dos arquivos Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2199607.pdf) e projeto detalhado ("projeto.pdf", de 04/09/2023).

Resumo:

A pesquisa propõe o estudo sobre a Praça Damiana da Cunha, na cidade de Mossâmedes-GO, a partir do entendimento de lugar de memória. A Praça está localizada no centro da cidade de Mossâmedes, nela é realizada as principais festividades da cidade e está edificada a Igreja Matriz de São José, único bem tombado no município.

Introdução

As praças são espaços públicos nas cidades em geral, frequentadas por diversas pessoas de diferentes faixas etárias e grupos sociais. São utilizadas com diversas finalidades, seja para manifestações artísticas, lazer, descanso, recreação dentre outras atividades. A discussão aqui abordada é sobre a praça Damiana da Cunha, que está localizada no Centro da cidade de Mossâmedes-GO, localizada a 151 km da cidade de Goiânia-GO. A praça é um espaço urbano de

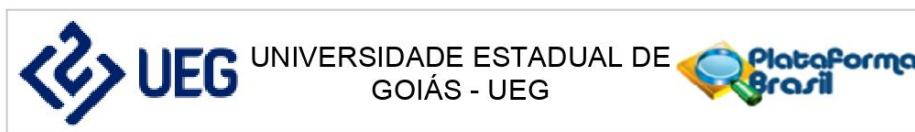
Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo

Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903

UF: GO **Município:** ANAPOLIS

Telefone: (62)3328-1439

E-mail: cep@ueg.br



Continuação do Parecer: 6.496.319

1.3- Contato por meios virtuais aos participantes de pesquisa

A pesquisadora esclarece que o recrutamento (contato) com os participantes da pesquisa não será por meio virtual e sim de forma direta, por meio de abordagens de pessoas previamente identificadas como portadoras de conhecimento acerca desse patrimônio cultural.

RESPOSTA: Adequação realizada conforme solicitado.

ANÁLISE: Pendência atendida.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2199607.pdf	23/10/2023 20:18:06		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PREPROJETO.pdf	23/10/2023 20:17:48	Carolina Pimenta Cardoso	Aceito
Outros	COMPROMISSO.pdf	28/09/2023 13:13:15	Carolina Pimenta Cardoso	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	28/09/2023 13:10:50	Carolina Pimenta Cardoso	Aceito
Folha de Rosto	folha.pdf	04/09/2023 19:43:20	Carolina Pimenta Cardoso	Aceito

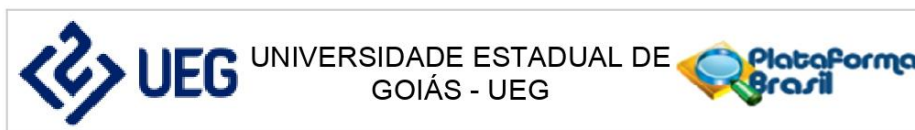
Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo
Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903
UF: GO **Município:** ANAPOLIS
Telefone: (62)3328-1439 **E-mail:** cep@ueg.br



Continuação do Parecer: 6.496.319

ANAPOLIS, 08 de Novembro de 2023

Assinado por:
ISRAEL CANDIDO DA SILVA TRAVAGLIA
(Coordenador(a))

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo
Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903
UF: GO **Município:** ANAPOLIS
Telefone: (62)3328-1439 **E-mail:** cep@ueg.br

4 - CERTIDÃO DE CASAMENTO DA INDIGÊNA DAMIANA DA CUNHA

DIOCESE DE GOIÁS

PARÓQUIA DE MOSSÂMEDES - GOIÁS - GO.

Certidão de Casamento

Certifico que no Livro de Casamento N.º 1 Fls. 39 N.º ?
 existe o seguinte assentamento:

Aos vinte e oito de julho de mil oitocentos e vinte e dois
 na Igreja S. José de Mossâmedes em presença do Rdo. Francisco José de Al
 meida e das testemunhas Bento José Alves e Pelipe
 Neri da Silva
 se receberam em matrimônio Manoel Pereira da Cruz e Damiana da Cunha

X
 de X
 X

nascido na Paróquia de X X X X Diocese de X X X X X
 X X X X Estado de X X X X aos X X de X X X
 mil X X X X X X X X residente em X X X X X X X X
 X X X X ; Ela, filha X X X X de X X X X X X X X
 X
 X X X X X X X X nascida na Paróquia de X X X X X
 X X X X Diocese de X X X X Estado de X X X X
 aos X X X X de X X X X de mil X X X X X X X X
 residente em X X X X X X X X receberam as bênçãos nupciais e para
 constar lavrei o presente termo que assino.

Pe. Francisco José de Almeida
 Vigário

X
 X
 X

Goiás, 28 de julho de 1922

J. F. Xavier - Secretária
 Assinatura

Estado de Goiás
 Poder Judiciário
 Comarca de Mossâmedes
 Cartório do 1.º Ofício
AUTENTICAÇÃO
 Confere com o Original Dec.
 Lei n.º 2.148 de 25/04/1940
 Mossâmedes, 01/02/87
 [Assinatura]
 ESCRITÓRIO

5 - CONTRATO DE EXTENSÃO DA PRAÇA DAMIANA DA CUNHA

57

CAIXA	Contrato de Repasse	Grau de sigilo BPUB/ICO
CONTRATO DE REPASSE Nº 789837 / 2013 / MINISTÉRIO DAS CIDADES / CAIXA PROCESSO Nº 2535.1008338-09 / 2013		
CONTRATO DE REPASSE QUE ENTRE SI CELEBRAM A UNIÃO FEDERAL, POR INTERMÉDIO DO MINISTÉRIO DAS CIDADES, REPRESENTADO(A) PELA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL, E O(A) MUNICÍPIO DE MOSSAMEDES - GO, OBJETIVANDO A EXECUÇÃO DE AÇÕES RELATIVAS AO MCDIPLANEJ URBANO - OBRAS INTEGR REABILIT URBANA.		
Por este Instrumento Particular, as partes abaixo nomeadas e qualificadas, têm, entre si, justo e acordado o Contrato de Repasse de recursos orçamentários da União, em conformidade com os Anexos a este Contrato de Repasse e com a seguinte regulamentação, Decreto 93.872, de 23 de dezembro de 1986, e suas alterações, Decreto nº 8.170, de 25 de julho de 2007, e suas alterações, Portaria Interministerial MPOCM/FGU nº 507, de 24 de novembro de 2011, Lei de Diretrizes Orçamentárias vigente, Diretrizes Operacionais do Concedente para o exercício, Contrato de Prestação de Serviços (CPS) firmado entre o Concedente e a Caixa Econômica Federal e demais normas que regulamentam a espécie, as quais os contratantes se submetem, desde já, na forma ajustada a seguir:		
SIGNATÁRIOS I - CONTRATANTE - A União Federal, por intermédio do Concedente MINISTÉRIO DAS CIDADES, representada pela Caixa Econômica Federal, instituição financeira sob a forma de empresa pública, dotada de personalidade jurídica de direito privado, criada pela Decreto-Lei nº 759, de 12 de agosto de 1969 e constituída pelo Decreto nº 66.303, de 6 de março de 1970, regida pelo Estatuto aprovado pelo Decreto nº 7.873, de 28 de março de 2013, e suas alterações, com sede no Setor Bancário Sul, Quadra 04, Lote 3/4, Brasília-DF, inscrita no CNPJ-MF sob o nº 00.360.305/0001-04, na qualidade de Agente Operador, nos termos dos instrumentos supracitados, neste ato representada por VALDIR BORGES DE OLIVEIRA, RG nº 1571184 SSP-GO, CPF nº 413.458.491-34, residente e domiciliado(a) em Goiás-GO, conforme procuração lavrada em notas do 2º Tabelião de Notas e Protesto - DF, no livro 2866, fls 024025, em 04/07/2011 e substabelecimento lavrado em notas do 4º Registro Civil e Tabelionato de Notas, no livro 009665, fls 129/130, em 10/01/2013, doravante denominada simplesmente CONTRATANTE. II - CONTRATADO - MUNICÍPIO DE MOSSAMEDES - GO, inscrito no CNPJ-MF sob o nº 02.267.698/0001-31, neste ato representado pelo respectivo (cargo), Sr(a) DIVINA LUCIA DE ALMEIDA, portador(a) do RG nº 1060037 SSP/GO e CPF nº 247.016.231-04, residente e domiciliado(a) à AV. JOÃO FERREIRA DA CUNHA - 631 - CENTRO, MOSSAMEDES-GO, doravante denominado(a) simplesmente CONTRATADO.		
OBJETO DO CONTRATO DE REPASSE AMPLIAÇÃO E REVITALIZAÇÃO DA PRAÇA PÚBLICA DAMIANA DA CUNHA, SITUADA NA AV. AUGUSTO FERREIRA RIOS		
MUNICÍPIO(S) BENEFICIÁRIO(S) MOSSAMEDES - GO.		
CONDIÇÃO SUSPENSIVA Documentação: TITULARIDADE DE ÁREA E PROJETO DE ENGENHARIA Prazo para entrega da documentação pelo CONTRATADO: 5 (CINCO) meses. Prazo para análise pela CAIXA após apresentação da documentação: 01 mês.		
CONTRATAÇÃO SOB LIMINAR (X) Não () SIM Apenas no caso de contratação sob liminar, aplica-se a Cláusula Décima Sétima do Anexo ao Contrato de Repasse - Condições Gerais.		
DESCRIÇÃO FINANCEIRA E ORÇAMENTÁRIA Recursos do Repasse da União R\$ 245.850,00 (duzentos e quarenta e cinco mil, oitocentos e cinquenta reais). Recursos da Contrapartida aportada pelo CONTRATADO R\$ 5.150,00 (cinco mil, cento e cinquenta reais). Recursos do investimento (Repasse + Contrapartida) R\$ 251.000,00 (duzentos e cinquenta e um mil e reais). Nota de Empenho nº 2013ME07118, emitida em 06/11/2013, no valor de R\$ 245.850,00 (duzentos e quarenta e cinco mil, oitocentos e cinquenta reais), Unidade Gestora 175094, Gestão 0001. Programa de Trabalho: 1545120541D73 0052. Natureza da Despesa: 444042. Conta Corrente Vinculada do CONTRATADO: 1238.008.00647124-9.		
PRAZOS Data da Assinatura do Contrato de Repasse e Anexos: 10/12/2013.		

Término da Vigência Contratual: 30/10/2016.
 Prestação de Contas: 60 (sessenta) dias após o término da vigência contratual ou conclusão da execução do objeto, o que ocorrer primeiro.
 Arquivamento: 20 anos contados da aprovação da prestação de contas pela CONTRATANTE ou da instauração da tomada de contas especial, se for o caso.

FORO
 Justiça Federal, Seção Judiciária do Estado de GOIAS

ENDERECOS
 Endereço para entrega de correspondências ao CONTRATADO: AV. JOAO FERREIRA DA CUNHA - 631 - CENTRO, MOSSAMEDES-GO.
 Endereço para entrega de correspondências à CONTRATANTE: R. BARAO DE COTEGIPE, 266 ED CAIED TOWER, 4º ANDAR ANAPOLIS - GO.

Assinatura Contratante
 Nome: VALDIR BORGES DE OLIVEIRA
 CPF: 413.458.491-34

Assinatura Contratado
 Nome: DIVINA LUCIA DE ALMEIDA
 CPF: 247.018.231-04

Testemunhas

Nome: Valdir B. de Oliveira
 CPF: 387.838.781-44

Nome: Divina L. de Almeida
 CPF: 042.860.121-90

CONTRATO EM CONFORMIDADE

Data: 10.01.14

Assinatura

NEUSA MARIA DE ARAÚJO BRITO
 Coordenadora de Fiscal
 GIDUR/Anápolis
 Mat. 087.809-2